

ZARÍ MORAIS DA TRINDADE

**NARRATIVAS DA MATURIDADE:
APAGAMENTOS IDENTITÁRIOS NO ENSINO SUPERIOR**

RIO GRANDE
2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA(GEM), DISCURSO E ENSINO**

**NARRATIVAS DA MATURIDADE:
APAGAMENTOS IDENTITÁRIOS NO ENSINO SUPERIOR**

ZARÍ MORAIS DA TRINDADE

ORIENTADOR: Prof. Dr. Valter Henrique de Castro Fritsch

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Estudos da Linguagem. Linha de pesquisa: Linguagem, Discurso e Ensino, da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

RIO GRANDE
2021

Ficha Catalográfica

T833n Trindade, Zari Morais da.
Narrativas da maturidade: apagamentos identitários no Ensino Superior / Zari Morais da Trindade. – 2021.
159 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021.
Orientador: Dr. Valter Henrique de Castro Fritsch.

1. Narrativas 2. Maturidade 3. Apagamentos Identitários
4. Linguística Aplicada I. Fritsch, Valter Henrique de Castro II. Título.

CDU 378

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Oxalá por ter me concedido forças para vencer esta batalha, pois sem fé eu jamais teria conseguido;

À minha família, que sempre me incentivou e foi meu alicerce nessa jornada, em especial, ao meu marido Olalio, meu filho Rodrigo, minha irmã Jussara e as sobrinhas Francisca e Roberta;

Ao amigo e compadre Pierre Pires pelo incentivo, contribuições e apoio nas horas difíceis;

Ao amigo Eduardo pela amizade e disponibilidade;

Aos docentes do ILA e PPGL, que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal;

Aos amigos que fiz ao longo desse caminho;

Ao meu orientador Valter pelos ensinamentos, incentivo, amizade e compreensão de que, antes de tudo somos seres humanos;

Aos participantes dessa pesquisa pela disponibilidade em me auxiliar na construção dessa dissertação.

À CAPES pela concessão da bolsa que permitiu que eu dedicasse tempo para realização deste trabalho.

Nem sei que indivíduo eu sou. Eu sou um fragmento de olhares alheios que me compõem. Eu não tenho uma natureza, eu sou do mundo. Então, eu sou uma síntese de todos os olhares alheios possíveis que existem sobre mim, também. (Araldo Antunes)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar os possíveis apagamentos de estudantes que ingressaram na universidade na maturidade, no que diz respeito às suas trajetórias acadêmicas, assim como nos ambientes universitários, visto que, geralmente, esses espaços são compartilhados por estudantes mais jovens. A pesquisa foi realizada a partir do levantamento de dados, por meio de uma pesquisa qualitativa, com 12 estudantes universitários, com idades a partir de 40 anos, de uma Universidade Federal no estado do Rio Grande do Sul, do curso de Letras, entre os anos de 2010 a 2014. Para estabelecer tal estudo, centramos nosso aporte teórico na Linguística Aplicada (LA) (Moita Lopes, 1996, 2001, 2009). Essa proposta tem por objetivos específicos: i) Identificar narrativas de estudantes acadêmicos, pré-selecionados com base no perfil da pesquisa, com o intuito de compreender os processos de motivação e de acolhimento desses participantes no ambiente universitário; ii) Investigar a adaptação desses alunos no ambiente acadêmico, no que tange suas interações sociais e ii) Compreender de que maneira ocorrem as interações sociais com os participantes da pesquisa no âmbito acadêmico. A pesquisa foi de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, visto que almejávamos revelar os dizeres dos participantes, para assim, identificar a ocorrência ou não de situações de apagamentos acadêmicos. A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas narrativas, com roteiro aberto nas quais, a partir da autorização dos participantes, foi utilizado um gravador. A análise do corpus foi realizada a partir dos embasamentos teóricos abordados no decorrer do trabalho, visto que a interpretação da narrativa demanda a interdisciplinaridade dos saberes. Como resultado, percebemos, por meio das narrativas, que ocorrem exclusões no ambiente universitário, ocasionados pela faixa etária, assim como outras questões sociais, as quais culminam em apagamentos identitários no ensino superior.

Palavras-chave: Narrativas; Maturidade; Apagamentos identitários.; Linguística Aplicada.

ABSTRACT

This work has as general objective to analyze the possible erasing of students who entered the university in maturity, regarding their academic trajectories, as well as in university environments, since, generally, these spaces are shared by younger students. The research was carried out from the data collection, through a qualitative research, with 12 university students, aged 40 years and over, from a Federal University in the state of Rio Grande do Sul, from the Letters course, among the years from 2010 to 2014. To establish such a study, we centered our theoretical contribution on Applied Linguistics (AL) (Moita Lopes, 1996, 2001, 2009). This research has the following specific objectives: i) To identify narratives of academic students, pre-selected based on the researched profile, to understand the motivation and welcoming processes of these participants in the university environment; ii) To investigate the adaptation of these students in the academic environment, regarding their social interactions and ii) To understand how social interactions occur with the researched participants in the academic context. The research was of a qualitative nature, of the case study type, since we aimed to reveal the statements of the participants, to identify the occurrence or not of situations of academic erasing. Data collection took place through narrative interviews, with an open script in which, with the authorization of the participants, a recorder was used. The analysis of the corpus was carried out based on the theoretical foundations approached during the work, since the interpretation of the narrative demands the interdisciplinarity of knowledge. As a result, we realize, through the narratives, that exclusions occur in the university environment, caused by the age group, as well as other social issues, which culminate in identity erasures in higher education.

Keywords: Narratives; Maturity; Identity erasure; Applied Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Estrutura da Entrevista Narrativa.....	24
---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos participantes.....	57
--	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1.	SOBRE A NARRATIVA	17
1.1	Conceituando a Narrativa	18
1.2	A Narrativa e a Formação de Sentido	20
1.3	A Entrevista Narrativa	21
1.4	Construindo Dados na Entrevista Narrativa em Investigações na Linguística Aplicada	26
1.5	Interpretando os dados na Entrevista Narrativa	29
1.6	A Influência Cultural na Narrativa	34
1.7	Narrativa e Identidade	35
1.8	Avaliação Social por Meio da Narrativa	36
2.	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	38
2.1	A influência dos Conceitos Morais na Construção da Identidade	40
2.2	Conceituando a Maturidade	43
2.3	Questões Identitárias na Maturidade	47
2.4	Pesquisa Qualitativa e Linguística Aplicada	53
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE E DADOS	56
3.1	Participantes	56
3.2	Procedimento: Métodos e Estratégias	57
3.3	Análise e Resultados Dos Dados	59
3.3.1	Maturidade e Ingresso no Ambiente Acadêmico	60
3.3.2	Universidade e Acolhida na Maturidade	64
3.3.3	Maturidade: Vivências e Apagamentos no Meio Acadêmico	69
3.3.4	Maturidade Identitária	73
	CONCLUSÃO	76
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE I - DOCUMENTOS	84
	APÊNDICE II – QUESTÕES NORTEADORAS	92
	ANEXO I - ENTREVISTAS	93

INTRODUÇÃO

“O tempo é um ponto de vista. Velho é quem é um dia mais velho que a gente... Idades só há duas: ou se está vivo ou morto”. Mesmo porque, independentemente da idade, “o passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente” e todos temos de nos haver com isso”. Mario Quintana. (CADERNO H, 1973).

O poeta Mario Quintana, ao refletir sobre a questão da idade, acaba por trazer um conceito que é bastante comum no discurso corrente – a ideia de que a idade seria um estado de espírito e não uma questão física, material e palpável. Eu, contudo, me permitirei discordar do grande poeta, pois dentro de minhas vivências acadêmicas percebi e percebo que diferentes idades trazem diferentes experiências e que vivenciar uma determinada experiência, como cursar uma graduação na maturidade, pode ser uma tarefa muito difícil, se o sujeito não estiver preparado para as várias formas de violência, preconceito e de apagamentos simbólicos que podem ocorrer neste meio.

Assim, o interesse para esta pesquisa partiu de minhas experiências, enquanto acadêmica do curso de licenciatura Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pois em minha jornada pessoal vivenciei e presenciei situações de apagamentos sociais, meus ou de colegas de aula, dentro do ambiente universitário. Tais apagamentos aconteceram muitas vezes de maneiras muito sutis e veladas, seja por parte de outros colegas, ou mesmo de docentes, que em pequenos gestos, discursos e silenciamentos, podem acabar por apagar a presença do sujeito em idade madura no contexto de sala de aula. Sendo assim, tenho um interesse bastante pessoal por esta pesquisa, pois trata-se de passar a limpo minha trajetória como aluna, professora, pesquisadora e mulher madura. Esta é uma jornada para partilhar vivências, assim como ouvir histórias – as minhas próprias e as daqueles que como eu, ingressaram na universidade na maturidade.

Quando ingressei no ensino superior, em 2011, a princípio, senti um misto de surpresa e alegria, porém, ao refletir um pouco, logo pensei em como seria voltar a estudar depois de muito tempo e, principalmente, em como seria sair da minha zona conforto e me arriscar a conhecer e conviver com pessoas, provavelmente, em sua maioria, mais jovens que eu.

E assim, adentrei na universidade com muita emoção, expectativas e insegurança deixando bem claro para todos que vibravam com a boa nova que só iria à primeira semana,

conforme rege para a confirmação da matrícula. Porém, me apaixonei pelo curso, o qual foi o meu sonho de infância e que por motivos particulares não pude concretizar na juventude.

Não foi fácil, pois, além de exercer as funções de mãe, esposa e dona de casa, não estudava há muito tempo e precisei me atualizar e me dedicar em dobro, a fim de poder acompanhar e realizar as demandas que o mundo acadêmico exige.

Assim, vivenciei e presenciei muitas situações de apagamentos, a maioria veladas.

Tenho algumas memórias doloridas sobre essas situações, que aqui chamo de apagamentos, ou seja, quando alguém está presente fisicamente em um espaço, mas as práticas sociais fazem com que essa pessoa se sinta invisível no ambiente. Um bom exemplo era a prática comum que alguns colegas mais jovens tinham de fazer a minha parte de algum trabalho sob a justificativa de me “ajudar”, quando na verdade o receio era de que eu não teria competência para tal. Outra situação muito marcante para mim era quando depois de passar boa parte da aula alcançando chimarrão para colegas que estavam sentados distante uns dos outros, me era ofertado o último e ainda me era dito que já estava frio e que ninguém mais queria. Não foi o chimarrão em si que me marcou, mas sim a simbologia de inclusão, aceitação e pertencimento que ele continha naquele contexto.

Com relação aos docentes, sempre tive muito boa relação com todos, porém, no primeiro ano de graduação dois acontecimentos me marcaram. Era a primeira semana de aulas do ano letivo e nos foi solicitado que nos apresentássemos e falássemos sobre nossas expectativas com relação ao curso. Quando me apresentei e falei, a professora continuou falando das dificuldades do curso e ao caminhar pela sala, olhou para mim e disse que era lógico que muita gente, embora se esforçasse, não conseguiria concluir o curso. Talvez ela estivesse falando para todos, mas como já estava me sentindo deslocada, fiquei muito constrangida e desanimada.

Em outra ocasião, perguntei para outra professora se ela tinha alguma bolsa em seu projeto, pois além de estar precisando, também era uma forma de me inserir e uma possibilidade de melhorar meu desempenho acadêmico, pois gostava muito da disciplina que ela lecionava.

Nesse dia, ela me disse que não tinha, mas assim que tivesse entraria em contato comigo.

Passou um tempo, talvez 2 ou 3 meses e um dia, quando a sua aula estava finalizando e estávamos saindo da sala, ela chamou uma colega que era bem jovem para conversar. Ao passar por elas, ouvi a professora oferecendo uma bolsa à ela. Fiquei bem chateada e me sentindo completamente incapaz, pois fiquei na dúvida se ela chamou a colega por apostar na juventude dela para melhor desempenhar as atividades da bolsa ou se ela realmente esqueceu que tínhamos conversado.

Passou mais um tempo e consegui por meio de uma colega de turma da minha idade, a minha primeira bolsa na universidade. Lá fiz amizades e aprendi muito, sou grata até hoje pela oportunidade e ainda mantenho contato com alguns colegas. Porém, também foi lá que passei por uma situação de racismo explícito, a qual me deixou muito mal e me levou a quase desistir do curso, mas a situação foi “resolvida” internamente, mas isso é outra história que não se enquadra no escopo dessa dissertação.

Também ouvi o relato de uma situação de apagamento vivenciada por uma colega, com idade superior a minha, que estando com dificuldades em uma determinada disciplina do curso, foi falar com a professora que a lecionava e ouviu da mesma que, de repente era melhor ela desistir, já que não estava conseguindo dar conta do conteúdo. Essa colega me contou esse fato chorando e estava tão constrangida e depressiva que não quis falar o nome da professora. Algum tempo depois ela desistiu e fiquei muito triste quando soube.

Dentre tantos episódios tristes, tive uma experiência muito boa com outra professora da qual lembro até hoje. Ela havia solicitado um trabalho e quando o entreguei não estava de acordo com as normas da ABNT¹, pois naquela época eu as desconhecia. Então, expliquei isso para a professora e ela aceitou meu trabalho do jeito que estava, dizendo que iria avaliar o conteúdo e me orientou em como aprender a usar as normas. Fiquei emocionada com a atitude dela e lembro com muito carinho desse fato tão marcante e solidário dessa professora.

Enfim, foram muitos momentos, os quais hoje relembro e percebo que, embora na época tenham me deixado depressiva e, por vezes me fizeram repensar se valia a pena continuar, se eu realmente era capaz, com certeza eles também contribuíram para eu procurar me superar diante dos desafios explícitos e implícitos na minha jornada acadêmica.

Sendo assim, considero importante pontuar que, provavelmente, outras questões sociais, além da maturidade cronológica, tais como econômicas e raciais, também estavam envolvidas nesse contexto, visto que na turma havia outros discentes na mesma faixa etária que eu, mas com características diferentes das minhas e que foram acolhidos nos grupos predominantemente composto por pessoas mais jovens. Porém, para este trabalho detive meu olhar mais especificamente para a maturidade cronológica, traçando um breve esboço da idade psicológica, pois a partir das leituras teóricas para o embasamento deste trabalho, pude perceber que são fatores distintos e por isso, nem sempre estão em comunhão. Ou seja, a idade de uma pessoa

¹ Associação Brasileira de Normas Técnicas

não é um fator determinante para configurar maturidade perante alguns acontecimentos e interações contextuais.

Vale ressaltar que, independentemente dessas situações pontuais, também fiz muitas amizades com diversos discentes das mais variadas idades com os quais vivenciei momentos prazerosos de troca de saberes, dentro e fora da universidade, e o mesmo se aplica a alguns docentes.

Sendo assim, penso que abordar tal temática tem uma grande relevância, visto que, atualmente, um número considerável de indivíduos nessa faixa etária está adentrando nas universidades e, talvez passem ou presenciem situações de apagamentos nesses contextos, o que pode ocasionar, além da baixa autoestima, a desistência de suas jornadas acadêmicas.

Nesse sentido, a presente dissertação centrou-se no estudo das narrativas de participantes que ingressaram na universidade a partir dos 40 anos e das eventuais dificuldades que tenham encontrado. Para estabelecer tal estudo, centramos nosso lastro epistemológico na Linguística Aplicada (LA) Moita Lopes (2009), que enquanto área do conhecimento vem passando por uma série de transformações, agregando ao seu escopo de pesquisa questões que antes eram impensadas dentro dos estudos da linguagem.

Dessa forma, no capítulo 1, denominado “Sobre a Narrativa”, conceituamos a narrativa e sua função social de expressarmos o mundo na forma como o percebemos, de acordo com Brooks (1992), Labov e Waletzky (1967), Labov (1972), Henriques (2000) e Sarbin (1986). Na sequência, apresentamos alguns pensares sobre “A Narrativa e a Formação de Sentido”, ou seja, as possibilidades de significação explícitas e implícitas na narrativa, nas perspectivas de Fernandes (2001), Gonçalves (2000) e Manita (2000). No tópico seguinte, discorremos sobre “A Entrevista Narrativa”, a qual, segundo Schütze (1992) e Jovchelovitch e Bauer (2000) configura uma ferramenta eficaz para a obtenção de dados. Ainda, desenvolvemos a temática “Construindo dados na Entrevista Narrativa em Investigações na Linguística Aplicada”, a partir dos pressupostos de Moita Lopes (2009), Alastair Pennycook (2008), Branca Falabella Fabrício (2008) e Van Lier (1988), os quais pontuam a relevância dos estudos em Linguística Aplicada como um meio de explorar e propiciar a reflexão sobre questões sociais que vão além dos contextos educacionais.

Na sequência temos a temática “Interpretando os dados na Entrevista Narrativa”, sobre a qual recorreremos a Schütze (1992, 2010), Jovchelovitch e Bauer (2000), Weller (2009) e Moita Lopes (2006), citando seus procedimentos para interpretação e análise de dados. Após abordamos “A Influência Cultural na Narrativa”, segundo Marcuschi (2002), Koch (2000),

Neves (2003), Martin (1997), Ortiz (1994) e Souza (2011), em outros termos, a atuação cultural como uma forma de avaliar a inserção ou exclusão de determinados meios e grupos sociais.

Em prosseguimento, apresentamos o tópico “Narrativa e Identidade”, sob o embasamento de Moita Lopes (2001), Mishler (1999), Ewick e Silbey (2003), Dyer & Keller-Cohen (2000) e Duszak (2002), o qual consiste na premissa de que nas interações sociais buscamos o outro por afinidades ou desigualdades, pois são elas que vão determinar a nossa aproximação ou distanciamento, visto que vivemos em constante (re)construção identitária, a partir das nossas experiências. Finalizando o primeiro capítulo, discorreremos sobre a “Avaliação Social por Meio da Narrativa” na visão de Charlotte Linde (1993, 1997), a qual destaca e analisa a proximidade entre avaliação e prática social, como elemento de negociação nas interações sociais. Ainda segundo a autora, essa relação é primordial, pois é a partir dela que podemos estabelecer uma possível relação entre avaliação e (re)construção identitária, visto que para ela, a avaliação é um “fenômeno extremamente persuasivo.” (LINDE, 1997, p).

No capítulo 2 apresentamos “A Construção da Identidade”, a partir de Hall (2006) e Dusak (2002), no qual são explanados alguns fatores sócio-histórico-culturais que contribuem para a nossa formação identitária, após abordamos “A Influência dos Conceitos Morais na Construção da Identidade”, na ótica de Charles Taylor (1997) e Habermas (1990), quando abordamos quais os elementos que usamos para julgar o que é “certo” e “errado” e, por conseguinte, moralmente adequado com base no que nos é ensinado desde que passamos a interagir socialmente. Em continuidade, temos a tônica “Conceituando a Maturidade”, nas concepções de Gusmão (2001), San Martín e Pastor (1996), Hoyer & Roodin (2003), Costa & Pereira (2005), Neri (2005), Fooker (2015) e Pacheco (2005), isto é, a definição do que é maturidade em um sentido amplo, o qual abrange a maturidade nas perspectivas cronológica, biológica, psicológica e social.

O ponto seguinte consiste nas “Questões Identitárias na Maturidade”, na perspectiva de Hall (2006) e Rajagopalan (2001), os quais discorrem sobre as mudanças ocorridas devido a globalização, sua influência nas questões de identidade e, conseqüentemente a necessidade de se repensar alguns valores como forma de inserção na nova realidade cada vez mais tecnológica e rápida.

Encerrando esse capítulo, dissertamos sobre a “Pesquisa Qualitativa e Linguística Aplicada”, sob a argumentação de Trivinos (1987), Minayo (1995), Moita Lopes (1996) e Denzin/Lincoln (2006), os quais aprofundam a visão exploratória e subjetiva da pesquisa

qualitativa e as reflexões propiciadas pelo viés investigativo na perspectiva da Linguística Aplicada no que se refere às situações reais de uso da linguagem.

O terceiro e último capítulo, denominado “Procedimentos Metodológicos e Análise de Dados”, articula sobre a tarefa da narração e descreve as ferramentas metodológicas adotadas para a coleta e análise do *corpus*, assim como o perfil dos participantes e a análise dos dados obtidos.

Dessa forma, reforço que a escolha por essa temática é de cunho pessoal e muito me emociona e orgulha, pois me empodera e dá voz para que eu possa falar sobre minha trajetória acadêmica, pois, a partir dessas e de outras experiências cresci muito, não só no âmbito dos saberes, mas também e talvez principalmente no âmbito pessoal. E espero que esse breve relato ecoe de maneira reflexiva e positiva aos possíveis leitores no que se refere ao respeito e empatia pelo próximo em qualquer contexto social, em especial, aos contextos educativos, os quais são permeados pelos mais diversos atores.

Ressalvamos que esta investigação foi norteada com base na Resolução nº 466/ 12, de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (CEPAS) e que, portanto, todos os aspectos éticos que abrangem a pesquisa com seres humanos foram respeitados.

1. SOBRE A NARRATIVA

Vivemos em um mundo repleto de histórias. Narrativas pessoais, políticas, ideológicas, míticas, religiosas e literárias que se encontram e se distanciam criando pontos de contato e de alteridade entre os indivíduos, forjando nossas identidades. A narrativa tem um papel fundamental na estrutura da sociedade em que vivemos. Desde crianças aprendemos com e através das narrativas que chegam até nós. É também através do ato de narrar que podemos encontrar uma forma de expressar e discutir o conteúdo de nossos pensamentos, crenças e emoções. O teórico da literatura Peter Brooks (1992) chama nossa atenção à importância do papel da narrativa no mundo em que vivemos. De acordo com o autor,

Our lives are ceaselessly intertwined with narrative, with the stories that we tell and hear told, those we dream or imagine or would like to tell, all of which are reworked in that story of our own lives that we narrate to ourselves in an episodic, sometimes semiconscious, but virtually uninterrupted monologue. We live immersed in narrative, recounting and reassessing the meaning of our past actions, anticipating the outcome of our future projects, situating ourselves at the intersection of several stories not yet completed. The narrative impulse is as old as our oldest literature: myth and folktale appear to be stories we recount in order to explain and understand where no other form of explanation will work. (BROOKS, 1992, p. 3)²

E, no entanto, se antes o mito, como aponta Brooks (1992, p.4), era uma maneira de expressar a verdade no mundo, da forma que a compreendíamos, hoje podemos expandir o conceito de narrativa para muitas instâncias, que levam em consideração diferentes sujeitos e diferentes realidades de fala, garantindo à narrativa um papel de protagonismo na forma como nos organizamos socialmente.

Assim, neste primeiro momento, destacaremos alguns conceitos sobre a narrativa, tais como suas vertentes e seguimentos, visto que, além de ser um dos principais gêneros dentro do universo da linguagem, também é o foco principal deste trabalho. A presente pesquisa incide na apreciação e análise das narrativas em um contexto específico e temático, como forma de perceber as nuances que permeiam os dizeres dos sujeitos envolvidos.

² Nossas vidas estão incessantemente entrelaçadas com a narrativa, com as histórias que contamos e ouvimos contadas, aquelas que sonhamos, imaginamos ou gostaríamos de contar, todas retrabalhadas nessa história de nossas próprias vidas que narramos para nós mesmos em um episódio, monólogo às vezes semiconsciente, mas praticamente ininterrupto. Vivemos imersos na narrativa, recontando e reavaliando o significado de nossas ações passadas, antecipando o resultado de nossos projetos futuros, situando-nos no cruzamento de várias histórias ainda não concluídas. O impulso narrativo é tão antigo quanto a literatura mais antiga: mitos e contos parecem ser histórias que recontamos para explicar e entender onde nenhuma outra forma de explicação funcionará. (As traduções de língua inglesa no corpo deste trabalho foram feitas por mim sob supervisão e revisão do orientador da dissertação).

Dessa forma, optamos pela coleta de relatos de vida por meio das narrativas para a composição desta dissertação, por entendermos que as comunicações humanas e sociais nos proporcionam um vasto campo interacional na troca de saberes no que se refere a ouvir e compreender os dizeres do outro. Nesta dissertação isso acontece a partir da narração de trajetórias acadêmicas, as quais também agregam experiências de histórias de vida e que, por meio do contar, podem desvelar suas crenças e os conceitos sociohistóricos e culturais que as permeiam.

1.1 Conceituando a Narrativa

Ao abordarmos algumas definições teóricas para conceituar a narrativa, instintivamente a associamos à ação de contar algo, de relatar um acontecimento, podendo este ser real ou imaginário e ter ou não a participação do narrador no fato contado, pois a narrativa constitui uma das mais importantes formas de interação social.

Nesse contexto, citaremos os pressupostos de alguns teóricos de áreas que dialogam entre si, como forma de apontar a primordial importância das narrativas nas interações e relações sociais dos sujeitos, visto que ela se faz presente nas mais diversas áreas de ensino. Para tanto, consideramos relevante citar perspectivas de autores diversos, os quais questionam as narrativas e suas nuances, como forma de complementar e firmar seu comprometimento social.

Os estudos sobre a narrativa foram introduzidos na área da sociolinguística pelos trabalhos dos linguistas Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), os quais definem a narrativa como “um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos que (infere-se) ocorreram de fato” (LABOV, 1972, p. 359).

Após os estudos de Labov, surgiram outras perspectivas sobre a temática, as quais traziam uma nova proposta de narrativa, a partir de um olhar socioconstrucionista (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005,), o qual não apreende a narrativa como forma de recapitulação de acontecimentos decorridos, mas sim como uma recontagem contextualizada, desencadeada por meio da rememoração de vivências. Portanto, a partir da visão dos autores, podemos entender que a narrativa consiste mais como uma reconstrução de vivências do que uma simples contação de fatos, visto que estamos em constante reconstrução de nossas histórias, as quais são influenciadas pelo contexto e situação em que estamos inseridos.

Para Henriques³ (2000), a narrativa é entendida como uma reação ou um ato terapêutico ao que é mundo moderno e suas instâncias sociais. Os sujeitos deixaram de serem meros processadores de informações e passaram a serem construtores ativos de significados. Tais pressupostos foram desenvolvidos pela psicologia e adotados pela autora, a partir de Kenneth Gergen⁴(1973) e classificam-se em: (i) construcionismo social⁵, (ii) construtivismo desenvolvimental⁶, (iii) o pós-modernismo e (iv) a narrativa, sendo esse último o interesse desse trabalho e sobre o qual a autora cita: “É através do processo de estruturação das experiências, dentro desta estrutura narrativa, que o ser humano encontra coerência e significado na sua vida” (HENRIQUES, 2000, p. 144). Ou seja, podemos entender que cada sujeito constrói a sua realidade narrativa a partir da sua impressão dos fatos e isso ocorre com base no seu conhecimento de mundo e suas vivências, as quais lhe possibilitam significar e ressignificar os sentidos interpretativos no contexto social onde estiver inserido.

Em continuidade à perspectiva da psicologia, Gonçalves (1996) cita que é nesse contexto que a linguagem passa a assumir um papel central, deixando de ser apenas um reflexo psicológico do mundo e passando a ser vista como o próprio fenômeno psicológico capaz de (re) construir a sua realidade nas interações comunicativas. Na concepção de Gonçalves (1998)

[...] as narrativas só têm existência num processo interpessoal de construção discursiva e como tal são inseparáveis do contexto cultural onde ocorrem, [...] a narrativa não é um ato mental individual, mas uma produção discursiva de natureza interpessoal e culturalmente contextualizada. (GONÇALVES, 1998, p. 23).

De acordo com o autor, podemos entender que as narrativas são construídas a partir das relações humanas, por meio da troca de saberes, os quais são constituídos pelas ideias adquiridas pelos sujeitos nos seus contextos culturais e que são desvelados nos seus dizeres.

³ Professora, investigadora e psicoterapeuta da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e tem se dedicado às psicoterapias narrativas, a partir da pós-modernidade.

⁴ Kenneth J. Gergen (nascido em 1935) é um psicólogo social americano e professor emérito do Swarthmore College.

⁵ Para o Construcionismo Social nós construímos teorias a respeito do funcionamento do mundo ativamente, mas sempre através da interação social.

⁶ Construtivismo desenvolvimental promove a imagem de que o conhecimento surge no contexto da interação social, no espaço entre as pessoas, mediado pela linguagem. Deste modo, a teoria construcionista social dá prioridade aos processos discursivos subjacentes à construção de significados partilhados pelas pessoas em interação e salienta os processos social e cultural sobre os processos individuais (Gergen 1982, 1985, 1991, 1994).

Em outras palavras, é na narrativa dos indivíduos que podemos perceber o posicionamento social e crítico dos sujeitos em relação à questão discursiva abordada.

Em prosseguimento, Sarbin (1986) declara que a narrativa é “(...) a forma de organizar episódios, ações e relatos de ações, é uma realização que junta fatos reais e de ficção onde o tempo e o espaço são incorporados (SARBIN, 1986, p. 9)”. De fato, ao ouvirmos uma narrativa, percebemos que ela tem uma sequência de tempo e espaço que podem ser alterados pelo narrador e esse artifício é usado como forma de dar maior veracidade e elucidação aos fatos narrados.

Assim, para que a narrativa ocorra, a linguagem tem um papel fundamental na elaboração do discurso e das instâncias que atravessam o mesmo. Todas as relações humanas são atravessadas pela linguagem e a narrativa parece apresentar-se como uma forma proficiente de gênero para que um amálgama de relações discursivas e sociais seja observado. Portanto, com base nos autores até aqui citados, podemos conceber que é por meio das interações linguísticas que o ser humano constrói e organiza o seu conhecimento e, nesse contexto, a narrativa vem ao encontro da necessidade do ser humano de interpretar e produzir significação para a pluralidade de contextos, aos quais está exposto.

1.2 A Narrativa e a Formação de Sentido

Sabemos que nas interações linguísticas, os interlocutores têm a necessidade de entender e de se fazer entender e, para que isso ocorra, é necessária a formação de sentido, de significação, ou seja, algo que nos remeta à formação de uma ideia ou opinião a respeito do tema em questão.

Dessa forma, de acordo com o autor, podemos entender que a narrativa carrega em si uma ramificação de possibilidades de significação, a qual permite aos interlocutores reflexão e apropriação da versão de entendimento que melhor lhe convir.

Porém, essa escolha não ocorre de maneira aleatória, ela é carregada de (pré) conceitos histórico-culturais, sociais e ideológicos, os quais estão internalizados que vão influenciar e nos habilitar na interpretação dos fatos e, conseqüentemente nos credenciar para a naturalização de um agir discursivo.

De acordo com Gonçalves (2000) apud Pontes (2006, p. 127) “a existência humana é caracterizada por um processo contínuo de construção de significado”. Ou seja, estamos em constante aprendizado e, por meio dele, mudamos nossos conceitos e opiniões e ressignificamos olhares a partir de um melhor entendimento do mundo que nos cerca. Em síntese, precisamos “significar” para poder entender.

O autor ainda destaca que “organizar narrativamente a experiência é, sobretudo, dar-lhe sentido” (GONÇALVES, 2000, p. 56). Desta maneira, entendemos que a narrativa carrega em si, além de vivências, a necessidade de formar sentido, de descrever um acontecimento (real ou não) de maneira condizente com o “eu” único de cada sujeito.

Nessa perspectiva, Manita (2000) declara que: “Organizar narrativamente a experiência é, acima de tudo, conferir-lhe sentido, sentido esse que se desenrola ao longo da trajetória existencial, inevitavelmente repleta de experiências diversificadas como é característico dos seres humanos” (MANITA, 2000, p. 19).

Podemos então entender que a narrativa é o relato de nossas experiências e que são carregadas de sentidos e significados, os quais podem ser reconstruídos a partir de novas vivências. Sendo assim, não existe narrativa sem significação, pois a cada nova experiência somos levados, mesmo que inconscientemente, a conjecturar alguma forma de entendimento que nos leve a significar o que foi exposto. Essa busca constante do ser pela significação das coisas é o que nos impulsiona para o querer saber, pois vivemos em um mundo que vai além das palavras e, como tal, está em constante ressignificação.

1.3 Entrevista Narrativa

Sendo a entrevista narrativa a ferramenta metodológica que se apresenta como esteio desta dissertação, considero importante apresentar nos próximos parágrafos um pequeno arrazoado de suas formas e sua aplicabilidade.

A entrevista narrativa configura uma ferramenta para obtenção de dados desenvolvida por Fritz Schütze, na década de 70 e foi concebida a partir do seu trabalho intitulado *A Linguagem de uma Perspectiva Sociológica*, publicada em 1975. Tal criação ocorreu devido ao fato de o autor perceber a necessidade de abordagens de interpretação direcionadas especificamente para as Ciências Sociais, tais como o Interacionismo Simbólico⁷, a

⁷ Para os interacionistas simbólicos, o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos. Os interacionistas argumentam que, para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados que são experienciados pelos participantes em um contexto particular.
[.https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011)

Etnometodologia⁸, a Etnografia da Comunicação⁹ e a Antropologia Cognitiva,¹⁰ visto que os procedimentos de metodologia convencionais não supriam as necessidades investigativas dos fenômenos sociais.

Para o autor, era necessário algo que demandasse um processo investigativo mais abrangente no que se refere à compreensão dos sujeitos, visto que a sociedade é constituída por diferentes tipos, os quais, igualmente a ela, interagem e estão em constante transformação.

Portanto, a entrevista narrativa pode vir a sanar a necessidade de um olhar mais aguçado para a elaboração e posterior análise dos dados coletados. Porém, o autor ressalva que, para que esse método seja mais eficaz e verídico na obtenção de dados no que se refere às narrativas, é necessário que o pesquisador não disponha de estruturas padronizadas ou com delimitação de respostas, as quais direcionam a narrativa para o que o pesquisador deseja ouvir e, conseqüentemente, leva o participante para uma atitude passiva e sem senso crítico. Segundo Schütze (1992).

[...] na narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento. (SCHÜTZE, 1992, p. 8-9).

Dessa forma, podemos perceber que o foco principal do modelo elaborado por Shütze (1992) é a investigação das experiências relatadas pelo participante sem a intervenção do pesquisador, a não ser em momentos pontuais, o qual, deve apenas dispor a temática e propiciar para que a espontaneidade se manifeste livremente, pois a narração livre propicia pleno desenvolvimento da atividade e, por conseguinte, a obtenção de dados confiáveis.

⁸ A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. A etnometodologia é, portanto, o estudo das atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser considerada como uma atividade prática. <https://blog.mettzer.com/etnometodologia/>

⁹ A etnografia da Comunicação é o estudo descritivo das diversas culturas e etnias humanas. Um ensaio etnográfico é aquele em que o autor se propõe a descrever e interpretar os hábitos, costumes, valores e práticas de uma comunidade específica. <https://www.infoescola.com/antropologia/etnografia/> Revista de Antropologia, Vol. 39, nºNo. 1 (1996), pp. 13-37

¹⁰ Antropologia Cognitiva é um campo de estudo que se dedica ao estudo das mudanças de linguagem na Macro-história humana. <https://clubedeautores.com.br/livro/antropologia-cognitiva-2>

A entrevista narrativa elaborada pelo autor ficou registrada em um manuscrito que não foi publicado, mas que mesmo assim, se propagou na Alemanha na década de 80. No Brasil, Jovchelovitch e Bauer (2000), foram os principais disseminadores dessa ferramenta e, a partir de suas experiências positivas, passaram a aconselhar o uso desse instrumento e disponibilizaram seu sistema. De acordo com os autores:

[...] contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p.91).

Portanto, podemos entender que, de acordo como os autores, a narrativa se constitui a partir das vivências dos sujeitos, os quais rememoram contextos, situações e personagens que fazem parte da sua construção e reconstrução identitária enquanto atores sociais.

Assim, sob a ótica dos autores, é possível realizar a dinâmica de entrevista narrativa com maior probabilidade de êxito na investigação almejada, a partir da seguinte estrutura:

Quadro 1- Estrutura da Entrevista Narrativa

FASES	REGRAS
Preparação Iniciação	Explorar o campo Formular perguntas exmanentes ¹¹ (emergem dos objetivos da pesquisa) Formular o tópico inicial da narração Empregar auxílios visuais quando necessário
Narração Central Fases de Questionamentos	Não interromper Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais

¹¹ As questões exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo).

	<p>Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?”</p> <p>Não opinar ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições</p> <p>Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”,</p> <p>Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa) para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado).</p>
Fala Conclusiva	<p>Facultar perguntas do tipo “Por quê?”, como porta de entrada para a análise subsequente.</p> <p>Fazer anotações imediatamente depois da entrevista</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Jovchelovitch e Bauer (2000, p.62).

Segundo os autores, primeiramente, é necessário explorar as lacunas existentes na temática abordada, a fim de abordá-las na proposta a ser lançada. Após esse passo, o pesquisador deve elaborar questões pertinentes e estar preparado para sanar e/ou amenizar, caso ocorra alguma controvérsia na dinâmica.

Em prosseguimento à perspectiva dos autores, também é sumariamente importante preservar a linguagem do participante, assim como adaptar a linguagem do pesquisador ao público-alvo, pois do contrário, dificilmente haverá interação e entendimento entre as partes, podendo ainda o pesquisador recorrer a materiais visuais e/ou áudios para auxiliar, conforme o objetivo da pesquisa.

Caso o pesquisador vá utilizar esses recursos, faz-se necessário formular uma motivação para tal uso, caso seja questionado, porém, deve atentar para que esse esclarecimento não influencie nas respostas da atividade.

Após essas prerrogativas, os autores discorrem sobre a efetivação das narrativas, as quais, de acordo com eles, não devem ser interrompidas pelo pesquisador, devendo este, após a exposição da temática, apenas estimular verbalmente o participante a atuar.

Nesse contexto, os autores ressaltam que, além de permitir que o participante discorra livremente o seu relato, o contato visual é muito importante no momento de escuta, pois ele propicia a criação de um vínculo de confiança, interesse e reciprocidade.

Também não menos importante, os autores frisam que nenhuma interrupção deve ocorrer até o fim do relato, pois tal procedimento pode influenciar na rememoração e sequência das experiências narradas, devendo o pesquisador fazer anotações de possíveis dúvidas sobre as informações relatadas para, posteriormente usá-las na fase seguinte, a de questionamento.

Na fase de questionamento, os conflitos resultantes do objetivo da pesquisa, passam a ser questões que surgem a partir do relato do participante. Nesse contexto, o pesquisador deve deter-se na pertinência dos fatos e, caso ainda necessite refinar os dados coletados, deve elaborar oralmente questões, as quais julgue serem necessárias para complementar os objetivos da pesquisa. Para essa finalidade, Jovchelovitch e Bauer (2000) sugerem três regras:

- 1) Não fazer perguntas do tipo “por quê?”, mas sim, questões que se refiram aos eventos narrados como: “O que aconteceu antes/depois/então?”. Perguntas sobre opiniões, atitudes ou causas também devem ser evitadas, pois podem levar o entrevistado a justificar-se ou racionalizar sobre o assunto de que trata;
- 2) Perguntar apenas questões iminentes, utilizando a linguagem do próprio entrevistado. O pesquisador faz perguntas que são, ao mesmo tempo, concernentes a potenciais narrativos do relato do entrevistado e aos tópicos do projeto de pesquisa. O objetivo das perguntas é “gerar um material novo e adicional além do esquema autogerador da história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p.64). Alguns exemplos: “Não entendi o que quis dizer quando se refere a...”; “Você menciona que sentiu/experimentou...acredita em.../tem planos de... Fale-me mais sobre isso.”; “Gostaria de saber mais sobre como foi esse episódio que você me contou”;
- 3) Não apontar eventuais contradições no relato do entrevistado, evitando um clima de investigação detalhada. (JOVCHELOVTCH e BAUER, 2000, p.64)

Finalizando as fases citadas, chegamos na fase da fala conclusiva, a qual, de acordo com os autores, o pesquisador deve desligar os aparelhos de multimídia e usar um bloco de notas a fim de assinalar as informações que definir serem relevantes e, também, caso julgue necessário, acrescentar os dados obtidos informalmente, após o encerramento da atividade.

Nesse momento informal, de acordo com os autores, são permitidos questionamentos por parte do participante, pois essa conversa deve servir para esclarecer e informar sobre qualquer dúvida existente por parte deste, além de também fortalecer a confiança e a credibilidade no pesquisador.

Ainda, com base em Moita Lopes (1994), podemos depreender que as narrativas produzidas pelos participantes, fornecem significações que não foram concebidas individualmente, mas sim a partir da pluralidade de sentidos históricos e socialmente construídos.

Tal afirmação reverbera com muita força na escolha da Linguística Aplicada Crítica como um dos lastros teóricos deste trabalho, visto que, na perspectiva de Moita Lopes (2006), o foco principal da Linguística Aplicada (LA) é a construção de conhecimentos relacionados às práticas discursivas produzidas na sociedade. De acordo com o autor, a LA deseja investigar essas práticas como forma de solucionar e/ou amenizar problemas sociais que, até então, não tinham um olhar mais específico sobre eles.

Assim, ao abraçar e dar voz à essas causas, a LA assume um papel de extrema relevância e comprometimento social, visto que, ao adentrar por esse viés, torna-se a “porta-voz” de problemas latentes na sociedade, geralmente velados, e que, como tal, precisam ser descortinados, ouvidos e discutidos.

1.4 Construindo Dados na Entrevista Narrativa em Investigações na Linguística Aplicada

Segundo Moita Lopes (2009), a Linguística Aplicada como área do conhecimento dá seus primeiros passos em 1940, com o desenvolvimento de materiais de ensino de língua estrangeira durante a Segunda Guerra Mundial, e se consolida quando, em 1964, ocorre a fundação da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada). Desde então, este campo tem passado por uma série de transformações que contribuíram muito para a forma como a disciplina tem se constituído nos dias de hoje.

Estamos diante de uma formulação de LA bem distante daquela centrada num ensino e aprendizagem de inglês e que, ao começar a se espalhar para outros contextos, aumenta consideravelmente seus tópicos de investigação, assim como o apelo de natureza interdisciplinar para reuni-los. Mas, no final do século XX e no início do século XXI, as mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas vivenciadas iniciam um processo de ebulição nas Ciências Sociais e nas Humanidades, que começam a chegar a LA. (MOITA LOPES, 2009, p. 18)

Podemos pensar a construção da LA em quatro momentos distintos – um primeiro momento em que ela é vista apenas como aplicação de linguística de uma forma mais embrionária, em um segundo momento, conhecido como a primeira virada na qual, através dos trabalhos de Widdowson (1991), questionamentos são propostos e a LA passa a ser pensada em contextos educacionais e questões que perpassam a interdisciplinaridade passam a ser mencionadas, um terceiro momento, conhecido como a segunda virada, no qual a LA começa a ser utilizada para estabelecer reflexões que extrapolam os contextos escolares e, no atual cenário, uma nova transformação da disciplina que assume um caráter mais híbrido, mestiço e, como Moita Lopes (2008, p.14) define, indisciplinar: “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central, sendo este último aspecto da disciplina, o embasamento para a argumentação desta dissertação.

Essa nova perspectiva que a LA tem lançado sobre as questões sociais atravessadas pelo fenômeno da linguagem, cria novas possibilidades de pesquisa no campo dos estudos linguísticos, como aponta Fritsch (2020),

Pensar em modos diferentes de teorizar a linguagem e as relações por ela atravessadas tem sido uma constante nos estudos de LA, tal como são vistos nos dias de hoje. A relação interdisciplinar tem extrapolado fronteiras de saberes criando um caráter de mestiçagem, na busca de um campo do saber que se proponha a entender os fenômenos da linguagem sem excluir os sujeitos que dela fazem uso. E os ganhos não poderiam ser maiores - com uma linguística que se propõe a baixar a guarda de suas fronteiras e que não deseja criar redutos do saber, a LA tem apostado em um diálogo frutífero com as teorias críticas e diferentes correntes ideológicas na tentativa de dar conta dos fenômenos da linguagem em seus diferentes contextos. (FRITSCH, 2020, p.133)

Uma das questões mais importantes para a presente dissertação é o caráter de legitimação que a Linguística Aplicada Crítica (LAC) tem dado à pesquisa como uma prática social, ou seja, a LAC como um campo do conhecimento que não está enclausurado em saberes epistemológicos, mas que avança para a compreensão da necessidade de a pesquisa no campo dos estudos da linguagem dialogar com o mundo contemporâneo. Alastair Pennycook (2008) vai além, ao afirmar que compreende a LAC como uma antidisciplina.

Entendo a LAC como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo fixo de conhecimento. Em vez de ver a LAC como uma nova forma de conhecimento interdisciplinar, prefiro compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou um conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador. Isso quer dizer não somente que a LAC implica um modelo híbrido de pesquisa e práxis, mas também que gera algo que é muito mais dinâmico. Dessa perspectiva, ela não é algo que tem a ver com o mapeamento de uma política fixa sobre um corpo de conhecimento estático, mas, em vez disso, tem a ver com a criação de algo novo. (PENNYCOOK, 2008, p.68).

A partir do conceito da LA como uma antidisciplina, Fritsch (2020), ainda afirma que,

Pensar na LA de modo indisciplinar ou mesmo como uma antidisciplina cria uma fenda epistemológica no campo da teoria, na qual diversas áreas do conhecimento podem se encontrar e, a partir da intersecção destes saberes, encontrar respostas para velhas perguntas ou mesmo fazer perguntas que nunca foram feitas. Questões tais como identidade, sexualidade, alteridades, desejo, ética, nação e desigualdades sociais são todas constituídas e atravessadas pela linguagem e tornaram-se na LA não apenas objeto de estudo, mas também práticas de dilatação das regiões fronteiriças que antes delimitavam o que podia ou não ser abordado dentro dos estudos da linguagem, pois vivemos em uma sociedade permeada por discursos e os participantes que por ela transitam e interagem são atravessados por estes constituindo identidades e alteridades.(FRITSCH, 2020,p.134).

Nessa perspectiva Van Lier (1988, p. 46) cita: “uma relação de acordo entre a observação, descrição e interpretação, entre o observador e o participante, entre o relator e sua audiência”. Ou seja, a partir dessa metodologia, o participante pode se sentir acolhido e encorajado para expor sua trajetória de vida, narrar fatos, nos quais, certamente está contida a resposta para a indagação da temática a ser investigada. Por isso, a importância da não interferência do pesquisador nas narrativas, a não ser para acrescentar parecer favorável e de encorajamento ao depoimento do participante, assim como enaltecer seu papel na sociedade, na qual, além de vivermos, devemos compreender e sermos compreendidos.

Assim, de acordo com o autor, é nesse contexto que a LA assume seu papel de mediadora na entrevista narrativa, pois configura uma ferramenta bastante proficiente no que se refere a abordar questões sociais, visto que essa metodologia, se bem executada, propicia uma perfeita sintonia entre o pesquisador e o participante, a ponto de permitir a abordagem de assuntos que até então, poderiam causar desconforto e constrangimento ao participante.

Dessa forma, consideramos mais apropriado para esse trabalho, o enfoque para a Linguística Aplicada, visto que tal abordagem compreende uma postura mais reflexiva e indagadora em relação as experiências de vida, o que corrobora com nosso objetivo. Nesse sentido, Branca Falabella Fabrício (2008) afirma que a LA ao romper com o método de investigação tradicional nos estudos da linguagem busca a compreensão

- 1) De que, se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva;
- 2) De que nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social;
- 3) De que há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos. (FABRÍCIO, 2008, p.48)

Dessa forma, a relevância dos estudos em LA alcança assim um novo patamar, pois com o alargamento de suas fronteiras, inventa espaços novos e problematiza conceitos de importância social. Ao atentar para os atores sociais, a LA tem refletido sobre o papel da linguagem construindo relações e estabelecendo diálogos profícuos que atravessam os muros da escola, mas que podem também voltar-se a ela, com o intuito de escovar a contrapelo noções antes apregoadas como sólidas. Assim sendo, o presente trabalho move-se em direção as narrativas de sujeitos que após atingirem a maturidade, ou meia-idade, resolveram voltar-se para os espaços acadêmicos, para contar e recontar suas histórias na busca da compreensão de como o discurso e os silenciamentos podem constuir ou até mesmo desmantelas processos identitários.

Por fim, investigar o mundo social, no nosso caso, dos sujeitos que se inseriram no mundo acadêmico a partir dos 40 anos e adentrar em suas vivências nesse contexto por meio da narrativa, pelo viés da LA, implica em ir para além dos pressupostos acadêmicos - é dar voz e buscar compreender os dizeres dos sujeitos como forma de atuar positivamente na busca por informações que possam vir a contribuir para melhoria biopsicossocial nos seguimentos da nossa sociedade onde se façam necessários, pois é por meio da linguagem que o sujeito constrói, reconstrói, modifica, influencia e, conseqüentemente, reinventa e é reinventado no mundo.

1.5 Interpretando os Dados na Entrevista Narrativa

Conforme conceitua Schütze (1992), a entrevista narrativa consiste em um procedimento para a obtenção de dados, a qual objetiva compreender as vivências dos sujeitos a partir de um determinado contexto social, privilegiando as especificidades da sua linguagem como forma de apreensão dos significados explícitos (e implícitos) em suas narrativas peculiares.

Assim, a fim de interpretar os dizeres dos participantes nas entrevistas narrativas, Schütze (2010) apresenta seis procedimentos de análise:

- I. Transcrição detalhada do material verbal;
- II. Separação do material transcrito em texto indexado (com referências concretas para quem fez o quê, quando, onde e por que) e não indexado (descrições de como os eventos são experienciados e sentidos e dos valores e opiniões inerentes ao entrevistado atribuídas aos eventos; argumentações acerca de aspectos que o entrevistado busca legitimar em seu discurso e reflexões acerca dos eventos experienciados);
- III. Ordenação dos eventos com base no material indexado: as trajetórias das experiências expressas pelos entrevistados que moldam as suas respectivas narrativas;
- IV. Análise do conhecimento com base no material não indexado: as teorias e as reflexões desenvolvidas pelo entrevistado, as quais representam sua autocompreensão acerca dos eventos experienciados;
- V. Agrupamento e contraste entre trajetórias individuais: a elaboração de categorias empregadas nos discursos dos participantes e o confronto entre elas, com o objetivo de destacar elementos constitutivos das experiências dos indivíduos e embasar o procedimento posterior;
- VI. Elaboração de modelos processuais sobre as experiências dos indivíduos. (SCHÜTZE 2010, p. 283-293).

Posteriormente, Jochelovitch e Bauer (2000), embora tenham sido seguidores fieis dos pressupostos de Schütze (1992) no Brasil, compactuando com a premissa de que tal estratégia consiste em um processo aberto, o qual permite ao pesquisador umleque de opções de análise,

sugerem apenas três etapas das seis mencionadas por Schütze (1992) para a análise das entrevistas narrativas que são: (i) transcrição; (ii) análise temática; e (iii) análise estrutural e justificam tal prerrogativa por julgarem serem, dentre as seis citadas anteriormente, as mais importantes.

Segundo os autores, a etapa da transcrição consiste em um processo de grande valia para compreensão dos dados a serem analisados, visto que, esse processo promove uma reflexão de interpretação para a futura análise. Nesse sentido, os autores ressaltam a importância dessa tarefa, visto que é primordial a fidelidade das transcrições para que ocorra uma análise condizente aos dados coletados, a fim de não acarretar resultados errôneos.

Em prosseguimento, os autores citam a etapa de análise temática, a qual elege um referencial de codificação para posterior análise. Após, o material transcrito é reduzido a etapas de séries de paráfrases. Essa redução configura-se em três colunas: na primeira coluna consta a transcrição; na segunda coluna consta a primeira redução, na qual passagens inteiras ou parágrafos são parafraseados em sentenças sintáticas e na terceira constam as palavras-chave advindas dessas sentenças sintáticas. A partir disso, desenvolve-se um sistema de categorias por meio das quais cada texto transcrito possa ser eventualmente codificado, se necessário.

Após a codificação dos dados, o pesquisador opta por fins quantitativos ou qualitativos ou ambos. Em prosseguimento, Jovchelovitch e Bauer (2000), citam a etapa de análise estruturalista, a qual observa os elementos formais da narrativa utilizando-se das dimensões paradigmática e sintagmática, sendo a primeira formada pela seleção de histórias possíveis e a segunda referente às categorias que especificam os elementos da narrativa. Os autores pontuam que todos os elementos que aparecem na história devem ser ordenados, pois vão servir para fins de comparação entre as narrativas e as variáveis de contexto.

Com relação à análise da entrevista narrativa, Jovchelovitch e Bauer (2000) sustentam que os aspectos cronológicos e não cronológicos da história sempre devem ser examinados, pois a partir deles é possível interpretar o uso do tempo do participante e, assim compreender em mais profundidade o enredo da narrativa.

Sobre os três procedimentos na proposta para análise da entrevista narrativa de Jovchelovitch e Bauer (2000), Weller (2009) declara que:

[...] as informações sobre as especificidades da entrevista narrativa [foram] apresentadas de forma bastante resumida, produzindo algumas dúvidas e dificuldades, sobretudo no momento da análise dos dados: Jovchelovitch e Bauer [...] optaram por apresentar três procedimentos distintos de análise, resumindo a “proposta de Schütze” em alguns parágrafos. (WELLER, 2009, p. 5).

Por sua vez, Weller (2009), com base em Schütze (1992) apresenta seis passos para interpretação dos dados construídos por meio da entrevista narrativa, com o objetivo de ampliar as informações já fornecidas. São eles:

- (I) análise formal do texto;
- (II) descrição estrutural do conteúdo,
- (III) abstração analítica;
- (IV) análise do conhecimento;
- (V) comparação contrastiva;
- (VI) construção de um modelo teórico. (WELLER, 2009, p. 5).

Assim, conforme cita o autor, a transcrição das entrevistas, a partir do objetivo da investigação, pode englobar conteúdos linguísticos e paralinguísticos, como o tom da voz, reticências, risos, dentre outros. Segundo ele, após uma transcrição minuciosa, o próximo passo para analisar a entrevista narrativa, com base em Schütze (1992), é a análise formal do texto.

Weller (2009) pontua que, nessa etapa, o pesquisador deve construir um quadro referencial a fim de identificar as ações constitutivas do fenômeno investigado, pois dessa forma será possível perceber os diferentes esquemas comunicativos (narração, descrição e argumentação), porém o texto narrativo deve ser evidenciado, suprimindo elementos que não configuram tal gênero, assim como deve haver a demarcação dos elementos que pontuam o início e o fim das narrativas.

O segundo passo consiste na descrição estrutural do conteúdo, a qual deve ater-se a uma análise detalhada de cada segmento da narrativa, a fim de identificar as estruturas de processo nas vivências do participante. Para Schütze, 1992, essa etapa tem por objetivo buscar, além do que foi narrada, a percepção de como a narrativa foi construída. Nesse sentido, o autor cita:

[...] determinadas etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimento de ações biográficas planejadas e realizadas. (SCHÜTZE, 1992, p. 219-14).

O terceiro passo na proposta de Schütze (2010, p.214) para a análise das entrevistas narrativas é denominado de abstração analítica, no qual os diferentes eventos ou trajetórias expressas pelo entrevistado são colocados “em relação sistemática umas com as outras” de

modo a reconstruir “a biografia como um todo [...] desde a sequência biográfica das estruturas processuais que dominaram a experiência em cada ciclo da vida até a estrutura processual dominante na atualidade”.

Em prosseguimento temos o quarto passo, chamado análise do conhecimento, o qual preconiza os componentes não indexados do texto que são os aportes teóricos argumentativos ou explicativos expressos pelos participantes, dentre os quais: opiniões, conceitos, teorias gerais e reflexões. Segundo Schütze (2010) e Weller (2009), esses aportes são gerados a partir de uma análise avaliativa que o entrevistado faz sobre si mesmo e sobre suas vivências, a fim de representar a compreensão que faz de si mesmo, sobre sua existência e ideologias, assim como também é uma forma do participante legitimar a sua narrativa com relação aos acontecimentos vivenciados.

O quinto passo, denomina-se comparação contrastiva e caracteriza-se por comparar as trajetórias dos participantes, a fim de identificar possíveis semelhanças nas categorias expressas nas etapas anteriores da análise, visto que nessa etapa, os textos devem corresponder aos critérios seletivos da pesquisa, podendo ser situações concretas ou fenômenos relativamente abstratos (SCHÜTZE, 2010). Nessa essa etapa, a função do pesquisador é reunir trajetórias individuais e ressaltá-las como um caso, priorizando circunstâncias correspondentes, as quais possibilitem a análise das “condições estruturais que estão por detrás da particularidade do caso” (WELLER, 2009, p.9).

É por meio dessa tarefa, denominada por Schütze (2010) de estratégia de comparação mínima que é possível identificar as categorias teóricas utilizadas nos discursos dos participantes. Segundo o autor, essa etapa é sucedida pela estratégia de comparação máxima, na qual, as entrevistas são confrontadas com uma ou mais entrevistas realizadas em contextos diferentes. De acordo com o autor, essa estratégia permite que se sobressaiam as estruturas processuais alternativas à especificidade do caso em questão. O sexto e último passo no processo de análise das entrevistas narrativas é a criação de um modelo teórico.

Para Jovchelovitch & Bauer (2000), tal modelo é resultado da comparação das trajetórias individuais dos participantes de um contexto específico, a partir das quais se estabelece semelhanças a fim de que seja possível reconhecer trajetórias coletivas. Para Schütze (2010), a elaboração de modelos teóricos conjectura a existência de formas elementares nas estruturas processuais das etapas de vida individuais, suscetíveis de serem detectadas em muitas histórias de vida. Nessa perspectiva, o autor preconiza ainda a existência de disposições sistemáticas dessas estruturas processuais, as quais, ao finalizar a análise teórica, permitem a identificação.

[...] de modelos processuais de tipos específicos de cursos de vida, de suas fases, de suas condições e domínios de problemas, ou ainda modelos processuais de fases elementares específicas; módulos gerais de cursos de vida ou das condições constitutivas e da estrutura da formação biográfica como um todo (SCHÜTZE, 2010, p.215).

Por fim, após as considerações dos autores sobre a entrevista narrativa, podemos conceber que a proposta de Schütze (2010), se faz muito relevante no que tange essa atividade, pois consegue projetar uma grande visibilidade e assertividade com relação à narrativa, visto que expõe de maneira clara e objetiva alguns passos para a construção de dados, os quais priorizam o participante no sentido de deixa-lo livre para narrar a sua trajetória, a qual recebe a adição de fatores externos, os quais são inerentes ao sujeito e, como tal, necessários para a composição do todo.

Sendo assim, a entrevista narrativa pode fornecer um vasto e memorável material para análise, pois propicia a reconstrução de acontecimentos sociais a partir do olhar do participante para um contexto específico.

Com relação à pesquisa em LA, a qual vem ao encontro com a proposta deste trabalho, concordamos com declaração de Moita Lopes (2006, p. 14) sobre ela ser uma ciência que vem buscando “inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central” visto que, como citado anteriormente, ela aborda questões sociais, as quais precisam ter uma voz que as represente.

Nessa perspectiva, as pesquisas em LA exigem ferramentas para construção de dados, as quais possibilitem resultados com a máxima fidelidade da realidade em questão, visto que favorecem a cooperação voluntária do participante, assim como a abordagem de temáticas pertinentes à realidade social, pois tem um olhar abrangente para os eventos externos e internos para as vivências dos sujeitos, objetivando construir uma discussão reflexiva e acerca de um determinado tema como forma de contribuir para o encorajamento de atitudes discursivas e práticas extremamente necessárias para o bem-estar social.

Por fim, julgamos ser válido fortalecer a prerrogativa de que o ser humano se constitui pela linguagem e, como tal, vive em constante reconstrução da sua história no mundo.

Nesse sentido, avaliamos pertinente tais esclarecimentos sobre a narrativa, visto que buscamos neste trabalho compreender os dizeres dos sujeitos envolvidos na pesquisa, pelo viés da LA, como forma de assegurar-lhes o direito narrativo de suas vivências acadêmicas, assim

como propiciar-lhes uma reflexão e reconhecimento da linguagem discursiva como uma forma de empoderamento e reivindicação social.

1.6 A Influência Cultural na Narrativa

Segundo Marcuschi (2002) as formas de interações comunicativas são influenciadas pelo contexto sociocultural dos sujeitos e isso ocorre de acordo com a estrutura de cada língua, ou seja, reproduzimos o que aprendemos, conforme os preceitos e especificidades da língua a que estamos expostos no contexto em que vivemos e convivemos.

No conceito de Koch (2000) o mundo é representado por meio da linguagem, pois é ela que transmite a nossa percepção acerca dos contextos em que estamos inseridos, visto que é por meio da língua que ocorrem as interações dos sujeitos com seu meio social, o que a torna um fator fundamental para a comunicação e socialização das pessoas.

Na mesma perspectiva, Neves (2003) declara que as narrativas são formas de o ser humano conceber suas representações sociais e, assim perpetuar sua história, visto que, culturalmente, as narrativas transcendem o tempo e transmitem seus dogmas para um determinado grupo.

Nesse contexto, é imprescindível a concepção de fronteira, pois é a partir dela que se constituem os limites, tanto geográficos quanto sociais. Para Martin (1997), a fronteira se trata de uma linha que demarca território, a fim de abalizar limites. Porém, conforme Ortiz (1994) existem fronteiras que são demarcadas filosoficamente e, por isso, são variáveis, pois são construídas simbolicamente a partir da relação dos sujeitos. Nessa relação, diferentemente da delimitação dos espaços concretos, outros fatores são avaliados para definir a fronteira social e um deles, e talvez o principal é o discurso, a narrativa, os quais desvelam os saberes culturais dos sujeitos e, conseqüentemente, os classificam “territorialmente” na sociedade.

Sobre tal prerrogativa Souza (2011) diz que

A territorialidade, decorrente do território, é a qualidade que o território ganha de acordo com a utilização ou apreensão pelo ser humano, mas, além disso, conforme sugere Dematteis (2007), a territorialidade não é somente resultado do comportamento humano sobre o território, mas o processo de construção de tais comportamentos, o conjunto das práticas e dos conhecimentos dos homens em relação à realidade material, a soma das relações estabelecidas por um sujeito com o território (a exterioridade) e com outros sujeitos (a alteridade). (SOUZA, 2011, p. 169).

Dessa forma, podemos depreender que a bagagem cultural dos sujeitos interfere diretamente na sua formação e que essa formação pode ser percebida nos diferentes espaços

sociais de interação, a partir da sua narrativa, pois é na construção comunicativa dos sujeitos que se desvelam os seus saberes culturais, os quais, irão demarcar a sua posição na sociedade e, conseqüentemente, a sua fronteira social.

Porém, esses lugares não são estáticos, visto que, assim como a língua, estamos em constantes transformações de acordo com as mudanças culturais, as quais englobam costumes, tradições, avanços tecnológicos etc. É a partir da assimilação de novos saberes e do domínio narrativo contextualizado dos sujeitos, que vão ser desbravadas novas fronteiras sociais, as quais, antes, lhes eram inacessíveis.

Portanto, a partir das considerações dos autores, é possível dizer que as narrativas dos sujeitos se constituem a partir de suas vivências sociais, as quais carregam e expressam suas características culturais e que atuam como um meio avaliativo de inserção ou exclusão de determinados meios e grupos sociais.

1.7 Narrativa e Identidade

Atualmente, existem muitos estudos que abordam a temática da identidade com base na narrativa. De acordo com Moita Lopes (2001), um dos papéis da narrativa consiste no processo de construção de identidades sociais e enfatiza que, “(...) o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros”. (MOITA LOPES, 2001, p. 63).

Segundo o autor, a prática narrativa revela as identidades pessoais dos interlocutores, pois é no ato de narrar vivências que revelamos quem somos o que queremos ou acreditamos, em um ato contínuo de reconstrução a cada novo relato.

De acordo com Mishler (1999), a prática das narrativas de vivências não deve ser vista apenas como ações socialmente situadas, mas também como comportamentos identitários e uma união entre forma e conteúdo. Na mesma perspectiva, Ewick e Silbey (2003) declaram que:

Se as pessoas tendem a explicar suas ações para si mesmas e para os outros através de histórias, nada mais natural do que compreender a narrativa como forma de (re)construção constante de identidades sociais. (EWICK e SILBEY, 2003, p. 134)

Assim, torna-se muito importante considerar a narração de histórias, não apenas por serem estas possíveis representações de eventos passados, mas, igualmente, pelo que essas histórias revelam a respeito do narrador como um agente social que modela a sociedade onde se encontra e, que ao mesmo tempo, é por ela modelado, conforme apontam Dyer & Keller-Cohen (2000, p. 28).

Outro fator extremamente relevante no que se refere à identidade e narrativa é a (re) construção da identidade que desenvolvemos a respeito da nossa identidade e a do outro, visto que desenvolvemos conceitos a partir de nossas crenças, valores, estilos, experiências e expectativas de vida, pelos quais, por meio de comparações, reconhecemo-nos e, também julgamos perceber o outro. Nesse sentido, segundo Duszak (2002), quando interagimos socialmente, buscamos sinais no outro, os quais nos favoreçam proximidade ou distância, são medidas por afinidades ou desigualdades (DUSZAK, 2002), fato que determina nosso alinhamento com uns e, conseqüentemente, a separação de outros e, na perspectiva do autor, ocorre a inclusão ou exclusão social, assim como também gera posicionamentos sociais de *ingroup*¹² e *outgroup*¹³. Nesse contexto, o autor exprime que é a linguagem que determina a aproximação ou o afastamento nas relações sociais, pois é ela que sinaliza a distinção “nós – outros” e torna relevantes as relações e entendimento em grupos afins.

Nesse sentido, uma das formas de construção de *ingroupness*¹⁴ é o uso do pronome nós, o qual está sempre em oposição ao eles (*outgroupness*)¹⁵ e podem ser usados de forma propícia no discurso com o objetivo de construir, redistribuir, ou modificar valores sociais de inclusão ou exclusão. Sobre essa contradição entre nós e outros, o autor declara que “nós somos o que somos porque eles não são o que nós somos”. (DUSZAK, 2002, p. 2).

Sendo assim, podemos perceber que vários elementos avaliativos contribuem para a ocorrência ou não da aceitação dos sujeitos nos grupos sociais e que, invariavelmente são desvelados nas interações discursivas.

1.8 Avaliação Social por Meio da Narrativa

Diversos autores fundamentaram seus estudos a partir dos pressupostos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), dentre os quais, salientamos o estudo de avaliação proposto

¹² Em grupo

¹³ Fora do grupo

¹⁴ Relações no grupo

¹⁵ Relações fora do grupo

por Charlotte Linde (1993). Em seus estudos, a autora destaca e analisa a proximidade entre avaliação e prática social, como elemento de negociação nas interações sociais.

Ainda segundo a autora, essa relação é primordial, pois é a partir dela que podemos estabelecer uma possível relação entre avaliação e (re)construção identitária, pois para ela, a avaliação é um “fenômeno extremamente persuasivo.” (LINDE, 1997, p. 152). Dessa forma, podemos considerar como avaliação “qualquer instanciamento produzida pelo falante que indique sentido social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (LINDE, 1997, p.152).

Esse olhar da autora concebe a avaliação como um fator relacionado internamente à dimensão moral da linguagem e, a partir de um aprofundamento na temática, a autora propõe duas dimensões avaliativas: referência à reportabilidade e referência às normas sociais.

A primeira é referente ao relato de uma história sobre eventos não previsíveis e/ou esperados, os quais, de acordo com a autora, não podem constituir a base de narrativas.

A segunda dimensão da avaliação empregada para estruturar a narrativa refere-se às normas sociais, ou seja, aos comentários morais ou compreensões do mundo, ou de como este mundo deveria ser, quais comportamentos são ou não adequados, que tipo de sujeitos falantes e ouvintes são ao construírem sua convicção normativa. Nessa perspectiva a autora diz que:

[...] uma avaliação deste tipo compõe o coração da narrativa; a narrativa oral é muito mais sobre como alcançar um acordo sobre significados morais de diversas ações do que uma simples narração destas mesmas ações.” (LINDE, 1997, p. 153).

Desse modo, podemos entender que a prática de avaliação social é um agente fundamental para a compreensão de uma determinada pessoa, de suas ações e de seu contexto e, de acordo com a autora, deve ser intermediada por todos os participantes.

Por fim, após essa breve explanação sobre a narrativa e suas nuances, podemos destacar que são muitos os fatores que permeiam a narrativa e que tais fatores constituem a construção e reconstrução da(s) identidade(s), o que evidencia a narrativa como uma das práticas sociais mais importantes, reveladora e integradora, pois é por meio dela que os sujeitos se identificam se desvelam e se posicionam criticamente no mundo.

No próximo capítulo, abordaremos alguns temas que tangenciam questões de identidade, especialmente na maturidade, e o conceito de apagamento de sujeitos no contexto social da universidade.

2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Desde muito cedo, a relação que temos com os pais, amigos e familiares, proporciona uma série de conhecimentos e vivências, os quais são absorvidos e agregados nas nossas experiências sobre as coisas. Dessa forma, nossa identidade vai sendo construída, a partir de uma coesão social que nos proporciona uma identificação e, conseqüentemente, um pertencimento a um determinado grupo social. Nesse contexto, nos deparamos com um vasto repertório intelectual e cultural, a fim de que possamos estabelecer afinidades e diferenças nos seguimentos sociais que nos cercam, tais como família, escola e religião, os quais auxiliam na construção da nossa própria identidade.

Assim, a partir das relações que vamos tendo na vida, vamos agregando vivências que propiciam um constante e interminável aprendizado, os quais reformulam nossos saberes, ocasionando uma contínua reconstrução de quem somos e de como nos comportamos no mundo. Nesse sentido Hall (2006) afirma que

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13.)

Portanto, com base no autor, podemos depreender que por vivermos em um mundo heterogêneo estamos em constante mudança, a qual nos propicia, por meio da percepção de afinidades e diferenças, a identificação e, conseqüentemente, um pertencimento (ou não) nos espaços sociais que coabitamos. Assim, por mais que desejemos, é praticamente impossível não sermos perpassados pelos mais variados pensares ideológicos, pois no que tange a identidade, isto seria torná-la alienada e infrutífera sob a ótica da riqueza da multiplicidade nas relações humanas, as quais resultam na construção e reconstrução da nossa identidade. Nesse sentido, o autor pontua também a extrema relevância de uma abordagem sobre a construção da identidade, a partir da diferença, visto que são elas que nos definem enquanto seres racionais e distintos.

Segundo o autor, em geral, o “multiculturalismo¹⁶” é baseado no preceito da tolerância e respeito com a diversidade e a diferença. Nessa perspectiva, a concepção de diversidade é problemática, pois se torna difícil consagrar a *existência* da diversidade como alicerce de uma pedagogia, a qual prioriza a crítica política da identidade e da diferença.

Nesse contexto, Hall (2000) questiona:

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tornadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo: essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (HALL, 2000, p. 73/74).

A partir destes questionamentos, o autor busca nos levar também a refletir sobre tais preceitos acerca da construção da identidade, pois, segundo ele “a identidade é simplesmente o que se é” (HALL, 2000 p. 74) e tem como referência a si própria, enquanto a diferença é aquilo que o outro é e, tal qual a identidade, remete a si própria.

Assim, podemos conceber que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência, pois uma se constitui em função da exclusão da outra, porém, a forma afirmativa como externamos nossa identidade tende a camuflar essa relação.

Dessa forma, podemos entender que as afirmações sobre identidade só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a diferença e vice-versa, fato que configura as dependências uma da outra e, por isso, inseparáveis. Entretanto, nessa perspectiva, o autor pontua que a diferença é um produto derivado da identidade, sendo ela a referência pela qual se define a diferença.

Segundo Hall (2000), além de serem interdependentes, identidade e diferença compartilham uma peculiaridade muito importante: elas são o resultado de atividades da criação linguística, a qual é ativamente produzida por nós no mundo cultural e social, a partir das

¹⁶ O Multiculturalismo é um movimento que visa compreender diferentes identidades e pertencimentos no contexto do capitalismo tardio. O alargamento das fronteiras produzido pela globalização e o intenso contato entre diferentes culturas provocaram um reflexo sobre os limites entre as culturas e a forma como elas se relacionam entre si. Fonte: <https://www.infoescola.com/sociologia/origens-do-multiculturalismo/>

relações que criamos e vivenciamos nesses contextos, pois é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais.

Assim, entendemos que identidade e diferença só podem ser compreendidas dentro dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido, visto que pertencem a cultura e aos sistemas simbólicos que as compõem. Porém, elas não são determinadas definitivamente, pois a linguagem, entendida como sistema de significação, constitui-se de uma estrutura instável.

Para Dusak (2002), é a partir de nossos valores, crenças, estilos, experiências e expectativas que conceituamos e definimos *nós* e *outros*, ou seja, nossas afiliações e alinhamentos são construídos a partir da comparação entre *nós* e *outros*. Portanto, segundo o autor, é a partir das interações com outras pessoas que procuramos por sinais de proximidade e distância e esse posicionamento ocasiona a *inclusão* ou *exclusão social*.

Dessa forma, a linguagem é considerada o maior indicador de relações sociais, pois por meio dela são definidas as aproximações ou distanciamentos, valendo-se de inúmeros recursos para sinalizar a distinção '*nós-outros*', os quais se tornam relevantes para a compreensão de como os sujeitos ou grupos se incorporam em (futuras) interações.

Nesse contexto, uma das formas de construção de *ingroupness* é o uso do pronome *nós*, estando sempre em oposição ao *eles* (*outgroupness*) e que são habilmente usados no discurso com a intenção de construir, redistribuir, ou modificar valores sociais de inclusão ou exclusão.

Assim, por meio da dissonância entre *nós* e *outros* entendemos, conforme citado por Tajfel (1981, p. 124 in DUSZAK, 2002, p. 2), que “*nós* somos o que somos porque eles não são o que nós somos”.

2.1 A influência dos Conceitos Morais na Construção da Identidade

Para o filósofo canadense Charles Taylor (1997), a identidade moderna está agregada à noção de moralidade, a qual tem por embasamento os seguintes conceitos: configurações, noção de avaliação forte, pano de fundo, narrativa e articulação.

Neste trabalho será utilizado somente o conceito de avaliação forte, visto que a narrativa é construída a partir da articulação dos pensares e dizeres dos sujeitos com base em seus conceitos e pré-conceitos morais avaliativos.

Para Taylor, a moralidade pressupõe a tese de que é impossível à pessoa humana isentar-se de configurações morais. Tais configurações se referem a um “conjunto crucial de distinções qualitativas” (TAYLOR, 1997, p. 35) que “proporcionam o fundamento, explícito ou implícito,

de nossos juízos, intuições ou reações morais (op. Cit., p. 42). Nesse sentido, responder à pergunta “quem sou eu?” significa compreender aquilo que tem importância para nós; saber em que posição nos colocamos; determinar o que é bom ou ruim, o que vale ou o não vale a pena fazer, o que apoiamos ou desaprovamos, o que é trivial ou secundário (op. Cit., p. 44). Para o autor, as configurações morais:

(...) envolvem discriminações acerca do certo ou errado, melhor ou pior, mais elevado ou menos elevado, que são validadas por nossos desejos, inclinações ou escolhas, mas existem independentemente destes e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados. (TAYLOR, 1997, p. 17).

Segundo o autor, os questionamentos de avaliação forte como, por exemplo, “o que é uma vida digna”, são determinantes no nosso modo de compreender o que significa uma vida plena. Porém, as nossas decisões cotidianas, como a escolha entre ir ao cinema ou ao parque no domingo, não configuram escolhas qualitativas, pois não têm a mesma importância no que se refere à construção identitária. Sendo assim, a identidade é construída a partir de avaliações fortes no espaço moral e é impossível ao ser humano renunciar a tais avaliações, visto que elas estão internalizadas em nossos conceitos morais, ou seja, no que fomos levados a crer ser “o certo”. Vale ressaltar que o conceito de avaliação forte não se refere aos desejos fortes que a pessoa possa sentir, mas ao que se considera idealmente desejável e apropriado em um dado contexto, de acordo com a sua filosofia de vida.

Dessa forma, Taylor (1997) pontua outras questões que modelam nossa moralidade e, conseqüentemente, nossa identidade, as quais ele denomina de interrogações de avaliação forte, ou seja, questões que: “(...) envolvem discriminações acerca do certo ou errado, melhor ou pior, mais elevado ou menos elevado, que são validadas por nossos desejos, inclinações ou escolhas, mas existem independentemente destes e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados.” (TAYLOR, 1997, p. 17).

Segundo ele, essas avaliações nos levam a compreender e estabelecer o significado de uma vida plena, a qual, dentro do espaço moral, é repleta de escolhas, assentimentos e renúncias dos sujeitos em um determinado contexto social, os quais ficam explícitos e/ou implícitos em suas narrativas.

Na perspectiva de Habermas (1990), o conceito de desenvolvimento moral está associado a um conceito mais amplo de *identidade do Eu*. Segundo ele, “o desenvolvimento moral é parte do desenvolvimento da personalidade, o qual, por sua vez, é decisivo para a

identidade do Eu” (1990, p.55) e preconiza o desenvolvimento moral sob três perspectivas: i) capacidade de conhecimento, ii) linguagem e iii) ação.

Portanto, podemos entender que a reflexão que desvela o desenvolvimento moral inserido no processo de construção da identidade, compõe as esferas sociocognitivas, motivacionais e culturais existentes nas ações morais.

Para o autor, o conceito de identidade não tem apenas um caráter descritivo, pois apesar desse conceito ter relação com o desenvolvimento de processos biopsíquicos, a *identidade do Eu* não é uma organização resultante de processos naturais de amadurecimento, visto que está fortemente vinculada a condicionamentos culturais e sociais. Assim, a identidade do *Eu* preconiza uma organização simbólica do *Eu*, a qual faz parte dos processos formativos em geral e que possibilita o alcance de soluções adequadas para questões de interação social, existentes nas diferentes culturas.

Segundo Habermas, esse conceito “indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências de consistência” (1990, p.54), ou seja, simboliza a continuidade do *Eu* no tempo e no espaço, e a capacidade de esse ser interpretado reflexivamente pelo agente, sob a perspectiva de sua história pessoal.

Nesse contexto, o autor destaca a amplitude da linguagem, ou seja, da interação linguisticamente mediada, pois é por meio da linguagem e na linguagem que se desvela de maneira explícita a compreensão de si, pois a construção de uma identidade do *Eu* pressupõe uma atribuição de valores que se inserem em uma compreensão de si, que envolve uma apropriação de sua história pessoal, sob a ótica contextual das tradições culturais que a constituíram. Porém, essa compreensão de si não significa apenas o modo como o sujeito se descreve, mas também como ele desejaria ser, ou seja, a idealização do *Eu* a partir de valores éticos e morais, os quais foram incorporados ao longo do seu desenvolvimento.

Dessa forma, para Habermas (1990), o processo de desenvolvimento moral está integrado ao conceito de identidade do *Eu* e engloba o conceito de consciência moral, visto que nessa perspectiva, a consciência moral é um agente constitutivo e reflexivo do agir moral.

Assim, podemos apreender que a consciência moral tem uma função avaliativa dos nossos atos, a qual preconiza um ato de julgamento. Nessa linha de raciocínio, Habermas define a consciência moral como “a capacidade de usar a competência interativa para elaborar conscientemente conflitos de ação moral relevante” (HABERMAS, 1990, p. 67).

Sendo assim, as experiências adquiridas pelo sujeito no decorrer de sua vida em interação com a realidade sociocultural, assim como as motivações e emoções que integram

essas experiências, certamente são determinantes na formação de estruturas que possibilitam, impulsionando ou retendo, a transição no processo do desenvolvimento e, segundo Habermas, “colocando o sujeito agente sob o imperativo de elaborar conscientemente os conflitos, a consciência moral é um indicador do grau de estabilidade da competência geral na interação” (1990, p. 71).

Portanto, de acordo com o autor, o desenvolvimento moral abrange um processo mais amplo de desenvolvimento das estruturas gerais do agir comunicativo e da formação da identidade do *Eu*. Isso tendo em vista que a dimensão da consciência moral, do saber prático, do agir comunicativo e da solução consensual dos conflitos de ação ocorrem, tanto em nível individual quanto em nível social, a partir de mudanças estruturais normativas (valores, ideias morais e normas), as quais dependem tanto dos processos culturais históricos, quanto dos processos de aprendizagem. Nesse processo, existem estruturas da intersubjetividade linguisticamente produzidas, as quais constituem estruturas da personalidade e sistemas da sociedade, que aparecem na moral e no direito e que definem formas de interação social.

Assim, a partir das observações dos autores, podemos perceber que as diversas peculiaridades que permeiam nosso imaginário influenciam e/ou determinam nossas escolhas morais, ou seja, são elas que propiciam nosso julgamento interior acerca do que consideramos “certo” ou “errado”. Porém, eles ressaltam que, além do nosso discernimento e reações com relação aos assuntos morais como justiça, respeito e valores éticos, o que predomina é a nossa própria dignidade, ou seja, o que atribuímos como forma de vida mais agradável e condizente com nossos preceitos.

2.2 Conceituando a Maturidade

Envelhecer é um processo que começa no momento em que nascemos. A partir do dia do nosso nascimento rumamos através de diversas experiências, passando por distintas faixas etárias e, se tivermos um bom condicionamento biopsicossocial e um pouco de sorte, chegamos à maturidade. Muitas vivências vão sendo agregadas no decorrer dessa jornada, as quais, na maturidade serão avaliadas como experiências de vida que propiciam diferentes saberes e, como tais, devem ser valorizados.

Assim, a diversidade de comportamentos, atividades, a ruptura de preconceitos e o empoderamento social são elementos da modernidade que contribuem para uma nova concepção sobre pessoa madura.

De acordo com Gusmão (2001, p. 114) a “maturidade diz respeito a experiências vividas pelos sujeitos sociais ao longo de suas vidas, que resultam em qualidades conquistadas por suas trajetórias pessoais e coletivas”, ou seja, a maturidade envolve questões físicas, biológicas, sócio-histórico-culturais e psicológicas, e se insere em um contexto específico, o qual ela atravessa e é atravessada.

Para San Martín e Pastor (1996), não podemos generalizar um conceito sobre velhice porque as divisões da vida do ser humano não são absolutas e correspondem, necessariamente, as etapas do processo de envelhecimento, pois vários fatores como condições físicas, funcionais, de saúde e mentais contribuem diretamente para assegurar essa premissa, visto que podemos observar diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica.

Desta forma, segundo os autores, o processo de envelhecimento humano pode ser compreendido como complexo e composto pelas idades cronológica, biológica, psicológica e social.

Nessa perspectiva, Hoyer & Roodin (2003) pontuam que a idade cronológica, a qual se caracteriza pela contagem do tempo transcorrido desde o nascimento até os dias atuais dos indivíduos, não configura uma medida assertiva da função desenvolvimental, visto que, segundo os autores, a idade é multidimensional.¹⁷

De acordo com Costa & Pereira (2005), a idade biológica é estabelecida pelas mudanças corporais e mentais que acontecem ao longo do processo de desenvolvimento, as quais configuram o processo de envelhecimento humano, que pode ser entendido como um processo que tem seu início antes do nascimento do indivíduo e se desenvolve por toda a sua existência.

Para Neri (2005), a idade social se refere à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num determinado momento da história de cada sociedade, ou seja, o indivíduo deve comportar-se de acordo com o que a sociedade dita que está “adequado” à sua idade, a fim de obter “aceitação” social.

Segundo Hoyer e Roodin (2003), a idade psicológica dos indivíduos constitui-se a partir das suas habilidades de adaptação e adequação às exigências do meio, ou seja, os indivíduos se valem de várias características psicológicas como: aprendizagem, memória, inteligência,

¹⁷ As medidas de avaliação multidimensionais são as mais adequadas para este propósito, pois este tipo de instrumentos tem em consideração a multiplicidade de diagnósticos de saúde a que os idosos estão sujeitos (Patiño, Vásquez-Vizoso, & Veras, 1996; Rodrigues, 2009), permitindo avaliar não só a saúde física do idoso, mas também a sua saúde mental, recursos sociais, recursos econômicos e Atividades de Vida Diária (AVD).

controle emocional e estratégias de *coping*¹⁸, como um meio de melhor conviver em um determinado contexto. De acordo com os autores, existem adultos que possuem tais características psicológicas com graus maiores que outros e, por isso, são considerados “jovens psicologicamente”, e outros que possuem tais traços em graus menores, sendo considerados “velhos psicologicamente”.

Nesse sentido, Lacan (1969) pontua que a troca de experiências e reflexões sobre vivências contribuem para alterar o campo simbólico, visto que questionam verdades consideradas culturalmente como absolutas. Assim, a criação de novas palavras para assinalar o envelhecimento, tais como “melhor idade” e “terceira idade”, somente encobrem a verdadeira relação do sujeito com seu corpo e as variantes que constituem tal fenômeno, pois no sentido real da palavra, envelhecer carrega em sua simbologia, além das mudanças corporais, as possíveis limitações, as quais podem acarretar dificuldades nos relacionamentos, nas atividades praticadas, na sua imagem pessoal e na sua possibilidade de viver e interagir nos seguimentos sociais de maneira agradável e acolhedora.

Para Fooker (2015) o envelhecimento preconiza para o sujeito a oportunidade de revisar, reorganizar e reavaliar muitos eventos e experiências de sua vida, porém, pontua que essa atividade não deve ser vista como a única opção para o sujeito nesta fase da vida.

Segundo a autora, antigamente os processos de educação formal eram mais concedidos aos homens do que às mulheres. Nesse contexto, a autora referencia Hedwig Dohm (1903), uma das primeiras ativistas pelos direitos das mulheres do século XIX, e que aos 72 anos de idade deu voz às mulheres de sua geração (DOHM, 1903, p. 220): “Escute, mulher velha, o que outra mulher velha te diz: Resista! Tenha coragem de viver! Não pense em nenhum momento na tua idade. [...] Se tu vives somente por um dia, tu tens um futuro na tua frente.” Dohm (1903) apud Fooker (2015, p. 19).

Assim, de acordo com a autora, a formação na maturidade é constituída por três tempos simultâneos: [1] Da necessidade de querer “viver olhando para frente” e [2] simultaneamente compreender a vida vivida “no passado”, bem como [3] viver o presente se relacionando com as pessoas da própria geração, com pessoas mais jovens e com aquelas (ainda mais) velhas. (FOOKER, 2015, p. 19).

¹⁸ Estratégias de *coping*, ou **enfrentamento** são esforços e respostas cognitivos emitidos pelo indivíduo para que ele próprio consiga lidar e administrar as circunstâncias de estresse que estão sobrecarregando seus recursos pessoais. FONTE: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/entenda-o-que-e-coping-e-seus-2-tipos/>.

Portanto, podemos perceber que as associações negativas relacionadas à velhice atravessaram os séculos e, ainda hoje, estão enraizadas na sociedade, visto que é a sociedade que dita o tempo social os sujeitos: Tempo para estudar, tempo para se casar, tempo para ter filhos e o tempo para se aposentar e esse “aposentar”, geralmente, não se refere somente ao trabalho, mas também a abdicar de coisas que não fazem mais parte da sua faixa etária. Dessa forma, o tempo social imposto faz com que quem não esteja no seu “tempo” sinta-se inadequado por estar “atrasado” ou “adiantado” em relação aos sujeitos “padrões” e “encaixados” nessa regrossocial avaliativa”. Porém, depende de cada um (e dos fatores sociohistóricos e culturais) a escolha de vivenciar essa fase de forma positiva ou negativa, visto que a velhice é uma construção social e cultural, sustentada pelo preconceito de uma sociedade que quer longevidade, porém não quer envelhecer e, como tal pode e deve ser revista e reavaliada.

Para finalizar, citamos Pacheco (2005), o qual, por meio de uma comparação entre a velhice e os celulares, resume com maestria suas conjecturas sobre o conceito social em relação à temática em questão:

Em poucos anos, eles se modificaram centenas de vezes. Desenhos modernos, bonitos e funcionais são criados para que as pessoas pareçam antenadas, jovens e bem-sucedidas. O medo da transformação que surge com a velhice assemelha-se um pouco ao fenômeno dos celulares. Tem-se medo de envelhecer como se tem receio de ser ridicularizado ao usar o aparelho antigo de dez anos, como os tijolões dos „tjiozinhos“. O ser humano envelhecido é-nos apresentado, pela ideologia dominante, como o aparelho ultrapassado. Fala, mas ninguém quer! (PACHECO, 2005, p. 65).

Portanto, a partir das considerações dos autores, podemos concluir que a maturidade não se restringe apenas a idade cronológica e que vários fatores contribuem para que essa afirmativa seja evidente. Também percebemos que na fase do envelhecimento, diversas experiências e sabedorias foram adquiridas e que, embora alguns conceitos estejam culturalmente enraizados nos sujeitos, estes podem ser desconstruídos, favorecer novos começos e motivar liberdades, até então, impensadas.

Sabemos que vivíamos (e ainda vivemos) em uma sociedade, na qual, geralmente, o amadurecimento cronológico e, por conseguinte a velhice são associados à inutilidade, incapacidade, dependência e, conseqüentemente, a ausência de papel social, porém cabe a cada um de nós propiciar a valorização dos saberes adquiridos ao longo da vida, a fim de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.3 Questões Identitárias na Maturidade

Há algum tempo, a identidade pessoal era comumente negligenciada, pois os valores eram outros, e como tais, deviam ser preservados como forma de manter a ordem e perpetuar os “bons costumes” e para esses sujeitos era praticamente impossível um posicionamento crítico e diferente dos ensinamentos até então considerados como “corretos”.

Assim, a fim de traçar um perfil histórico sobre o processo identitário dos sujeitos, Hall (2006) discorre sobre as identidades culturais, as quais agregam aspectos que definem nosso pertencimento com relação a etnia, raça, língua, religião e, sobretudo, a nossa nacionalidade, as quais, em outros tempos, serviam como embasamento para situar os sujeitos na sociedade. Porém, na contemporaneidade social, encontram-se fragmentados e, de acordo com autor, isso ocorre porque as transformações da sociedade levaram os sujeitos a questionamentos sobre seu “eu”, tirando-o da sua situação de individualidade, ocasionando uma crise identitária por meio de um deslocamento e descentralização social e cultural de si mesmo e do seu lugar no mundo.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p.7).

Dessa forma, podemos entender que nesse contexto, a fim de favorecer o pertencimento a um determinado grupo, a identidade era, por vezes, mascarada e unilateral, pois os cooperadores dessa construção se mantinham fechados para novos horizontes de visão de mundo, o que ocasionou uma crise identitária e reflexiva nos sujeitos, a partir da percepção da necessidade de mudanças.

Nessa perspectiva, Hall (2006) pontua que existem três diferentes percepções acerca da identidade dos sujeitos com relação às suas visões de mundo ao longo da história, são elas: a identidade do sujeito do Iluminismo, a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno.

A primeira exprime uma visão do sujeito baseada em uma concepção de sujeito racional, o qual é dotado de capacidades de ação e uma consciência plena de si e do mundo, revelando um sujeito centrado e unificado, cuja identidade emergia com ele desde seu nascimento e

desenvolvia-se ao longo da sua vida; vale ressaltar que esse sujeito iluminista, de acordo com o autor, era descrito como masculino.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades, de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isto, em seguida, mas pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele; já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino). (HAAL, 2006, p. 10).

Na perspectiva do sujeito sociológico, Hall (2006) preconiza que existe uma interação entre “o núcleo interior” e as relações com o mundo exterior (pessoas, valores, símbolos, culturas). Essa é uma concepção interacionista, a qual se tornou a visão conceitual da sociologia clássica, cujo embasamento teórico assegura que a identidade é formada a partir da interação que existe entre o “eu” e a sociedade, ou seja, o eu interior e real que existe dentro dos sujeitos, que se forma e se modifica entre diálogos e linguagens que se dão de modo contínuo com o mundo cultural exterior.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que poderia ser compreendida como o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Por fim, na última concepção, o autor aponta que o sujeito pós-moderno se caracteriza por representar um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, muito menos uma identidade que parte de uma essência. Nesse conceito, a identidade é formada e transformada

continuamente a partir da relação com a multiplicidade dos diálogos e linguagens culturais que nos rodeiam, sendo definida historicamente e não biologicamente, conforme explica Hall (2006):

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um „eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

Desse modo, podemos entender que a concepção do sujeito pós-moderno está totalmente atrelada à nossa realidade, visto que vivemos em uma sociedade em constante mudança e transformação, onde a troca de informações ocorre em alta velocidade, com diversidades contextuais e culturais, as quais atuam diretamente na infinda reconstrução identitária dos sujeitos.

Nessa perspectiva, o sujeito projeta e é projetado na identidade cultural, a qual “preenche o espaço entre „interior” e o „exterior”” (HALL, 2006, p. 11), sendo alinhado aos objetos e lugares do conjunto sociocultural, a identidade da modernidade irá atrelar o indivíduo às estruturas de modo que “(...) estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.” (HALL, 2006, p.12).

Entretanto, o autor destaca que a força de mudança deslocadora das identidades nacionais no final do século XX centra-se na “globalização”, a qual se refere aos processos que transpassam as fronteiras e integram comunidades, revelando um mundo mais rápido e atual, por meio da experiência da interconexão, fato que reestrutura completamente a visão de mundo e a maneira de viver em sociedade. Sobre esse tema, o autor cita: “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”. (HALL, 2006, p. 68).

Dessa forma, Hall (2006) descreve três possíveis consequências dos aspectos da globalização sobre as identidades, são eles:

- 1) As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- 2) As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- 3) As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas identidades* – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2006, p. 69).

Portanto, a partir das observações do autor, podemos entender que na pós-modernidade, a identidade do sujeito tem sido configurada de forma circunstancial, visto que o anseio pelo imediatismo que a vida moderna exige, faz com que o sujeito pós-moderno se torne cada vez mais versátil e instável, a fim de poder acompanhar a rapidez da era moderna contida na globalização.

Com isso, em um mundo globalizado, que tem como a sua principal ferramenta a *internet*, temos cada vez menos tempo para as coisas “reais”, pois, utilizamos esse mesmo tempo para vivenciar experiências virtuais, as quais nos passam a impressão de que, a partir de um simples toque, o mundo está ao nosso alcance. Contudo, as redes sociais tendem a nos colocar em bolhas nas quais todos compartilham de opiniões semelhantes às nossas, e tal atitude de distanciamento de alteridades pode nos conduzir a perda da constituição de uma identidade mais abrangente e da compreensão de quem somos de verdade.

Dessa forma, à medida que essas mudanças dissimulam nossa vida, construímos novas relações sociais e novos modos de viver e conviver na sociedade, conforme pontua o autor:

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença . – por uma atividade localizada...A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade...os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (HALL, 2006, p. 72 apud GIDDENS, 1990, p. 18).

Sendo assim, podemos concluir que, diferentemente das variáveis que moldavam e representavam a identidade dos sujeitos em tempos idos, atualmente, a globalização tem influenciado diretamente na construção e reconstrução da identidade, pois, diante da dinamicidade dos novos tempos, é impossível estabelecer uma identidade fixa para os sujeitos

em um mundo repleto de transformações, significações e ressignificações múltiplas e cotidianas.

Nessa perspectiva, visto que este trabalho aborda sujeitos na maturidade, avaliamos extremamente pertinentes tais reflexões acerca da identidade, a fim de que possamos apontar eventuais dificuldades inclusivas que tenham encontrado em suas jornadas acadêmicas.

Portanto, a partir dos aportes teóricos acima mencionados, podemos discorrer sobre alguns fatores que podem contribuir para a ocorrência de apagamentos identitários na maturidade, tais como: cultura, geração, condição social e etnia. No caso em questão para esse trabalho, a idade mais avançada. Nesse sentido, pontuamos que o conflito entre gerações pode ocasionar distanciamentos sociais, uma vez que faixas etárias diferentes podem possuir valores e interesses distintos, o que pode ocasionar a exclusão desses sujeitos de determinados contextos acadêmicos, pois sabemos que a identidade cultural dos sujeitos consiste em um conjunto de relações sociais e patrimônios simbólicos, os quais são compartilhados como forma de estabelecer a perpetuação de determinados valores preestabelecidos em uma determinada sociedade.

Dessa forma, a partir do *corpus* a ser analisado nesse trabalho, podemos conjecturar que, talvez a necessidade ou vontade de preservar alguns valores, venha a contribuir para um possível apagamento desses sujeitos no que tange ao ambiente acadêmico, pois a globalização exige dos sujeitos, principalmente nessa faixa etária, o repensar de alguns valores e comportamentos, os quais para as novas gerações, estão ultrapassados e que quando preservados, podem gerar a exclusão e, conseqüentemente, o apagamento do sujeito em determinados grupos e ambientes.

Não obstante, atualmente, é notória a nossa percepção de que alguns sujeitos na “melhor” ou “terceira idade”, como são comumente chamados, conforme institui o Estatuto do Idoso¹⁹, estão em plena atividade física e intelectual em diversos seguimentos sociais e isso se deve ao fato de que os tempos mudaram, a longevidade com lucidez, clareza, conscientização e produtividade já são uma realidade para esse público e, com isso, alguns sujeitos, embora estejam com a idade mais avançada, redescobriram sentidos e desejos, os quais, antes eram despercebidos, abafados, negados ou adormecidos devido, às vezes, por falta de oportunidade ou em detrimento da priorização de outras vivências.

¹⁹ **O Estatuto do Idoso** é uma Lei Federal, de nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, isto é, uma Lei Orgânica do Estado Brasileiro destinada a regulamentar os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos que vivem no país.

Fonte: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf>

Com o passar do tempo, alguns valores da sociedade mudaram e alguns favoreceram muito a geração que hoje se encontra na maturidade, visto que as mudanças positivas no que lhes diz respeito, serviram de incentivo para que reivindique seu lugar na sociedade, não apenas por ter mais experiências, mas também para aprender, pois, em sua trajetória percebeu que a vida é um eterno aprendizado e que nunca é tarde para começar uma nova leitura e, principalmente que pode escrever novas histórias ou dar continuidade as inacabadas.

E isso ocorre porque no momento atual, em meio a tantos veículos de comunicação e informação, as fronteiras da idade cronológica têm sido relativizadas, pois comumente percebemos pessoas „maduras“ participando das mais diversas atividades, o que preconiza que a maturidade e, conseqüentemente, a velhice, já estão com uma nova perspectiva.

Porém, alguns desses sujeitos ainda se deparam com algumas dificuldades no que se refere à retomada de uma vida social produtiva e, muito provavelmente, isso ocorre devido a sua faixa etária, a qual é um dos fatores principais para a ocorrência de apagamentos identitários, os quais delimitam e cerceiam fronteiras a serem desbravadas.

Nesse contexto, a narrativa também é um fator que contribui para a aceitação ou negação do sujeito em determinados contextos, pois é por meio dela que a ideologia, os pensares e conceitos dos sujeitos são descortinados, tanto explícita como implicitamente.

Dessa forma, a LA, a qual se configura como base epistemológica deste trabalho, vem ao encontro do que almejamos, visto que engloba uma abordagem crítica, reflexiva e indagadora, propiciando subsídios para lançarmos um olhar mais crítico sobre as questões que envolvem a maturidade no ambiente acadêmico, as quais pretendemos por meio das narrativas dos sujeitos envolvidos, perceber a ocorrência ou não de seus apagamentos sociais e identitários. Nesse sentido, Rajagopalan (2001) diz que

A palavra „crítica“ é frequentemente usada para designar uma postura reflexiva e indagadora em relação aos fenômenos da vida. Na tradição das ciências sociais, o termo foi introduzido pela Escola de Frankfurt na década de 1930 (Horkheimer, Adorno, Benjamin) e seus herdeiros do pós-Guerra, os neo-Frankfurtianos, entre os quais Jürgen Habermas seja talvez o mais bem conhecido. O que une todos esses pensadores é que todos eles examinam a vida social, enfim a própria sociedade, a partir de uma perspectiva que eu chamaria de „subjetividade refletida“. Eles não acreditam em „fatos nus“ de qualquer ciência, sobretudo quando a ciência em questão lida com os seres humanos. O ponto de vista do observador, e os seus interesses em observar o que quer que seja, têm de ser levados em conta.” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 315).

Portanto, a LA configura uma perspectiva mais crítica, como forma de elucidar questões no campo da aplicação do conhecimento linguístico, visto que sua principal prerrogativa é o

seu comprometimento com as questões sociais, e faz isso dando voz aos sujeitos de uma sociedade pluralista, miscigenada e mutante, porém, conservadora e opressora dos que vivem à margem dela e/ou configuram minorias.

Desta feita, é inaceitável qualquer tipo de exclusão, a qual venha a causar apagamento identitário, no nosso caso, no que tange a maturidade, visto que o favorecimento de apagamentos sociais não sinaliza a comunhão necessária para o intercâmbio, aceitação e construção e reconstrução das identidades sociais na atualidade.

Por fim, avaliamos ser condizente com nossos objetivos tais nuances sobre a identidade e a identidade na maturidade, usando o arcabouço teórico e crítico de autores que estão filiados aos estudos da LA, visto que esta pesquisa utiliza como sujeitos narradores discentes de uma universidade com idade mais avançada. Nesse contexto, buscamos aprofundar em nossa análise um olhar mais aguçado, a fim de que possamos compreender a complexibilidade e a variabilidade que permeiam o processo de amadurecimento e a aceitação social dessa condição.

2.4 Pesquisa Qualitativa e Linguística Aplicada

A base metodológica utilizada para esta pesquisa centrou-se na pesquisa qualitativa, visto que, de acordo com alguns autores, comporta um caráter exploratório e subjetivo o qual vem ao encontro da nossa proposta investigativa no que tange as nuances que atravessam o comportamento humano em determinados grupos e contextos de pesquisa. Nessa perspectiva, Trivinos (1987) cita alguns conceitos sobre a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como “estudo de campo”, “estudo qualitativo”, “interacionismo simbólico”, “perspectiva interna”, “interpretativa”, “etnometodologia”, “ecológica”, “descritiva”, “observação participante”, “entrevista qualitativa”, “abordagem de estudo de caso”, “pesquisa-participante”, “pesquisa fenomenológica”, “pesquisa-ação”, “pesquisa naturalista”, “entrevista em profundidade”, “pesquisa qualitativa e fenomenológica”, e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p.124).

Em prosseguimento à temática, Minayo (1995) cita:

(...) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja,

ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p.21-22)

Portanto, podemos entender que o foco da pesquisa qualitativa é, a partir de hipóteses, explorar contextos sociais como um meio de compreender fatos e comportamentos sob a ótica da significação para os sujeitos envolvidos.

Segundo Moita Lopes (2006), a LA consiste em uma ciência social, a qual direciona seu olhar para situações de “uso da linguagem enfrentadas pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem (leitores, escritores, falantes, ouvintes) dentro do meio de ensino/aprendizagem e fora dele” (MOITA LOPES, 1996: 20). Assim, a LA busca propiciar reflexões acerca de situações reais de uso da linguagem, a fim de, compreender a vida social e sua complexibilidade. E isso ocorre por meio da problematização de questões que estão arraigadas nos contextos sociais, nos quais, geralmente, seus atores não têm espaços de fala. Nessa perspectiva, Moita Lopes (2006) diz:

Problematiza-[las] ou criar inteligibilidade sobre [elas], de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas. Havia nessa perspectiva uma simplificação da área, então entendida como lugar de encontrar soluções para problemas relativos ao uso da linguagem, apagando a complexidade e efêmeridade das situações de uso estudadas, que não, necessariamente, se replicam da mesma forma, o que impossibilita pensar em soluções (MOITA LOPES, 2006: 20)

De acordo com Moita Lopes (1996) a metodologia de pesquisa no campo da LA pode utilizar métodos de investigação de base positivista²⁰ ou interpretativista²¹, porém, a fim de contemplar os objetivos deste trabalho, acreditamos que a avaliação de base interpretativista vem ao encontro da nossa proposta, visto que, para Denzin e Lincoln (2006), esse paradigma considera “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN e LINCOLN, 2006: 23). Por esse viés, os autores também pontuam que a pesquisa qualitativa não privilegia uma única prática metodológica, ao contrário, inclui o “estudo de caso (...), a

²⁰ A perspectiva positivista insiste tanto na neutralidade do sujeito, ou seja, do pesquisador, como na do objeto de pesquisa a ser estudado. (MOITA LPOES, 1994).

²¹ Na perspectiva interpretativista, a realidade não pode ser independente do indivíduo, porque ela é construída por ele (MOITA LOPES, 1994).

investigação participativa, a entrevista, a observação participante, os métodos visuais e a análise interpretativa” (DENZIN e LINCOLN, 2006: 16).

Assim, a pesquisa qualitativa e a LA se integram e se consolidam como epistemologia teórico-metodológica para a presente pesquisa, na medida em que se entrelaçam e propiciam uma análise interpretativa de histórias e relatos de discentes, em uma situação de entrevista, a fim de compreender como eles se concebem no ambiente universitário no que tange a percepção ou não de seus apagamentos sociais e identitários no contexto acadêmico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

A seguir, detalhamos as ferramentas teórico-metodológicas, as quais alicerçaram essa pesquisa. Para tanto, abordamos a pesquisa qualitativa e sua relevância no que tange a pesquisa no campo da LA. Em sequência, descrevemos o perfil dos participantes, os quais são caracterizados em uma tabela na qual estão contidas as seguintes informações: i) sexo, ii) ano de ingresso na universidade, iii) idade de ingresso e iv) curso de ingresso e, posteriormente, descrevemos o local e as estratégias utilizadas para a coleta, transcrição e análise do *corpus*.

3.1 Participantes

Esta pesquisa foi realizada com discentes de uma universidade federal na região sul do estado do Rio Grande do Sul, dentro dos cursos de Letras com ênfase em Português, Letras com ênfase em Português e Espanhol, Letras com ênfase em Português e Inglês e Letras com ênfase em Português e Francês, ingressantes entre os anos de 2010 e 2014 e com idades entre 41 e 50 anos nesse período.

A escolha dessa faixa etária se deu por supormos que, a partir dessa etapa, a maturidade já se faz presente em algum aspecto de suas relações sociais, pois segundo Gusmão (2001, p.14) a “maturidade diz respeito a experiências vividas pelos sujeitos sociais ao longo de suas vidas, que resultam em qualidades conquistadas por suas trajetórias pessoais e coletivas”. Participaram deste estudo 12 discentes – 10 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 – caracterização dos participantes

Participantes	Sexo	Ano de ingresso	Idade de ingresso	Curso de ingresso
Partic. 1	F	2012	42 anos	Letras Português /Inglês
Partic. 2	M	2012	44 anos	Letras Português/Espanhol
Partic. 3	F	2012	43 anos	Letras Português/Espanhol
Partic. 4	F	2014	56 anos	Letras Português /Inglês

Partic. 5	F	2013	50 anos	Letras Português/Espanhol
Partic. 6	F	2011	42 anos	Letras Português
Partic. 7	M	2010	43 anos	
Partic. 8	F	2012	42 anos	Letras Português
Partic. 9	F	2012	44 anos	Letras Português/Espanhol
Partic. 10	F	2012	41 anos	Letras Português
Partic. 11	F	2012	49 anos	Letras Português
Partic. 12	F	2012	41 anos	Letras Português

FONTE: a autora

3.2 Procedimentos: Métodos e Estratégias

Ressalvamos que projeto que deu origem a essa dissertação foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas na Área da Saúde (CEPAS).

A coleta do *corpus* para este trabalho ocorreu por meio de entrevistas narrativas, com discentes dos cursos de Letras Português e Letras Português/ Línguas Estrangeiras, que ingressaram na universidade no período de 2010 a 2014, com idade igual ou superior a 40 anos. Para tal atividade, foi solicitada autorização à direção do instituto (anexo i), visto que objetivávamos a participação de seus discentes, os quais, antes de aceitarem, ficaram cientes da proposta.

Nesses encontros, a partir da permissão dos participantes, com base na Resolução Ética para pesquisa com seres humanos, realizamos gravações de áudio a fim de captar as narrativas para posterior transcrição, interpretação e análise. Para este fim, foram ofertados aos participantes dois modelos de termos de autorização (anexo ii) para o uso de imagem e depoimento: um para os participantes na faixa etária de quarenta a cinquenta e nove anos e outro específico para os participantes com idade igual ou superior a sessenta anos, sendo este com base no estatuto do idoso e o qual não foi utilizado (anexo iii).

Dessa forma, começamos a pesquisa questionando suas motivações para a retomada aos estudos e, a partir daí, deixamos as narrativas transcorrerem livremente, pois era nosso interesse

captar todas as nuances de seus discursos, os quais apresentaram as narrativas sobre o foco desse trabalho.

Assim, a partir do consentimento, entramos em contato com os participantes e após falar sobre a proposta, marcamos os encontros de acordo com a disponibilidade de cada um. As entrevistas ocorreram de 20 a 29 de novembro de 2019, nos turnos da manhã, tarde e noite, visto que adaptamos nossos horários, conforme a disponibilidade dos participantes.

Para essa finalidade, foram convidados doze discentes que foram divididos em cinco duplas e dois participantes individuais, totalizando oito encontros, os quais foram previamente agendados e duraram de uma hora a uma hora e meia, pois, por tratar-se de narrativas, não fixamos um horário para seu término.

A pesquisa foi realizada na sala de um dos núcleos da universidade nas dependências da mesma e foi de natureza qualitativa, visto que almejávamos, por meio da análise das narrativas, perceber se os participantes se enquadravam ou não no nosso problema/hipótese.

Para tal procedimento, foi ministrada a estratégia de entrevista narrativa. Elegemos esse método por compreendermos que ele corresponde a nossa expectativa com relação ao enfoque do trabalho, visto que, de acordo com Schütze (1992), a entrevista narrativa consiste em um procedimento para a obtenção de dados, a qual objetiva compreender as vivências dos sujeitos a partir de um determinado contexto social, privilegiando as especificidades da sua linguagem como forma de apreensão dos significados explícitos (e implícitos) em suas narrativas peculiares e nesse contexto, procuramos nortear os participantes para a temática almejada (apêndice i), a qual consistiu em perceber a ocorrência ou não de apagamentos sociais e identitários no ensino superior.

A partir dessa estratégia, os participantes sentiram-se à vontade e narraram suas experiências boas e ruins no âmbito acadêmico, o que ocasionou momentos de riso e descontração e de choro e lembranças tristes. Ao narrarem suas trajetórias no contexto acadêmico foram evocadas muitas lembranças, sentimentos e emoções vivenciados, sendo alguns até então velados e que se descortinaram, implícita e explicitamente, por meio de seus discursos.

A pesquisa lidou com entrevistas narrativas (Apêndice II) e não ofereceu riscos, porém os pesquisadores garantiram assistência integral e gratuita aos participantes em todo e qualquer caso de evento adverso relacionado à pesquisa.

Assim, a partir desse trabalho, conhecemos um pouco mais as vivências desse grupo específico, como também percebemos indícios sobre a ocorrência ou não de apagamentos identitários no ensino superior na maturidade.

Por fim, o *corpus* foi transcrito e com base nos dados coletados, analisamos as narrativas e conhecemos as motivações dos participantes nessa faixa etária para o ingresso no ensino superior, assim como suas percepções acerca da visibilidade, relações sociais, expectativas no ambiente universitário e suas percepções sobre a(s) maturidade(s).

3.3 Análise e Resultados Dos Dados

Neste capítulo apresentarei a análise das narrativas gravadas e transcritas com os doze participantes da pesquisa assim como os resultados obtidos. Para tanto, selecionei alguns excertos das narrativas a fim de investigar seus discursos com base na epistemologia teórica utilizada na composição deste trabalho.

A análise foi realizada a partir dos aportes teóricos utilizados ao longo deste trabalho, visto que o ato de narrar engloba todas as ciências inerentes ao ser humano. A fim de exaltar as narrativas mais pertinentes para desvelar tal questão, elaborei as seguintes categorias para esse problema/hipótese: I) Maturidade e ingresso no ambiente acadêmico; II) Universidade e acolhida na maturidade; III) Maturidade: vivências e apagamentos no meio acadêmico e IV) Maturidade Identitária.

Conforme mencionado anteriormente, a maturidade configura-se sob vários aspectos e percepções teóricas, porém para esse trabalho, detive meu olhar para a maturidade relativa à idade e a maturidade psicológica dos participantes através de suas implicações nos contextos sociais investigados.

Nessa perspectiva, utilizei os pressupostos teóricos dos autores citados ao longo deste trabalho para a realização da análise do *corpus*, pois tendo em vista que o olhar para as narrativas em questão preconiza o arcabouço da Linguística Aplicada, a qual, segundo Moita Lopes (2008) não está enclausurada em saberes epistemológicos, visto que consiste em uma abordagem mutável e dinâmica da linguagem em contextos diversos, considerei irrefutável e apropriada tal prerrogativa analítica.

Para Fooker (2015) na fase da maturidade, passamos a reorganizar e priorizar muitos eventos, a fim de, algumas vezes, recuperar o tempo perdido e/ou realizar antigos desejos, os

quais, outrora, por diferentes motivos, não foram possíveis de serem concretizados, conforme se pode averiguar nos excertos que ilustram este trabalho.

Ponto que os recortes não obedecem a ordem numérica dos participantes da realização da coleta dos dados, pois estes foram citados de maneira aleatória, para que contemplem as categorias geradas para a análise.

3.3.1 Maturidade e Ingresso no Ambiente Acadêmico

Ao tratar sobre esse tópico, percebi nas narrativas vários pontos interessantes e merecedores de um olhar mais aguçado. Sabemos que as narrativas contêm vários conceitos que nos são ensinados desde a infância pelo meio social em que vivemos e, por isso, estão internalizados em nossa identidade formando assim nossas ideologias e posicionamentos nos diversos contextos em que transitamos. Nesse contexto, recorri ao conceito de avaliação forte do filósofo canadense Charles Taylor (1997), o qual pontua que a narrativa é construída a partir da articulação dos pensares e dizeres dos sujeitos com base em seus conceitos e pré-conceitos morais avaliativos.

Sendo assim, vislumbrei nesses excertos que todos os participantes dessa pesquisa, desvelaram seus conceitos por meio dos seus dizeres, os quais preconizam os moldes dos seus contextos originários, conforme mostra o trecho dos participantes 1, 8, 11 e 12 quando se percebe que, a partir de uma sociedade hierárquica e patriarcal, a mulher primeiramente cumpre os papéis de esposa e mãe, para depois se dedicar a sua satisfação e crescimento pessoal, no caso, por meio do estudo:

Participante 1 - Eu tinha preguiça de estudar quando eu era adolescente, então eu fiz só o ensino médio e aí eu tentei entrar na engenharia porque eu não queria ser professora. [...] Aí eu e meu marido casamos e eu parei de estudar porque eu tinha as crianças pequenas, só que com o passar do tempo comecei a trabalhar como professora de inglês né? Eu tive essa oportunidade onde eu estudei inglês, me convidaram para dar aula sem precisar ter a graduação então eu fiquei dando aula lá, tive treinamento lá só que durante as aulas que eu ministrava os alunos perguntaram a senhora se formou? E isso me causava um certo desconforto, parecia que tava faltando algo, aí eu pensei quando chegar o momento certo, quando os filhos não tiverem tanta dependência, eu vou tentar entrar para universidade. Em 2011 eles já estavam grandes e sem muita pretensão passei para Letras/Português/Inglês, foi uma surpresa feliz, mas tive que me organizar toda de novo, né? É porque a gente faz querendo, mas depois que entra pensa, e agora?

Participante 8 - [...] eu tenho dois filhos, um casal, e vendo a necessidade de instrução dos meninos para fazer o auxílio, né nos temas, nas redações “mãe, como é que eu”, aquele negócio...porque em casa, naquele tempo, ainda não tinha a internet, financeiramente, pra mim, era inviável a internet e aí vai pesquisar onde? Ah, vai

pesquisar na *lan house*, geralmente era assim que fazia, né, e aí os guris “ah, mãe, eu não sei tal palavra, como é que se faz, como é que pesquisa, como é que vê, como é que escreve?”. Eu digo, aí, eu já tinha feito o segundo grau há muitos anos e tinha terminado o segundo grau normal, assim. [...] - E aí, eu disse “pôxa,” né? Vendo a necessidade de auxiliar os guris na própria atividade da escola, eu me senti emburrecida porque parecia assim que eu tava dentro de casa, eu trabalho todo dia normalmente, tenho um serviço da atividade durante o dia, mas eu me senti assim, deslocada fora da escola, daquelas atividades e vendo essa necessidade foi que eu disse “onde eu tenho mais dificuldade é na escrita” [...]

Participante 11 - Olha, na verdade, assim, ó, eu sempre tive vontade de estudar, mas como eu não tive oportunidade antes, né, aí teve um, como eu moro na ilha, teve um...como é...um projeto, daqui da universidade, que era Educação pra Pescadores, aí eu fui e fiz lá o fundamental, terminei, que nem tinha, tinha até a quarta série, depois o médio, tudo assim, em pouquinho tempo. Um ano... acho que um ano eu fiz o fundamental e no outro o médio, foi assim, tudo... e aí fiz o Enem por fazer na verdade, não foi com esse intuito achando que eu ia conseguir. E aí, não é que eu passei? Daí eu digo, e agora? Agora vou ter que ir, aí, tá, foi assim, meio que no susto.

Participante 12 - Entrei na faculdade por causa de poesia, porque eu queria estudar poesia, não tinha nem sonho de ser professora, eu queria estudar, não queria me sentir tipo parada, eu parei quantos anos? Me sentia um nada, dentro de casa só sendo mãe. E foi por isso que eu voltei a estudar.²²

Acredito ser importante salientar, que não percebi nas participantes citadas nenhum ressentimento por tal fato, pois pareciam sentirem-se satisfeitas em primeiro cumprir os papéis que lhes foram incumbidos. Claro que aqui cabe uma reflexão acerca da imposição destes papéis, que podem gerar uma série de angústias nos atores sociais se não forem desempenhados como são esperados. Se refletirmos sobre essa questão, perceberemos que isso ocorre a partir do nascimento na condição de mulher, o qual culturalmente lhes impõe uma série de obrigações simbólicas, de papéis que precisam ser desempenhados antes de tudo, o de mãe sendo um dos mais socialmente cobrados. Tais papéis são exigidos socialmente e os atores sociais sentem que necessitam cumpri-los “corretamente” e em detrimento de outrem para que sua identidade e lugar social sejam reconhecidos e aceitos pelos demais membros de seu convívio.

Também percebi a necessidade de atualização no sentido de estarem atentas ao atual, ao moderno, de acompanhar o que está acontecendo no mundo, pois a mulher de agora, mesmo na maturidade, sente a necessidade de atuar, de contribuir e de mostrar também sua potencialidade fora do contexto „do lar”.

²² As entrevistas completas encontram-se nos anexos desta dissertação.

Em suma, são questões pontuais que fizeram com que essas participantes citadas retornassem aos estudos, mas em especial observei em suas narrativas, além de um grande impacto, uma grande satisfação em fazê-lo.

Em prosseguimento, percebi nas narrativas dos participantes outras motivações, para seus retornos, as quais mostram a necessidade e o desejo de realizar algo, que outrora não foi possível e que agora, na maturidade, sentiram-se motivados a concretizar.

Participante 2 – Bom, eu por causa da minha filha né, ela fez o magistério e tentava Biologia e não conseguia por causa, na época da redação, ela saiu muito mal na redação e aí eu comecei a estudar junto com a minha filha e a gente fez um cursinho na época, na universidade, um cursinho popular [...] tinha vez que a minha filha não podia ir, né, ela sofre de asma, eu fiz todo o cursinho junto com ela, aí no dia do vestibular a gente acordou cedo [...] e ela deixou um bilhetezinho “pai, eu também acredito em ti, nós todos acreditamos, quer dizer, ela tinha feito minha inscrição pra mim fazer também o vestibular, quer dizer, no ano que eu passei, a minha filha passou também pra Biologia.

Participante 3 – Na verdade, eu nem sei. Ah, vou fazer o Enem, ah, vou fazer o Enem, o que que tem? Vou tentar pra dar uma testada. Aí, foi em 2012, naquela época eliminava o ensino médio pelo Enem, né, e como eu não tinha o ensino médio, bom vou fazer pra vê se eu elimino o ensino médio. E consegui, tirei uma nota boa, até, aí me inscrevi pra fazer engenharia, eu queria mecânica naval, aí tá, minha nota não era grande coisa, né, mas eu fiquei como suplente. [...] Aí no outro ano meu marido “tá e tu não vai fazer Enem de novo? não, fazer Enem pra que? Não vou, já fui lá, tava quase dentro e saí pra fora de novo, eu disse não vou. Aí ele pediu para o meu filho fazer a inscrição, pagou a inscrição e “pá, tá aqui, vai lá e faz, se não entrar, azar, tu já não tá dentro mesmo. E fiz. Aí entrei e disse “sabe de uma coisa, eu não vou tentar engenharia, sou ruim de matemática, né, o que que eu quero com engenharia? Eu tava era louca (risos) ué, tenta outra coisa, vê o que tu queres fazer. Comecei a pesquisar ali, ó Português/Espanhol, gosto de espanhol, vou me inscrever pra cá e aí consegui, mas aí depois vira mais um desafio pessoal, né?

Participante 4 - Bom, para mim foi para me manter em uma atividade mental, assim, né, já pensando na velhice, né, uma atividade intelectual, preservação de Alzheimer, coisas desse tipo, né e também me manter atualizada, né, mais viva, né, no meio de gente que faz. Eu gosto de ficar no meio de gente jovem, ativa.

Participante 5 – Bom, eu o que me motivou, me empurrou não foi nenhuma motivação foi empurrou porque eu recebi um diagnóstico de câncer de colo de útero e, de repente quando tu tá ali envolvida naquele tratamento, eu olhei para trás e perguntei o que fiz da minha vida? Porque eu sempre sonhei, eu sempre gostei das Letras, então eu aproveitei isso e me joguei, até pra não ficar pensando muito, né e foi isso, justamente pelo diagnóstico. E aí eu digo assim não eu vou ter que fazer alguma coisa pela minha vida”, porque até então eu só vivia pros meus filhos, pra casa, então aí eu resolvi dar um sentido pra vida.

Participante 7- Bem, eu entrei na universidade mais ou menos com 42 para 43 anos, tá.. Eu sempre tive vontade de fazer o curso de Letras ou Geografia ou História, hã...como esses cursos, o curso de História era tarde eu fiquei ...eu tirei isso para escanteio...hã ...fiquei dúvida entre Geografia e Letras, né, aí eu pensei...hã...eu entrei no Letras/Francês por quê era mais fácil de entrar, tá, e eu queria entrar para custar o curso de Letras.

Participante 9 – Bom, eu voltei a estudar porque, eu já tinha o que...uns 40 e poucos anos e tava desempregada e eu lembro assim que o meu ex-namorado dizia “ah, é muito difícil tu conseguir trabalho porque não é formada em nada, não sei o que, não sei o que...”, então vou me formar, né? Foi por isso que eu voltei a estudar.

Nesse sentido, apreendi nesses trechos do *corpus* que tais participantes, a certa altura de suas vidas, as quais, talvez julgassem já terem um caminho traçado, se confrontaram com a oportunidade desse retorno, seja por motivos pessoais, profissionais ou até pelo inesperado, fato que lhes deu um sentido totalmente inovador e revigorante em suas trajetórias.

Nesse contexto, tal retorno tornou-se um desafio, visto que a maturidade já integra parte de sua identidade e, uma vez que a maioria havia abandonado os estudos já há algum tempo, esse retorno exigiu maior dedicação no que tangia à disciplina em relação ao próprio ato de estudar. Assim, creio que a satisfação pessoal e a elevação da autoestima se fizeram presentes e foram a mola propulsora para seguir em frente, pois percebi em suas fisionomias enquanto narravam suas motivações, a vontade de cumprir tal desafio como forma de provarem para si e para os outros que, mesmo na maturidade, ainda são muito capazes.

Em continuidade, a participante 6 foge dos padrões até agora citados, pois mesmo sendo do sexo feminino, não citou questões ligadas a performance feminina moldada culturalmente pela sociedade, como cuidar da casa e filhos, até então bastante presente nas narrativas, enquanto o participante 10 busca crescimento profissional por meio do estudo, conforme se percebe a seguir:

Participante 6 – É, na verdade, eu nunca parei. Como eu vi que não ia me formar em Jornalismo, o mais próximo que tinha aqui na universidade, Letras, porque era o que tinha a ver... revisão e tal e como eu já trabalhava nessa área, eu também eu achei que isso ia me dar mais suporte.

Participante 10 – Eu, a princípio, foi por dinheiro, foi por dinheiro, mas não no sentido começar uma carreira de magistério que a gente sabe que tu tem que ter muito curso, muita coisa para chegar num nível bom, mas eu sou funcionária do Estado, eu sou servente de escola até hoje, então quando teve o governo do PT do Olívio Dutra ele...ele nos deu, deu para o funcionalismo o plano de carreira e aí, eu sou servente de escola até hoje, então, eu não posso mudar de cargo por causa de estudo, mas eu posso melhorar meu nível.

Dessa forma, se pode perceber algumas questões importantes na narrativa da participante 6, pois ao não realizar “o papel de mulher”, teve muitas oportunidades e não parou seus estudos. Isso implica em não precisar abdicar de seus sonhos e objetivos e, assim poder

dedicar-se a algo que queira, no caso, o meio acadêmico. Ressalvo que não estou questionando ou menosprezando questões como o casamento e filhos, os quais eu mesma dediquei e dedico um bom tempo da minha vida, porém, é notório que o não atrelamento a essas condições, nesse caso, propiciou mais disponibilidade e dedicação aos seus ensejos profissionais.

O participante 10 relatou que, primeiramente, seu desejo era de crescer profissionalmente como forma de obter melhor remuneração. Como nos disse Hall (2000) no capítulo 2 desta dissertação, nossas identidades estão em constante transformação, o que fica bastante evidente no caso do participante 10. O meio, com certeza, também desempenhou um papel bastante significativo, pois uma vez que o participante trabalhava em um contexto escolar e havia uma motivação de crescimento em sua carreira, acabou optando pela licenciatura e todas as possibilidades de mudança (social, cultural e identitária), que tal escolha acarretaria.

3.3.2 Universidade e Acolhida na Maturidade

Nesta parte, direcionaremos o nosso olhar para os participantes, buscando compreender como foram os processos de acolhimento dos mesmos na universidade. De acordo com Hall (2006), podemos assumir diferentes identidades em diferentes momentos como forma de adaptação a novos contextos sociais nos quais passamos a conviver e a partir dessas mudanças contextuais construímos novas relações e meios para bem viver socialmente, conforme podemos perceber nos trechos a seguir:

Participante 1 - Foi legal, eu não tive nenhum tipo de preconceito, fui procurando mais as pessoas da minha idade na sala de aula, acho que a gente faz isso é assim, né? Tinha colegas por volta dos 40 anos, 41, eu tinha 42, mas eu também tinha algumas mais jovens que gostavam de andar com a gente, acho que por falta da mãe né?

Participante 2 - Para mim foi legal porque eu penso assim, eu ia ser o tiozão, né o cara mais antigo da turma [...]

Participante 3 - Eu me senti acolhida. Na minha turma, acho que mais velhas nós éramos quatro, dessas quatro, duas desistiram e nós ficamos duas e dessas duas que ficaram eu era mais velha mas eu achei a turma era assim meio, sabe o que que tu tá fazendo aqui?" (risos) mas eu nunca dei muita bola, mas não teve assim... é que o meu objetivo era tá ali, eu meio que abstraio, eu consigo abstrair. Eu percebia, mas eu tenho uma coisa comigo: interfere na minha vida? Sim? Não? Então dane-se. Meu objetivo que que é, terminar o curso então vou terminar o curso. Se vão me acolher, se não vão me acolher, se vão me dar bom dia, se vão falar comigo, tanto faz. Eu consegui, mas algumas não conseguiram, duas desistiram.

Participante 4 – Eu costumo dizer que a minha acolhida se deu no primeiro dia de aula. [...] e eu já cheguei atrasada [...] sentei na frente [...]e quando chegou a hora do

intervalo porque teríamos aula mesmo né, eu fiquei bem assim, desconcertada comigo fazer o quê que eu ia fazer ? Onde eu ia ficar, né? [] e uma colega passou, veio não sei de onde, eu tava mais na frente, parou na na minha frente e disse assim “então colega, vamos tomar um café?” Então, eu costumo dizer que isso aí já foi o meu acolhimento inicial que já fez eu ter já quebrou com aquele tipo de constrangimento que eu tava, né [] já aceitei tomar um café com ela e com outras que elas já tinham conversado entre si e foi o acolhimento inicial, mas é que foi excelente, né porque eu digo realmente eu não sei assim se eu não tivesse me sentido acolhida de início, por que embora pareça que não, eu senti um constrangimento assim, né era uma discrepância muito grande e é ainda, né, a minha presença na universidade, né, eu dizia por exemplo, que eu tive dois, né, na graduação, 2 professores mais velhos do que eu, né, os outros todos eram mais jovens, e muito mais jovens e os alunos então, nem se fala os alunos eram mais jovens que os meus filhos, por exemplo, né. Então, não é muito fácil, não é muito fácil, né, mas acho que fui me adaptando bem assim... em algumas situações, até hoje noto situações, não mais de constrangimento pro meu lado porque eu já me sinto bastante à vontade, eu brinco com a minha idade, eu não deixo de participar de nada por causada minha idade, mas eu noto, ainda hoje sim, barreiras.

Participante 7 - Olha, quando eu entrei em 2012, pra mim, aquilo foi assim, fascinante, né, t 2010, 2010, foi fascinante assim. []. Claro, a minha turma tudo gente nova, a maioria, mas assim, já no primeiro dia tivemos interação, ali tinha pessoas que regulavam comigo, né, mas a grande maioria jovens, bem jovens, mas não teve problema nenhum, a gente fez grupos de estudo, nos reuníamos finais de semana, temos uma amizade até hoje...então assim, foi super tranquilo, eu não me senti deslocado em nenhum momento.

Participante 8 – Não que eu tenha me sentido deslocada, eu nunca me senti deslocada dentro da universidade, até porque eu vim tão feliz quando eu vim fazer a matrícula, que no dia anterior, precisava fazer a foto 3 por 4 e eu não tinha nenhum, a minha foto 3 por 4 guardada e eu tirei foto. A minha foto pra universidade parece uma foto de aniversário assim, é uma foto com um sorriso de boca à boca, de orelha à orelha de, tão feliz que eu tava de saber que eu tinha ingressado na universidade []

Nessas narrativas, embora os participantes citados tenham relatado que tiveram uma boa acolhida em seus ingressos no meio acadêmico, se percebe que tal fato não se deu por si só e sim por uma adaptação voluntária que parece vir do profundo desejo que sentiam de estar na Universidade. Quer seja com os mais jovens, quer seja na procura por seus pares, ou seja, no que se refere à interação com os mais jovens, percebi que foi necessário adaptar-se, modernizar-se, tornar-se o mais próximo possível de suas “jovialidades” no sentido de aproximar-se do “novo” como um meio de obter pertencimento a esse grupo talvez não tão desconhecido, visto que muitos participantes têm filhos nessa faixa etária, porém considerados “donos legítimos” de tal espaço.

Tal reflexão nos remete ao que é referenciado na sociedade, pois sempre que se ouve falar em estudo, faculdade, os jovens são sempre citados como seus “usuários legítimos”, visto que jamais vimos uma chamada para esse espaço direcionado para as pessoas mais velhas, a não ser para algum projeto ou entretenimento das pessoas na “melhor idade”.

Sendo assim, quase todos os participantes, embora tenham relatado boas experiências no momento de suas chegadas, também citaram o fato de procurarem se relacionar com pessoas de suas faixas etárias, o que demonstra a necessidade de encontrar seus pares, seus iguais, como forma de identificação por semelhanças para assim, se sentirem também pertencentes a esse espaço culturalmente e socialmente direcionado para os jovens.

No relato do participante 3, podemos perceber que em sua narrativa prevalece o desejo de seguir o seu objetivo, não importando possíveis situações de rejeição e priorizando a conclusão do curso. Tal prerrogativa pode ser atribuída a sua maturidade, pois certamente já vivenciou muitas experiências parecidas e, por isso, aprendeu a administrar tais situações e manter o foco no que realmente deseja, sem se deixar persuadir por fatores negativos, os quais possam levá-lo a desistir de seu objetivo, como ocorreu, segundo a sua narrativa, com algumas colegas da turma.

Nesse contexto, podemos perceber essa questão em pelo menos duas perspectivas – uma da trajetória individual e outra do grupo social. Na perspectiva da jornada individual dos participantes, percebe-se que maturidade lhes trouxe alguns benefícios no que se refere a abstrair com mais facilidade o que possa desviar o caminho do que se deseja realizar, pois se tem a convicção que não temos tempo a perder com atitudes e/ou pessoas que não irão contribuir nessa nova jornada, embora, às vezes, não seja fácil transpor alguns obstáculos. Na perspectiva do grupo social, essas narrativas aqui apresentadas são as histórias de quem conseguiu vencer os obstáculos impostos na academia, sejam eles simbólicos ou não, e atingiram, mesmo que parcialmente, os seus objetivos. Contudo, quantos não conseguiram? Quantos, que inclusive aparecem nas narrativas dos participantes, desistiram diante da hostilidade que o meio acadêmico pode proporcionar àqueles que chegam em busca de conhecimento? As pessoas que chegam na universidade na sua maturidade podem encontrar uma série de entraves e hostilidades que as afastam do seu sonho inicial – estudarem e melhorarem como indivíduos.

Dessa forma, percebemos o quanto nossa identidade pode tornar-se flexível, reconstruir-se e adaptar-se a situações e contextos os quais, a princípio, são desfavoráveis e impróprios para quem está na fase da maturidade, mas também é por se estar na maturidade que, às vezes, conseguimos pensar, repensar e agir com mais discernimento e bom senso diante das adversidades.

Assim, pensar no ambiente da universidade na maturidade é pensar em tudo que acarreta esse novo caminho, é um refazer diário de nossas metas e, principalmente, é procurar motivação e alicerçar-se nela, como forma de burlar os acontecimentos desagradáveis e discriminatórios

que acontecem, às vezes, ao se inserir no contexto acadêmico, conforme comprovam os recortes das narrativas a seguir:

Participante 5 - Bom, foi bastante difícil a minha a minha chegada na universidade, na sala de aula devido assim, ó a grande maioria ser jovem e só eu e mais outra senhora e se notou muito a questão de nos deixarem um tanto de lado assim... nós fomos excluídas devido à idade, devido à idade... e até certos professores fizeram isso.

Participante 6– Olha...é. como é que eu vou te dizer, assim, eu achava a turma meio fria no geral, assim, eu achava que acolhido ali, ninguém era, eles tavam ali tudo junto e se fez necessário se conversar, né, afinal, somos adultos, aquela coisa assim.

Participante 9– Eu, na sala de aula, eu era o bichinho estranho, porque eu fui totalmente isolada pela turma do espanhol, porque eu tava. quando eu vim pra cá, em uma fase muito complicada da minha vida, eu tava recém tipo, retomando as rédeas da minha vida, sabe. [...]) e aí eu lembro assim que quando eu comecei. tá cheguei toda empolgada, só que eu tive uma rejeição muito grande por parte das gurias do espanhol, então, quando eu tinha aula com pessoal do inglês juntos, né, das outras turmas, era tranquilo porque eu não me senti isolada, mas nas aulas de espanhol. eu peguei nojo do espanhol, eu não suporto espanhol, eu me formei em espanhol, mas eu não suporto espanhol pela situação...ah, era horrível. [...], de alguma forma incomodava as colegas, eu não sei, e aí, ei comecei a me isolar. No primeiro ano, foi tão ruim, eu tive também problema com professora de espanhol, assim, ó, as gurias...nossa, eu era um bichinho, eu me sentia um bichinho, assim na aula. foi horrível, horrível. Foi horrível meu primeiro dia e aí chegou uma época assim, que eu pensei em desistir, eu digo “o que que eu tô fazendo aqui? Aguentando isso, não aguento desaforo nem da minha filha, vou aguentar desaforo dessas gurias”, sabe? Aí, isso foi no primeiro ano, aí acabou o ano, né, eu fiquei de férias e aí eu aliviei. Aí eu digo “quer saber?” “eu não tenho que desistir, eu tenho que voltar, me formar” e foi o que eu fiz. Voltei e comecei a ignorar as colegas que me ignoravam, sabe aquilo? De repente, elas não me afetavam mais, entende? Claro, tive que trabalhar a minha cabeça, mas é tenebroso, assim, essa rejeição toda.

Participante 10– Eu senti. Eu senti, mas ao mesmo tempo que eu sentia o distanciamento do pessoal mais jovem, tinha muito veterano na turma. Então, era gente que regulava de idade e fundou a Ufa, que era Unidos do Fundo da Aula. Então, a gente procurava não se misturar e dentro da própria aula, às vezes, tinha assim o desprezo, a intimidação por um colega mesmo que, eu acho que...as pessoas não tem... a juventude não tem a noção do que que é tu trabalhar, cuidar uma casa, cuidar marido, cuidar filho, na época, eu fiz 12 disciplinas no primeiro ano que era o curso, ainda era anual eu tava matriculada em 12 disciplinas e eu consegui passar, eu não carreguei nenhuma matéria para o segundo ano. No segundo ano, quando apareceu a linguística, aí esse colega que tinha toda assistência da família, que só tinha dedicação ao estudo, ele ria porque a gente não se dedicava o suficiente, que tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra [] e aquilo começou a marcar muito, ali que foi o primeiro baque que a gente sentiu.

Participante 11 - Sim, no início, eu me achava meio fora de lugar, mas depois eu comecei a me sentir bem, até. Assim, no início assim, tem algumas pessoas, às vezes, que tem um pouquinho de diferença com a gente, né, por ser mais velho, mas não são todos, então, eu deixava meio de lado, não esquentava muito assim. Sabe, eu não sou muito de procurava ficar de boa com quem se importava mais comigo e aí, assim foi.

Participante 12 – Tu toma um baque porque a primeira vez que tu entra na sala aula, tu é a pessoa mais velha, tu podia ser mãe de praticamente, todos os alunos. Então, tu te sente assim, ó, “tô com o conhecimento defasado” vou ter que carregar um saco de

pedra”, porque, muita coisa eu esqueci mais que eu gostaria[...] eu ia conseguir me garantir na literatura porque eu nunca parei de ler, mas eu pensei assim “pah, gramática é meu problema, vou ter que carregar 50 sacos de pedra”. [...] Então, com alguns eu nunca senti dificuldade, com os colegas, sim, bastante.

Como a LA nos ensina, a linguagem atravessa todas as relações humanas e traz em seu bojo uma série de imbricamentos de cunhos sociohistóricos, culturais, econômicos, identitários, raciais e de gênero. A partir da análise das narrativas, podemos depreender em quais instâncias esses imbricamentos parecem reverberar com mais intensidade (Moita Lopes, 2009). Nesses relatos, vislumbrei alguns fatores como: sociais, raciais e culturais que provavelmente contribuíram para uma rejeição dos atores sociais no ambiente acadêmico.

Sabemos que culturalmente, infelizmente, julgamos e somos julgados pelo que temos, como nos vestimos, como falamos, como nos comportamos em determinados contextos, pela cor da pele, pelo nosso gênero e pela orientação sexual. Enfim, são muitos os julgamentos e preconceitos enraizados em nossa sociedade e que fazem com que algumas pessoas se julguem melhores e/ou superiores a outras, dependendo do grupo social com o qual se identificam e/ou são identificadas.

Assim, ao realizar a análise da coleta do *corpus*, reparei que os participantes que não passaram pela situação de rejeição, eram brancos, possuem automóveis, falam bem e aparentam ter uma situação econômica confortável, fatores esses que com certeza contribuíram para seus acolhimentos positivos, com exceção de um participante (9) que possuía todas as características acima citadas e, ainda assim, sofreu rejeição quando em seu ingresso na universidade, caracterizando possível preconceito por sua maturidade.

Essa forma de discriminação ou violência que leva em consideração a idade do sujeito é definida como ageísmo (*ageism*). Esse comportamento engloba uma série de atitudes que vão desde considerar o que é feito pela pessoa mais velha como errôneo, ou equivocado, até questões que perpassam a infantilização da pessoa ou mesmo o julgamento de que o que faz é desnecessário ou não produtivo. De acordo com o artigo “*Ageism in Brazil - What is it? Who does it? What to do with it?*”, de autoria de Ana Maria Goldani (2010), as mulheres parecem sofrer mais com este tipo de preconceito e com mais frequência do que os homens, o que mostra que o ageísmo também apresenta questões de gênero implícitas.

Em contrapartida, neste estudo, os participantes que sofreram rejeição eram negros ou demonstravam classe social diferente dos bem acolhidos. Ao analisar tal prerrogativa, torna-se predominante a reflexão sobre identidade, sobre o que e quem eu aceito, quem pode conviver comigo, quem, a partir de um pré-julgamento pode fazer parte do meu círculo de amizades e/ou

convivência. Essas e outras questões são latentes no que se refere à aceitação, pois, embora existam diferenças, o outro tem algo que me favorece que é agradável, que pode me beneficiar, seja materialmente, socialmente, enfim algo que o habilite a fazer parte do meu contexto.

Sabemos que a identidade também se constitui a partir das diferenças, a partir do olhar do outro sobre mim e a partir das semelhanças, entre outros fatores, portanto o outro sempre vai ter e/ou ser algo que me atrai ou afasta. Essa é a questão da identidade e da diferença, tal como defendida por Hall (2000), pois é no contato com as alteridades que eu descubro o que eu sou e o que eu não sou. No que se refere a maturidade, percebi que ela é um dos principais motivos que propicia a rejeição, pois nela está inserido todo um pensar de incapacidade, desatualização, costumes, falas e atitudes ultrapassadas devido a diferença de gerações e pensares que não são aceitos em determinados grupos, geralmente de pessoas mais jovens.

Sendo assim, com base nos dados analisados neste tópico, concluo que as diferenças existem e que são necessárias para dar equilíbrio às relações e constituírem as identidades, porém nesse contexto específico, no meu entendimento, além dos preconceitos que tangenciam a maturidade (ageísmo), outros fatores favoreceram a ocorrência ou não de acolhimento nas salas de aula dos participantes desse trabalho.

3.3.3 Maturidade: Vivências e Apagamentos no Meio Acadêmico

Neste tópico, averigui algumas situações de convivência bem positivas, pois, conforme já citei, também pude perceber a adequação de alguns participantes ao novo contexto, como forma de inserção e pertencimento nos grupos, pois precisamos viver em sociedade e, como tal nos moldamos a exigência das alteridades a fim de termos uma convivência saudável e prazerosa.

De acordo com Koch (2000) isso ocorre porque o mundo é representado por meio da linguagem, pois é ela que transmite a nossa percepção acerca dos contextos em que estamos inseridos. Na mesma perspectiva Neves (2003), Martin (1997) e Ortiz (1994) assinalam que a narrativa transcende o tempo e transmite seus preceitos, os quais delimitam as fronteiras simbólicas nas relações sociais, como mostra os excertos abaixo:

Participante 1 – [...] então nesse sentido, não me senti excluída no ambiente acadêmico, não só dentro da sala de aula. Mas de me sentir excluída assim não, fiz bastante amizade com pessoas mais jovens sim, tive uma convivência, mas nada assim

a nível de amizade, foi muito mais no nível coleguismo, uma boa convivência, nada assim a nível muito pessoal, mas no nível acadêmico, de fazer trabalhos, de estudar junto para as provas, isso a gente fez bastante. Como eu já era professora de inglês, talvez tenha sido uma certa barreira no início com os colegas, mas eu não acho que tenha sido pela idade, mas pela função.

Participante 2 – Ah, eu me senti totalmente incluído. No curso de Letras, os homens são poucos, né, então por ser homem e por ser mais velho, eu tinha idade pra ser pai da maioria das meninas que tavam ali, me levavam pro bar que tinha a aqui na entrada, o Rosa.

Participante 3 – Fiz amizade com jovens...não dá pra dizer que era uma amizade, era um coleguismo um pouquinho maior que com os outros algumas, não muitas, é que também eu sou uma pessoa tímida, mais fechada, não sou de conversar muito porque é meu mesmo, eu não chego conversando como eu sou em casa, eu chego devagarinho. Eu não posso dizer que não fiz mais amizades, de repente eu não fiz pelo meu jeito.

Participante 4 – Então, como eu falei no início, né, eu já me senti assim meio acolhida, desde o início, em função dessa colega especifica que me chamou para o café, né, a partir dali já era a colega que eu tinha como referência, não só ela porque ela era uma pessoa acolhedora de modo geral assim, ela também já tinha. e formamos um pequeno grupo, com quem eu sempre estava incluída, né, mas, sim tem algumas situações que se fica deslocada, né, as turmas não permanecem, os amigos vão se perdendo ou ficando pelo caminho e a gente tem que fazer novas relações, né, e muitas vezes não é fácil. Eu sentia mais dificuldade quando se diferenciava com o grupo do inglês, que eram todos muitos jovens, um grupo pequeno, né, todos muitos jovens e eu tive que me incluir naquele grupo ali e no início foi bastante difícil.

Participante 5 – Bom, assim ó eu, eu me senti inclusa porque eu busquei a amizade de outras turmas. Eu busquei amizades hã...[] todas as pessoas da minha idade em outra turma que não era a minha. Então, assim, ó, eu fiquei pipocando entre pessoas das Artes, pessoas do francês, pessoas do inglês. Na minha turma, eu não me sentia inclusa, eu só tinha duas amigas. duas amigas, porque elas estavam relativamente próximas a minha idade, não tão próximas, mais próximas. [], mas, não é só contigo, comigo também. Eu acho que é em geral, assim, as pessoas que passam dos 40, eles acham que não existe um para estar aqui. Como se nós tivéssemos que ficar em casa, cuidando netos [] tava implícito que o que eu ia fazer não combinava comigo assim, que era, que não seria o meu lugar.

Participante 6 – Não tive problema, assim, né, do meu ponto de vista, não nunca tive problema assim. E que o foco, o objetivo, eu tinha o meu objetivo, então eu não tenho tempo, não fico de “mimimi”, nem pra ficar perdendo tempo com essas coisas, entendesse? Que ali, porque aquilo ali é um período, entendesse? O teu foco tá em...

Participante 7 – Nenhum momento me senti excluído.

Participante 8 – Nunca. Ao contrário, às vezes, eu que excluía (risos). A pessoa vir se escorar? Ah, não teve colegas de anos que entraram depois da gente, que colavam. [...] Com relação aos jovens, alguns eu acho até que vou me espichar um pouquinho com relação ao preconceito como os mais velhos. Alguns, eles fazem um paredão, né “tem idade da minha mãe”, né, “da minha tia”, né, aparentemente, a gente tem a idade, mas, ao mesmo tempo, a grande maioria nos acolhe, entende? Porque a gente tem essa experiência a mais.

A partir dos exemplos acima, percebi que alguns dos participantes citados, sentiram-se incluídos e que tiveram vivências positivas no meio acadêmico. Isso se deve ao fato de adaptação ao novo contexto e certamente a maturidade necessária para interagir e seu lugar em um ambiente comumente frequentado por jovens.

Porém, os participantes 4 e 5 tiveram algumas dificuldades de entrosamento, fato que demonstra que a maturidade, por si só, pode gerar alguma diferença no que se refere a inclusão em grupos compostos por pessoas mais jovens.

Assim, a meu ver, essa questão abrange muito mais que uma aceitação, ela envolve um querer pertencer, o qual é capaz de flexibilizar alguns conceitos ideológicos como forma de mostrar uma capacidade de inovação, renovação e acessibilidade, pois a partir do momento em que eu me disponho a ouvir, refletir para depois formalizar minha opinião e mudá-la, já ultrapasso a barreira do imutável, do perpétuo, o qual é, de certa forma, consagrado às pessoas maduras.

Portanto, estar aberto ao novo, facilita e habilita para discussões e a possível aceitação nos contextos almejados. Entretanto, a participante 5 não se sentiu incluída em sua turma e relatou encontrar reciprocidade com pessoas de outras turmas e pontuou que isso ocorreu porque não tinha colegas em sua faixa etária, o que reforça a questão da procura identitária por meio das semelhanças e não das alteridades. Já o participante 6 fortalece o foco em seu objetivo, sem se deixar afetar por assuntos, os quais julga não terem importância.

Tal relato também reforça uma das questões sobre a maturidade, a qual consiste em uma fase em que se procura priorizar o que realmente importa e a partir dessa prerrogativa, seguir firme em seus objetivos.

Em contrapartida, também houve relatos opostos, os quais foram comoventes e desvelaram algumas situações de extremo apagamento identitário, conforme seguem abaixo:

Participante 9 – No primeiro ano foi assim né, até me afetou, me afetou muito. Eu tava muito fragilizada, também pelo que eu trouxe de fora, mas aí, no segundo ano, a partir do segundo ano foi diferente, continuaram me isolando até o último ano, mas eu ó (demonstra indiferença). Na minha turma faltava respeito, tinha muita falta de respeito. [...] - Sabe outra coisa que lembrei de sofrência, eu só lembro de sofrência, minha graduação foi só sofrência (risos), aí, que horror. Bom, agora pelo menos começou diferente, né.

Participante 10– [...]. Chego ali no pavilhão, tudo bonito o pessoal do DA, acho que era do DL Departamento de Letras, que é um meio com cavanhaquezinho, a (...) e mais um pessoal, aí todo mundo que saía perguntavam “ah, que curso é? Aí diziam “Psicologia” e quando era o de Letras ,ah, vem cá!” e pintavam o rosto e colocavam um quadro pra tu tirar foto. Eu entrei, saí, ninguém me perguntou. Eu disse “eu não acredito”. Voltei porque me deu sede e fui ao banheiro, voltei saí de novo com a minha

pasta, os papéis na mão, passei assim, bem devagarinho querendo ser vista, mas nem as horas pra minha cara, devem ter pensado “essa velha deve ter vindo fazer a matrícula da neta dela, ou da filha” (risos). Eles não enxergam, tem um grupo que não enxerga o pessoal com mais de 40 como aluno de uma universidade.

Participante 11 - Aconteceu algumas sim, mas já faz mais tempo. Sim, faz um grupo, e não te chama, assim, por exemplo, ah, é um trabalho em grupo, aí todo mundo já faz aquele grupinho, aí tu fica, ali de lado, não isso já aconteceu sim. Quando eu entrei, tinha uma colega que era bem, bem assim...mas, aí ela saiu. Também, ela era mais velha um pouco, então agente, ela também tava fora da escola há algum tempo, da faculdade, de tudo, né. E aí, a gente, meio que se...mas, aí depois ela...desistiu. Acabou que a gente teve mais afinidade talvez por causa disso, por causa da idade.

Participante 12 - Sim. Eu vou chorar porque isso me magoa até hoje. Muito, me magoa muito.

A partir desses trechos, notei que situações de apagamentos também ocorreram e que deixaram marcas profundas em quem às vivenciou, conforme se percebe nas narrativas citadas. Pensar em como e quais fatores contribuem para tal ocorrência é pensar para além da superfície dos fatos, pois reforço a premissa de que, além da maturidade, são muitos os fatores implicados na questão do apagamento identitário, tais como sociais, raciais, entre outros, os quais também julgo merecerem investigação, porém, para o escopo deste trabalho detive meu olhar para a temática referente a maturidade.

Ainda me comove bastante o relato da participante 10, que fez de tudo para ser percebida no dia de sua matrícula. Ela, como os outros estudantes, gostaria de ter sido parabenizada, ter seu rosto pintado e tirar uma foto para registrar esse momento que era a sua entrada na universidade. Porém, o ageísmo pode ocorrer de formas muito sutis deixando até mesmo quem foi alijado de um sonho sem forças para dizer algo. Ela preferiu não dizer nada, voltou e passou mais uma vez exibindo os seus papéis de matrícula, para ver se seria notada. Não foi. Quantas vezes essa situação se repetiu e se repete nas universidades brasileiras?

Em síntese, o apagamento identitário consiste no não reconhecimento e percepção do outro como pertencente a um grupo, ou seja, as diferenças superam as afinidades de tal forma que a parte integrante do grupo recorre a todos os artifícios possíveis a fim de expor claramente seu posicionamento contrário a admissão, convivência e relação com a parte com a qual não possui e nem deseja possuir qualquer tipo de relação e nessa delimitação a narrativa talvez seja o fator mais avaliativo para tal.

3.3.4 Maturidade Identitária

Para análise desse tópico, recorri a Hoyer e Roodin ((2003), os quais pontuam que o processo de envelhecimento humano pode ser compreendido como complexo e composto pelas idades cronológica, biológica, psicológica e social.

Nessa perspectiva, dedicaremos um olhar especial para a idade psicológica, a qual, de acordo com os autores, constitui-se a partir das habilidades de adaptação e adequação dos indivíduos às exigências do meio.

Sendo assim, percebi em alguns recortes que a idade cronológica não está diretamente ligada à maturidade identitária, visto que alguns participantes, embora tenham a idade cronológica “compatível” no que se refere à idade para tal, declararam não terem certeza quanto a se sentirem maduros ou se consideram maduros apenas para algumas coisas. Isso ocorre porque a maturidade se caracteriza por questões que vão além dos anos de vida vividos, as quais envolvem sabedoria adquirida por meio das experiências, para assim, saber lidar com as adversidades que se apresentam, conforme exemplificam os excertos 2, 4, 6, 8, 9 e 11:

Participante 2 – Pra algumas coisas, sim. Eu me acho muito inseguro assim pra algumas coisas, né. Uma coisa que eu tenho trabalhado bastante. Tô passando por um momento agora que eu acho que eu tô conseguindo, né, que eu sou uma pessoa que assim, né, que se tu me provoca eu vou lá e tenho que te dar uma resposta, né. E eu acabei descobrindo que eu não preciso te dar resposta, né? Não preciso ir lá e te dizer assim “olha, eu sou uma boa pessoa”, não, eu tenho que continuar fazendo o que eu sempre fiz, alguém vai ver, né, e antes não, as pessoas pegavam e me provocavam com uma coisa qualquer.

Participante 4 - Eu acho que madura mais nesse aspecto pessoal e social pra lidar com as dificuldades, acho que é inegável né, mas, por exemplo eu me considero imatura em outras coisas ainda, até na área do ensino mesmo, me deparo, às vezes com situações que para mim são totalmente novas. Eu convivo com colegas agora, por exemplo, que tem, isso aí é todos, por exemplo, eu tenho uma colega do mestrado, que o trabalho de dissertação dela vai ser uma área que envolve informática, que pra mim, é uma coisa extraordinária né, e aquilo pra ela é a vivência dela, como em outras situações não só essa né, então acho que maturidade assim não sei... nunca é... e até na convivência, também. Mesmo que a gente se considere madura, mas na convivência, a gente tá sempre aprendendo.

Participante 6– Acho que sim. Não, a gente tá sempre aprendendo, né? Não é uma coisa assim, que domine o assunto vida (risos), mas, a gente tenta né, assim tá dentro do esquema (risos)

Participante 8 – Eu não sei. Eu acho que tem coisas, assim, que a gente pensa que sabe muito. Academicamente, eu me sinto melhorada, não madura, melhorada. Tudo o que eu pensei que eu queria, antes de entrar pra universidade, aqui dentro eu realizei. Eu aprendi coisas que eu jamais imaginei.

Participante 9- Pra algumas coisas, sim. No meu caso, mãezona eu jamais seria porque eu peguei um nojo daquelas gurias, peguei um nojo delas (risos) que eu nunca parei pra pensar se são novinhas, não, minha filha era novinha e nunca foi mal-

educada assim. Minha filha fazia faculdade é formada em Pedagogia e ela jamais tratou...tinha colegas mais velhas também, ela jamais tratou um colega assim, com essa falta de respeito. Então, eu nunca vi assim “ah, coitada, ela é novinha”, não eu vejo “ah, que criatura mais mal-educada”, faltou educação em casa.

Participante 11 - Olha, a minha cabeça, eu sei que eu sou porque, quando eu penso que eu tenho 55 anos, eu nem acredito, mas eu não me sinto. Não me sinto, sinceramente, assim, ó. Aí, outro dia, uma senhora foi atropelada “ah. Uma senhora com 57 anos”, aí eu pensei assim “só?” Porque eu pensei numa velha, mas aí, eu sei, claro, eu me olho no espelho, claro, né, mas eu não me sinto com essa idade, não sinto que eu tenho 55 anos. Porque a cabeça da gente, a gente via aprendendo, vai tendo experiências, mas a tua cabeça, o que tu gostavas, continuas, né? Tu gostava de música, tu continua gostando tu gosta de dançar, claro, embora não tenha a mesma disposição, mas a gente gosta do que a gente gostava, então...claro, até muda alguma coisa, algumas coisas mudam, mas assim, ó, essa parte tu não ...então tu só envelhece, só ...não me sinto com tanto ” meu Deus, eu tô com 55 anos” (risos).

Seguindo os pressupostos dos autores, também vislumbrei em outras narrativas, a premissa afirmativa quanto à questão do reconhecimento da maturidade. Tal declaração remete a compreensão da necessidade de adaptação aos contextos inseridos, visto que esses participantes atribuíram às experiências vivenciadas o aprendizado para lidar com situações atípicas. Também vale ressaltar que alguns participantes consideraram a universidade como fator fundamental para o amadurecimento e desconstrução, visto que por estarem na faixa etária dos 40 anos, a maioria já possuía seus conceitos avaliativos e, nesse sentido, achei muito importante a referência de tais mudanças comportamentais terem sido proporcionadas pela universidade.

Nesse sentido, percebi o quanto o amadurecimento psicológico é importante, pois, além de determinar o raciocínio e equilíbrio necessários para manter o foco, não só, mas nesse caso principalmente, para a jornada acadêmica, também permite a reconstrução identitária a partir de novos saberes e experiências, os quais vão nos reinventando sempre, de acordo com os trechos a seguir:

Participante 1 – Sim, considero, acho que quando o tempo vai passando, a maturidade vai chegando, as experiências ajudam muito, principalmente as ruins. Principalmente as ruins (risos) a gente aprende é com elas. Em sala de aula também, a gente aprende muito com o convívio com os alunos, se aprende muito em família. Então, eu também tinha bastante tolerância com os colegas que às vezes eu achava as brincadeiras meio bobas, mas eu tinha os meus filhos em casa, então eu olhava pra eles e pensava: bah, os meus filhos iam fazer isso”, né? eles tão nessa idade, daí, a gente aprende a tolerar.

Participante 3 – Sim, eu acho que sim. E se eu não tô, acho que nunca mais vou ficar (risos). – Tu vai te conhecendo melhor e aprendendo a se controlar, a prever as tuas reações. Eu, hoje conheço o meu limite. Hoje, raramente eu entro numa discussão, raramente eu entro numa briga, coisa que quando eu era jovem (risos) então hoje eu

me conheço, conheço bem o meu limite, mas insegurança, eu nunca fui insegura “vou lá tentar, se não der, eu tento outra coisa”. Eu não tenho assim, esse medo de errar, de não dar certo.

Participante 5 – Sim. Uma das coisas que a universidade, é claro, tem seus lados negativos, mas também tem seus lados positivos, né. Uma das coisas que a universidade trouxe para mim foi eu desconstruir certos conceitos que eu tinha, desconstruir para reconstruir um novo olhar. Eu tinha uma ideia, a minha ideia era muito fechada, muito fechada. Agora eu tenho, eu já tenho uma expansão mais de consciência.

Participante 7– Hoje eu me considero. [...]– Eu tinha a mente muito fechada, então a Universidade me fez amadurecer muito e é uma coisa que eu agradeço muito a academia aqui.

Participante 10- Sim, eu acho que ajuda muito porque ainda mais dependendo da pessoa. Eu sempre trabalhei, eu trabalho há 27 anos em escola, né então entre aluno, colega professores, eu sempre peguei gente de tudo que é faixa etária e mais os filhos, né, porque meu próprio filho é meu colega de aula, eu vejo muita criança que estudou no Revocata que é meu colega de aula também, né, então...

Participante 12 - Bah, mais do que eu queria, mas eu acho que tem mais coisa para aprender. Até porque assim como eu tô dizendo né. Entrei na faculdade por causa de poesia, agora vou seguir literatura, dou aula de literatura, dou aula de redação e trabalho narrativas de games nem gosto de vídeo games, comecei a gostar com 46 anos. Quando que eu ia imaginar que eu ia dar aula de redação, que nunca quis? Quando que eu ia imaginar que eu ia trabalhar com games? Tudo nerd, adoro meus alunos.

Portanto, a partir da análise de alguns trechos do *corpus*, os quais foram selecionados com base nas categorias criadas para responder o problema/hipótese investigativo deste trabalho, pude concluir que tal questionamento pode ser ao menos parcialmente respondido e percebido, visto que, a partir das narrativas de alguns participantes, pude denotar tal prerrogativa. O apagamento de indivíduos na maturidade no ambiente acadêmico é uma realidade que precisa ser enfrentada com seriedade e, principalmente, com elucidação de todas as partes, pois temos todo o direito de ocuparmos esses (e outros) espaços públicos, independentemente de nossas idades.

CONCLUSÃO

Escute, mulher velha, o que outra mulher velha te diz: Resista! Tenha coragem de viver! Não pense em nenhum momento na tua idade. [...] Se tu vives somente por um dia, tu tens um futuro na tua frente.” Hedwig Dohm (1903)

A epígrafe que abre a conclusão deste trabalho traz de volta a voz de Hedwig Dohm que é agora também um pouco da minha própria voz, presa durante tantos anos, que eu liberto e permito ecoar e reverberar nas páginas deste trabalho. Junto com a voz dela e a minha, eu trago as vozes de muitas outras mulheres que conseguiram se libertar do epíteto de “senhoras do lar” e puderam romper os grilhões que nos impediam de falar sobre nossas dores e, mais importante do que falar, ouvir vozes semelhantes às nossas.

O trabalho de ouvir histórias que tangenciavam tantos momentos delicados da vida dos participantes foi um trabalho que abracei com muito carinho, pois na dor de meus colegas pude encontrar a minha dor. E, ao falar sobre nossas dores, sinto que estou contribuindo de alguma forma para o processo de cura necessário e para que percebam que estamos aqui e queremos participar da vida.

Narrar processos de vida nem sempre é uma tarefa fácil. Ao narrar, rememoramos fatos, percorremos os labirintos da memória e buscamos significações para situações ocorridas no passado. Como pesquisadora, estar diante de colegas de estudos e profissão, e porque não dizer de geração também, e ouvir suas histórias me tocou sobremaneira, pois a partir das narrativas dos sujeitos aqui apresentadas, pude percorrer a minha própria trajetória também.

Nesse contexto de pesquisa, nos emocionamos, rimos, choramos, mas acima de tudo nos orgulhamos de tudo que passamos e conquistamos, pois adentrar na universidade com idade “não padrão” demanda muita força de vontade e persistência e, nesse sentido, a maturidade cronológica, às vezes nos beneficia quando está agregada a idade psicológica centrada, pois dessa forma torna-se uma excelente ferramenta para bem gerenciar emoções e atitudes, por vezes depreciativas e desgastantes e que só servem para desmotivar.

Portanto, é fundamental fazer valer a experiência da maturidade para determinadas situações, a fim de gerar recursos capazes de manejarem as emoções, os quais privilegiem o bem-estar e o querer fazer, independentemente dos percalços que possam, e que certamente irão surgir.

Neste trabalho, pude percorrer uma jornada que tangenciou a(s) minha(s) identidade(s) através de um percurso intelectual que valorizou muito as ferramentas que eu trazia comigo. Os Estudos da Linguagem, ao oferecerem, através das bases epistemológicas da Linguística Aplicada de orientação crítica, as sementes que germinaram na presente dissertação, me possibilitaram perceber que o campo da linguagem extrapola as questões formais de uma língua. A linguagem é uma energia viva e latente e atravessa e transborda em nossas relações humanas, trazendo para o centro da discussão o humano, com todas as suas possibilidades e alteridades.

Assim, embora na época, achasse que minha identidade já estava construída, hoje percebo que à medida que vamos interagindo em diferentes esferas, vamos nos reconstruindo como forma de amadurecer e evoluir, passando a administrar com mais convicção nossos objetivos e opiniões. Nessa perspectiva, a narrativa é um fator fundamental para agregar ou separar, pois nela estão contidos nossos conceitos sociais, culturais e políticos, os quais são determinantes para definir nossas relações, interações e apagamentos.

Portanto, ouvir os colegas e rememorar minha trajetória, me propiciou um momento único e emotivo, visto que me identifiquei com muitas narrativas, as quais desvelaram os apagamentos sutis ou não, vivenciados no contexto universitário e que tanto deprimem e desencorajam quem, como eu, almejou concluir uma graduação de maneira respeitosa e empática.

Muitos passos foram dados desde então. Concluí minha graduação em Letras, concluí o meu curso de especialização em Estudos da Linguagem e hoje concluo a minha dissertação de mestrado, certa de que todas as experiências e alteridades tem contribuído muito para minha constituição enquanto mulher, mãe, estudante, professora e pesquisadora. Os espaços que a universidade oferece, acabam por criar zonas de conflito de ideias e gerações e, deste atrito salutar, podemos todos crescer um pouco. Ao menos eu sinto que cresci.

Como Hall (2006) bem lembrou, a nossa identidade não é um construto sólido, muito pelo contrário, ela é algo fluído e que vai sendo modificado através dos encontros promovidos pelo fenômeno da vida. Hoje, ao final deste trabalho, percebo que essa pesquisa me modificou sobremaneira, pois aquela mulher assustada, que no início do trabalho temia contar suas experiências com medo do que pudessem pensar, já não existe mais. Ela foi libertada com as outras vozes desse trabalho. E ela será libertada ainda muitas outras vezes. Quantas forem necessárias.

Com certeza, muito ainda tem que se falar sobre essa temática, porém espero ter conseguido descortinar um pouco dos anseios e angústias vivenciados nesse contexto

acadêmico, o qual, além de formar profissionais, julgo ter como prerrogativa principal colaborar para a formação de cidadãos comprometidos com a educação, empatia e respeito em toda a essência de seus sentidos.

Espero que as páginas aqui apresentadas possam trazer avanços na discussão do papel dos homens e mulheres maduros que adentram os bancos escolares nas universidades. Hedwig Dohn seguirá reverberando: “Resista! Tenha coragem de viver.” Eu resistirei, por ela, por todas as que vieram antes de mim e pelas que virão depois de nós. Resistiremos.

REFERÊNCIAS

- BROOKS, Peter. **Reading for the Plot**. Massachusetts: Harvard University Press, 1992.
- COSTA, E. F. A., & PEREIRA, S. R. M. (2005). Meu corpo está mudando o que fazer? In J. L. Pacheco, J. L. M. Sá, L. Py & S. N. Goldman (Orgs.), **Tempo rio que arrebatata** (pp.13-25).
- DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DUSZAK, Anna. Us and others. **Social Identities across languages, discourses and cultures**. (Introdução). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- DYER, Judy & KELLER-COHEN, Deborah. **The discursive construction of professional self through narratives of personal experience**. *Discourse Studies*, 2(3), 2000.
- EWICK, Patricia & SILBEY, Susan. **Narrating social structures: Stories of resistance to legal authority**. *American Journal of Sociology*, 2003. p.108-96.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola. 2008. p. 45-65.
- FERNANDES, E. **Encontro de narrativas terapêuticas**. 2001. Dissertação (Doutoramento em Psicologia) –Universidade do Minho, Braga, 2001.
- FRITSCH, Valter Henrique de Castro. “Coisa e palavras sangram pela mesma ferida” ou um diálogo entre Humanismo e Linguística Aplicada. In: ALBANO, Adriana Helena de Oliveira; BENTES, Thaisy; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu (org.). **Coletânea Linguagens: teorias e práticas**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- FOOKEN, Insa. **A Formação na Maturidade como Apropriação da Própria História de Vida**. *Educação & Realidade*, Mar 2015, Volume 40 N° 1 Páginas 17 - 32.

GOLDANI, Ana Maria. “Ageism in Brazil - What is it? Who does it? What to do with it?”. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 385-405, jul./dez. 2010.

GONÇALVES, M.; HENRIQUES, M. **Terapia narrativa da ansiedade**. Coimbra: Quarteto, 2000.

GUSMÃO, Bianca B. de. **Dificuldade de aprendizagem: um olhar crítico**. Pará: UAM, 2001.

HABERMAS, J. (1990). Soberania popular como procedimento. In **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, 26: 100-113.

HALL, S. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.

HENRIQUES, M. **Narrativas e agorafobia: construção e validação de uma narrativa protótipo**. Dissertação (Doutoramento em Psicologia) –Universidade do Minho, Braga, 2000.

HOYER, W. J.; ROODIN, P. A. “Adult development and aging”. New York: The McGraw-Hill.2003. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000115&pid=S0103166X200800040001300015&lng=en>. Acesso em: 4/09/2020

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. 2000. Narrative interviewing. In: BAUER, M.;

GASKELL, B. (Eds.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook**. p. 57-74. London, England: Sage Publications.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. IN: **Language in the inner city. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.**

LABOV, William & WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. IN: J. HELM, **Essays on the verbal and visual arts. Seattle: University of Washington Press, 1967.**

LINDE, Charlotte. Evaluation as linguistic structure and social practice. In B.L. Gunnarsson, P. Linell & B. Nordberg (Eds.). **The Construction of Professional Discourse.** London: Longman, 1997.

LINDE, Charlotte. **Life stories. The creation of coherence.** New York: Oxford University Press, 1993.

MANITA, C. (2000). **Das descobertas privadas aos crimes públicos: Evolução dos significados em trajetórias de droga-crime. Toxicodependências, 6(2), 17-31.**

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações.** São Paulo: Contexto, 1997.

MISHLER, Elliot, G. Storylines. **Craftartits' narratives of identity.** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

_____. **Por uma Linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

_____. Afinal, o que é lingüística aplicada. In: Moita Lopes, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

NERI, A. L. (2005). **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea

NEVES, Iara. **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ORTIZ, José Maria. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PACHECO, J. L. (2005). “Sobre a aposentadoria e envelhecimento”. In J. L. Pacheco, J. L. M. Sá, L. Py & S. N. Goldman (Orgs.), **Tempo rio que arrebatada** (pp.59-73).

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-84

PONTES, Carlos Gildemar. O sorriso de brinquedo. In: FERNANDES, Rinaldo (Org.). **Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Geração Editorial, 2006. p. 93.

RAJAGOPALAN, K. (2001a). “Transdisciplinarity in the teaching of English as a foreign language.” In: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (org.). **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 23-28.

SAN MARTÍN, H & PASTOR, V. **La epidemiologia de la vejez**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1996.

SARBIN, T. R. (Org.). **Narrative psychology: the storied nature of conduct**. New York: Praeger, 1986.

SCHÜTZE, Fritz. **Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implication (part 1)**. *International Sociology*, v. 7, n. 2, p. 187-208, 1992a.

SCHÜTZE, Fritz. 2010. “Pesquisa Biográfica e entrevista narrativa. Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática”. Petrópolis: Vozes. [Publicado originalmente em: *Neue Praxis*, 1, 1983, p. 283- 293. Tradução de Denilson Werle. Revisão de Wivian Weller].

SOUZA, M. A. de. **Fundamentos Teóricos metodológicos da educação do Campo**. Ponta Grossa. UEPG, 2011.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A construção da identidade moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Loyola, 1997. VAN LIER, L. **The classroom and the language learner: ethnography and the second language classroom research**. London: Longman, 1988.

WELLER, Wivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze. In: **32ª Reunião anual da Anped**, Caxambu, 2009.

APÊNDICE I - DOCUMENTOS



CEPAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE
Universidade Federal do Rio Grande / FURG
www.cepas.furg.br

TERMO DE ANUÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Av. Itália, km 8 - Rio Grande, RS - CEP96201-900 - Brasil - Tel/Fax: 3233-6621 - E-mail:
ilaadri@furg.br - www.ila.furg.br

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Narrativas da Maturidade: Apatamentos Identitários no Ensino Superior", sob a coordenação e a responsabilidade do pesquisador responsável.

Zarí Moraes da Trindade da Universidade Federal do Rio Grande, o qual terá o apoio desta Instituição.


Prof. Dr. Elaine Nogueira da Silva
Diretora da INTELIGÊNCIA E Artes

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Rio Grande – RS

Data: 19 de agosto, de 2019.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG



INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
-ILA

Av. Itália, km 8 – Rio Grande, RS – CEP 96201-900 – Brasil – Tel/Fax: 3233-6621 – E-mail:
ilaadm@furg.br – www.ila.furg.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. **Título do projeto:** Narrativas da Maturidade: Apagamentos Identitários no Ensino Superior .
2. **Objetivo do estudo:** Este trabalho tem por objetivo levantar dados, por meio de uma pesquisa qualitativa, com estudantes universitários que ingressaram na universidade com idade igual ou superior a 40 anos, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do curso de Letras e Educação do Campo, a fim de identificar possíveis apagamentos em suas trajetórias acadêmicas, assim como nos ambientes universitários, visto que, geralmente, esses espaços são compartilhados por estudantes mais jovens. Também será investigada a motivação do público para o retorno aos estudos, no caso, para o ingresso no ensino superior.
3. **Procedimentos realizados:** Serão adotados os seguintes procedimentos para a obtenção do *corpus* da investigação:
 - 1) Estratégia de entrevistas narrativas;
 - 2) Entrevistas semi-estruturadas;
 - 3) Observação dos participantes.
4. **Descrição dos riscos (para o participante):** A pesquisa lida com entrevistas narrativas e oferece riscos mínimos. O pesquisador garantirá assistência



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG



INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
-ILA

integral e gratuita ao participante em todo e qualquer caso de evento adverso relacionado à pesquisa. Também informamos que será utilizado um gravador para a coleta dos dados.

5. **Benefícios para o participante:** A partir desse trabalho, esperamos conhecer as vivências desse grupo específico, como forma de perceber indícios sobre a ocorrência ou não de apagamentos identitários no ensino superior na maturidade. Assim, a partir dos dados obtidos, pretendemos dispor o resultado para as entidades acadêmicas interessadas, como forma de contribuir para a organização ou/e aperfeiçoamento de ações acadêmicas mais abrangentes para o público alvo dessa pesquisa. Nesse sentido, acreditamos que essa proposta seja benéfica aos participantes, pois, visa informar sobre a necessidade ou não de um olhar mais sensível às estratégias de acolhimento e bem estar social no ambiente universitário não apenas para os participantes, mas também para todos os discentes que se enquadram nessa faixa etária e que almejam um crescimento para além da educação.
6. **Garantia de acesso:** Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas. O principal investigador é a mestranda Zari Morais da Trindade, que pode ser contatada pelo telefone (53) 984174363 e e-mail: zarirg@yahoo.com.br.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG



INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
-ILA

-
7. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento da pesquisa e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de sua formação na instituição;
 8. **Direito de confidencialidade** – As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros participantes, não sendo divulgada em momento algum a identificação de nenhum dos participantes da pesquisa;
 9. **Despesas e compensações:** Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se houver qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.
 10. O pesquisador se compromete em utilizar os dados e o material coletado apenas para este projeto de pesquisa.
 11. **Sobre o CEPAS** - Toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida a uma reflexão ética no sentido de assegurar o respeito pela identidade, integridade e dignidade da pessoa humana e a prática da solidariedade e da justiça social. A análise da validade ética das pesquisas se concretiza nos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições que não são uma mera instância burocrática, mas um espaço de reflexão e monitoração de condutas éticas, de explicitação de conflitos e de desenvolvimento da competência ética da sociedade. O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE (CEPAS) da FURG é uma instância colegiada, constituída pela instituição em respeito às normas da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG



INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
-ILA

pronunciar-se, no âmbito da ética, sobre todos os projetos de pesquisa que tenham o ser humano como modelo experimental, bem como aqueles que, embora utilizando outros vertebrados como animais de experimentação, sejam desenvolvidos visando a aquisição de conhecimentos vinculados à área da saúde humana. O comitê foi criado em 2002 (Portaria 683/2002 Reitoria), e foi registrado em 2004, sendo o número de registro: MS-25000.092771/2004-88. Contato CEPAS: telefone: (53) 3237.4652, email: cepas@furg.br.

12. Serão entregues duas vias desse documento, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador principal dessa pesquisa.
13. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Narrativas da Maturidade: Apagamentos Identitários no Ensino Superior”. Eu discuti com a mestrandia Zarí Moraes da Trindade sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso a tratamento hospitalar quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG



INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
-ILA

Nome completo do participante

Assinatura do participante

Contato: _____

Assinatura do pesquisador principal

Contato: _____

Data e local: Rio Grande, 8 de agosto, de 2019



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES -
ILA



Av. Itália, km 8 – Rio Grande, RS – CEP 96201-900 – Brasil – Tel/Fax: 3233-6621 – E-mail:
ilaadm@furg.br – www.ila.furg.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA IDOSOS

Eu, afirmo ter a idade igual ou superior a sessenta anos e depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisadores Zari Morais da Trindade, cpf: 771406050-68, telefone: (53) 984174363, email: zarirg@yahoo.com.br e o Prof. Drº Valter Henrique de Castro Fritsch, cpf: 007.571.750-66, telefone: (51) 994018105, email: valter.fritsch.yahoo.com.br, o qual é orientador do presente projeto de pesquisa intitulado “Narrativas da Maturidade: Apagamentos Identitários no Ensino Superior” a realizar fotos e/ou vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Também afirmo estar ciente de que posso optar por não dar continuidade na minha participação por quaisquer outros motivos, sem nenhum prejuízo acadêmico ou de qualquer espécie, assim como, caso não me sinta confortável emocionalmente durante a pesquisa, serei encaminhado para atendimento psicológico gratuito na instituição proponente, no caso, a FURG.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos), vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores acima mencionados, os quais se comprometem a obedecer ao que está previsto na Lei que resguarda os direitos dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES -
ILA



Rio Grande, 8 de agosto, de 2019.

Nome do participante da pesquisa: RG: CPF: Assinatura:	
Nome do representante legal: RG: CPF: Parentesco: Assinatura:	Nome do membro da equipe da pesquisa: RG: CPF: Assinatura:
Nome da testemunha: RG: CPF: Este formulário foi lido para (nome do participante da pesquisa) em/...../..... (data), pelo (nome do membro da equipe da pesquisa), enquanto eu estava presente. Assinatura:	

APÊNDICE II – QUESTÕES NORTEADORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – ESTUDOS DA LINGUAGEM

Questões norteadoras

- 1) O que te motivou a retomar os estudos?
- 2) Como foi sua acolhida pelos colegas e docentes da turma?
- 3) Você se sente incluso nos ambientes acadêmicos?
- 4) Você fez amizade com colegas mais jovens na universidade?
- 5) Você já passou por alguma situação na universidade em que se sentiu excluído?
Em caso afirmativo, porque você acha que isso ocorreu ?
- 6) Você se identifica com seus colegas de turma?
- 7) Você considera suas vivências positivas ou negativas para os relacionamentos acadêmicos?
- 8) Você se considera maduro (a)?
- 9) As ações inclusivas da universidade correspondem as suas expectativas?
- 10) Você tem algum comentário, sugestão e/ou crítica a fazer sobre a sua jornada acadêmica com relação ao seu convívio nesse ambiente?

ANEXO I - ENTREVISTAS

Para fins de preservação dos sujeitos participantes os nomes de docentes, da instituição e dos entrevistados foram ocultados. Os nomes próprios, quando aparecem, são nomes fictícios atribuídos pela pesquisadora. As inadequações relacionadas aos usos da norma culta da língua portuguesa foram mantidas, pois retratam a fala dos sujeitos que aqui narraram suas trajetórias na universidade.

Participante 1- sexo feminino

Ingresso na universidade em 2012, com 42 anos, no curso de Letras Português/Inglês.

Pesquisadora - Dando início a nossa pesquisa, agradeço a tua participação, né? Primeiro gostaria de saber o que te motivou a retomar os estudos?

Participante 1 - Primeiro, obrigada pelo convite. Eu tinha preguiça de estudar quando eu era adolescente, então eu fiz só o ensino médio e aí eu tentei entrar na engenharia porque eu não queria ser professora. Eu fiz magistério no segundo grau e aí eu não tinha dinheiro e não tinha base nenhuma de matemática, fui muito mal na faculdade e desisti. Aí eu e meu marido casamos e eu parei de estudar porque eu tinha as crianças pequenas, só que com o passar do tempo comecei a trabalhar como professora de inglês, né? Eu tive essa oportunidade onde eu estudei inglês, me convidaram para dar aula sem precisar ter a graduação então eu fiquei dando aula lá, tive treinamento lá só que durante as aulas que eu ministrava os alunos perguntavam “a senhora se formou”? E isso me causava um certo desconforto, parecia que estava faltando algo, aí eu pensei quando chegar o momento certo, quando os filhos não tiverem tanta dependência, eu vou tentar entrar para a universidade. Em 2011 eles já estavam grandes e sem muita pretensão passei para Letras Português/Inglês, foi uma surpresa feliz, mas tive que me organizar toda de novo, né? É porque a gente faz querendo, mas depois que entra pensa, e agora?

Pesquisadora – E como tu foi a tua acolhida em relação aos colegas da sala de aula e aos professores?

Participante 1 – Foi legal, eu não tive nenhum tipo de preconceito, fui procurando mais as pessoas da minha idade na sala de aula, acho que a gente faz isso é assim, né? Tinha colegas

por volta dos 40 anos, 41, eu tinha 42, mas eu também tinha algumas mais jovens que gostavam de andar com a gente, acho que por falta da mãe, né? E elas se agrupavam e me chamavam, então eu não me senti excluída, pelo contrário, tinha meninas que queriam andar com a gente, queria fazer os trabalhos porque eu acho que a gente como é mais madura, a gente leva muito a sério os estudos, né? É como se a gente não tivesse tempo a perder. Aí elas chamavam: vem aqui no centro de convivência, qual que é a pasta do professor tal e eu tinha tudo, então me chamavam. O que tem que fazer para a matéria do professor tal, eu não anotei, qual que é o livro, então eu sempre sabia. Mas eu vejo assim que quando a gente fez algumas cadeiras com pessoal da noite do português puro²³ tinha mais gente adulta do que de manhã, acho que é porque o pessoal trabalha de manhã e de tarde, aí estuda a noite. Então nesse sentido, não me senti excluída no ambiente acadêmico, não só dentro da sala de aula. Acho que não tive esse problema de convivência com os mais jovens porque os meus filhos estavam com idade assim, também adolescente e eu tava meio por dentro, eu não tava excluída da tecnologia por que os meus filhos me ensinavam em casa, eu ia aprendendo, eu tive um pouco de problema com o *moodle*, todo mundo tem (risos) mas eu fui aprendendo a lidar com coisas que eu não sabia, não sabia fazer *PowerPoint*, mas eu ia atrás, não ficava esperando pelos outros. Mas de me sentir excluída assim não, não... Fiz bastante amizade com pessoas mais jovens sim, tive uma convivência legal, mas nada assim a nível de amizade, foi muito mais no nível coleguismo, uma boa convivência, nada assim a nível muito pessoal, mas no nível acadêmico, de fazer trabalhos, de estudar junto para as provas, isso a gente fez bastante. Como eu já era professora de inglês, talvez tenha sido uma certa barreira no início com os colegas, mas eu não acho que tenha sido pela idade, mas pela função. Eles se sentiam um pouco intimidados comigo em sala porque eu sabia as respostas, eu não ficava respondendo tudo, né? Por que tenho um pouco de “sefragol” pra deixar que eles aprendessem por eu eu sabia que o meu inglês tava acima do deles, principalmente os primeiros níveis, né, então...mas eles ficavam meio que me esperando, esperando que eu desse as respostas e, de certa forma eu me senti um pouco desconfortável nos primeiros dias, mas por causa disso e só nas aulas de língua, né, da língua inglesa em si porque era uma matéria que eu dominava mais, já entrei dominando e por outro lado, quando eles precisavam de ajuda pra fazer seus trabalhos, entender os conteúdos, aí eles me procuravam respondendo tudo na hora, eu me afobava e respondia tudo. Aí comecei a deixar que eles pra tirar as dúvidas porque eles não queriam ir no atendimento com os professores ou

²³ Português puro é uma forma coloquial e informal dos alunos se referirem ao curso de Licenciatura em Língua Portuguesa sem uma língua estrangeira.

com os monitores, eu era a mais próxima e aí eles vinham e me perguntavam, queriam saber como é que era, sugestões, às vezes, de apresentação de trabalhos. Eu sempre tive boa disposição pra ajudar, né, nunca me custou.

Pesquisadora – Então tu consideras que a tua vivência, tua maturidade foi um fator positivo nesse contexto?

Participante 1 - Eu acredito que sim, foi mais positivo do que negativo.

Pesquisadora - A gente fica até meio conselheira, né? É uma mãe mesmo, né? Porque eles às vezes vêm de outra cidade, né? Eu passei por isso também e eles parecem que se apegam e na questão da confiança, tipo assim, a gente é mais madura não vai ficar contando as coisas deles.

Participante 1 - Eu me lembro de um caso, posso contar?

Pesquisadora - Pode, pode

Participante 1 - Teve um colega, bem jovem e a gente começou a se relacionar via Facebook, então eu vi uma postagem dele que me entristeceu, assim um comentário que ele botou assim, ele não era da cidade, “ai que droga vou ter que passar o Natal com a minha família”, ele botou assim, do tipo assim só gente chata, gente velha, e eu fiquei bem incomodada e tu sabes que eu conversei com ele depois que a gente voltou do Natal, teve greve nesse ano, não sei se tu lembras? A gente não tinha quase verão, a gente teve um “recessinho” no Natal. Depois a gente voltou, então logo que a gente voltou eu disse pra ele: Ah, como é que foi o teu Natal? Eu li o teu comentário, eu queria te dizer que...hã, aí antes de eu dizer o que eu queria dizer pra ele, ele falou “bah, pois é, eu me arrependi de ter botado aquilo”. Então ele meio que já sabia que tinha feito uma coisa errada, eu não queria dar um sermão nele, só queria dizer pra ele: „valoriza a tua família, né, porque tu ainda é jovem, talvez tu não perceba, mas a família é importante, assim, então nesse sentido de aconselhamento, eu acho que a gente com mais maturidade, a gente pode ajudar os colegas, e ele aceitava de boa, tanto que eu nem falei ele já “bah, pá eu me arrependi”

Pesquisadora – Porque hoje, às vezes eu fico pensando uma coisa, a gente sem querer repete as atitudes dos nossos pais, mas hoje a gente como pais entende que é na busca do melhor para pessoa que tu amas mais que a ti mesmo, né? Então às vezes a juventude tem essa

impulsividade, né? Depois que a gente vai ficando com mais idade, aí vê que não precisa ficar tão ansioso, começa a pensar duas vezes antes de responder ou responde de outra forma. A gente tem vantagem, né? A gente sabe que nem tudo dá para resolver.

Participante 1 – Pois é, a gente já consegue ponderar mais, né?

Pesquisadora – Tu te consideras uma pessoa madura?

Participante 1 – Sim, considero, acho que quando o tempo vai passando, a maturidade vai chegando, as experiências ajudam muito, principalmente as ruins.

Pesquisadora – É verdade, a gente aprende é com elas, né?

Participante 1 - Principalmente as ruins (risos) a gente aprende é com elas. Em sala de aula também, a gente aprende muito com o convívio com os alunos, se aprende muito em família. Então, eu também tinha bastante tolerância com os colegas... que às vezes eu achava as brincadeiras meio bobas, mas eu tinha os meus filhos em casa, então eu olhava pra eles e pensava: bah, os meus filhos iam fazer isso”, né? Eles tão nessa idade, daí, a gente aprende a tolerar.

Pesquisadora – É, a gente é muito condicionado a julgar o outro e a maturidade faz a gente ficar olhando o outro de fora.

Participante 1 – Uma coisa que acontece..hã, a gente aprende a não explodir, sei lá.. a não ser tão impulsiva na atitude...até eu penso, rapidamente, eu julgo na minha cabeça, mas depois eu penso: „não vai valer a pena, né, entrar numa briga, numa discussão. Às vezes, tinha umas discussões políticas em sala e os alunos muito inflamados, né, olha, sinceramente, eu não vou levantar bandeiras, né, tem o que eu posso concordar ou discordar...mas eu não achava que eu tava aqui pra isso, né, eu queria realmente uma formação e foi muito bom.

Pesquisadora – Agora tu falando isso, eu lembrei que no tempo que eu estudei, e tu também porque nós somos quase da mesma idade, o professor não era tão envolvido nessas questões e professor era professor. Hoje tu é professora, mãe, psicóloga, é bom por um lado, né? Tem também um lado mais humano, né? É um olhar pra sociedade, para os problemas que nos cercam, é um olhar mais abrangente, principalmente aqui na universidade. Isso é legal, né?

Participante 1 – Sim, isso é legal. Não tivemos isso. Hoje a coisa tá mais globalizada mesmo, o ensino, e o professor. Ontem foi um grupo aqui da universidade e eles foram dar uma palestra na minha escola. O que tem a ver o inglês com o projeto? Nada. E a gente pediu pra fazerem a palestra em inglês, né? Aí três das pesquisadoras conseguiram, né, por que elas já tinham um pouco de inglês e o que que a gente quer com aquilo? A gente quer conscientizar pro meio ambiente, pra preservação ambiental, pra redução do uso do plástico, quer formar na cabeça deles, um pouco de cidadania, junto com a formação do inglês e deu, né.

Pesquisadora – Tu pudeste fazer um *link*, né?

Participante 1 – Exatamente. E eu acho melhor, eu, isso aí é a minha opinião pessoal, eu acho melhor a gente abordar esses assuntos assim de construir uma coisa boa na cabeça deles do que ficar na discussão de certo/errado, direita/esquerda, eu, sabe, se tu focar no ser bom, ser responsável, né, no ser preocupado com os pobres, com os animais. A gente tem tentado, dentro da escola fazer eles não usarem tanto plástico, tanto copinho descartável “levem suas garrafinhas”. A gente tá tentando fazer uma conscientização e eu acho que esse projeto culminou muito bem e tu tinha que ver que lindo que era as crianças perguntando em inglês pra elas, levantando a mãozinha e perguntavam em inglês o que elas queriam, se tinha tartaruga na praia, sei lá, foi muito legal. Eu queria poder ter gravado tudo assim pra ver de novo, foi muito legal.

Pesquisadora – Aqui na universidade tu sabes que tem ações inclusivas para os novos alunos. Tu achas que discentes que, como nós, estão na maturidade, precisam de ações mais específicas de acolhimento quando entram para a universidade?

Participante 1 – Eu não senti assim, essa diferença porque quando eu fiz a seleção pra bolsa do inglês sem fronteiras, eu passei, junto com outros jovens. Então, pessoalmente, eu não fui assim, deixada de lado por ter idade, eles, pelo contrário, valorizaram a experiência que eu já tinha de praticar inglês na sala de aula, e tudo mais e eu já sabia ser professora, eu já era professora e eles precisam treinar os alunos que começam do zero, não era o meu caso, pelo contrário, eu quase que ajudava o coordenador, né, na época e fui monitora de linguística. Não tive problemas assim, em termos de “ah, tinha uma vaga e eu fiquei pra trás porque era mais velha. Não houve isso comigo. A idade me favoreceu, vamos dizer, porque se eu tivesse entrado jovem e inexperiente, talvez eu não tivesse conseguido, eu consegui pela experiência porque eu

tava atuante na área que eu tava estudando. Isso aconteceu com outras colegas da turma que já tinham mais idade e não eram atuantes na área, eles chegaram zerados no inglês e aí os colegas escanteavam e aí eu acolhia, eu como mais madura e sabendo do que elas estavam passando... eu acolhia, mas realmente, eu pessoalmente, não passei por isso, tenho certeza, pela experiência que eu tinha .

Pesquisadora – Como avalias a tua trajetória acadêmica, até o momento?

Participante 1 – O que eu gostei muito e prezo até hoje é a amizade que a gente consegue fazer com os professores. Eu acho que o pessoal jovem, assim, eles não valorizam os professores que tem, tão sempre criticando, sempre achando a aula ruim, sempre achando a avaliação injusta e eu acho que eu não pensava assim, eu gostava. Quase sempre eu achava que o professor tinha razão, o professor tinha feito uma prova legal, não me sentia assim... não era um puxa-saquismo dos professores, mas eu me identificava mais com os professores do que com os alunos, então fiz muitas amizades com os professores, não tem nenhum professor que passe por mim e não me cumprimente com alegria, não me dê um beijo, um abraço. Eu tenho *WathsApp* dos professores, a maioria deles, porque eles quiseram me dar, né, não era assim, ah, tá...e se eu, em qualquer lugar eu os encontro, eles vêm e me abraçam, me beijam...ficou, sabe? Porque a gente tem uma ligação até pela profissão e agora mais ainda porque agora eu também sou graduada. Me dá uma satisfação pessoal muito grande e me abriu portas até pra uma promoção no meu serviço, agora eu peguei o trabalho de coordenação pedagógica da escola, que talvez eu não tivesse condições se eu não tivesse essa trajetória acadêmica, porque tem outras colegas lá que são capazes e até mais jovens do que eu, mas pelo conhecimento que eu adquiri aqui e a maturidade, né, a gente aprende com a maturidade, eu consegui essa vaga de emprego, vamos dizer, uma promoção no meu serviço, eu continuo dando aulas, mas agora, além disso, eu ainda tenho, não é que seja, bom ser coordenador, né, porque ...mas é um reconhecimento. E depois da graduação, a pós que a gente fez junto. A pós abre muito a cabeça da gente. A pós e a universidade. Tu convive com pessoas que tu não conviveria na minha rotina e é muito bom, assim , não só em termos de gêneros diferentes, tive colegas, assim, que me impressionei assim como consegui me relacionar bem, que até então eu não tinha convívio, mas também com estrangeiros quando a gente trabalhou no *Inglês sem Fronteiras* tinha gente de outros países que vinham pra cá e com cultura totalmente diferente, mas é muito rico, assim, a gente cresce muito conhecendo o que os outros vivem, o que que é a realidade deles lá no país deles. Eu gosto de conversar, eu gosto que eles contem porque também isso me dá combustível pra eu

continuar nas minhas aulas “ah, aquele país é assim, assim”, eu sei porque eu falei com alguém de lá, eu não li, eu não ouvi de alguém, eu não vi um vídeo de alguém desconhecido, falei com pessoas que moravam lá, então é muito legal, a universidade abre e te enriquece muito assim, foi muito bom, foi uma experiência dez.

Pesquisadora – Acho que isso é bem importante. Podes acrescentar o que a gente conversou.

Participante 1 – Então, quando eu entrei na universidade, eu sofria de obesidade mórbida, então eu me senti chateada mais por ser obesa do que ser mais velha. Eu me sentia porque era uma coisa muito aparente. Às vezes, eu tinha que ir noutra sala buscar uma cadeira que não fosse frágil pra eu poder me sentar. Em algumas salas ali nos pavilhões tem cadeira de obeso, em algumas não tem, aí eu ia procurar. Então, é muito, muito constrangimento. Isso me constrangia mais do que a idade. As pessoas ficavam tristes por mim, chateadas, até penalizadas, às vezes, do que eu tinha que passar... dificuldade de subir escada quando a aula era lá em cima, mas não senti preconceito dos outros, mas de mim, eu mesma me sentia “nossa, como é que eu vou com todo esse peso?” fui fazer práticas esportivas, fiz alongamento que era o único que dava (risos), conheci pessoas legais nas práticas esportivas também. hã, porque eu tenho uma certa flexibilidade, então eu fiz uma modalidade que eu pudesse acompanhar de boas.

Participante 2 - sexo masculino

Ingresso na universidade em 2012, aos 44 anos, no curso de Letras Português/Espanhol.

Em 2013 trocou para Letras/Português

Participante 3 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2012, aos 43 anos, no curso de Letras Português/Espanhol

Pesquisador - O que motivou vocês a retomarem os estudos?

Participante 2 – Bom, eu por causa da minha filha né, ela fez o magistério e tentava Biologia e não conseguia por causa, na época da redação, ela saiu muito mal na redação e aí eu comecei a estudar junto com a minha filha e a gente fez um cursinho na época, na universidade, um cursinho popular, e aí a gente conheceu a professora Cristiane. Ela sentava do nosso lado e quando chegou no final do cursinho, porque tinha vez que a minha filha não podia ir, né, ela sofre de asma, eu fiz todo o cursinho junto com ela, aí a professora Cristiane disse “ai, que legal, pai e filha vão fazer o vestibular, coisa e tal, mas eu não iria fazer, eu não ia fazer, aí no

dia do vestibular a gente acordou cedo, aquela coisa toda pra Taiana fazer e ela deixou um bilhetezinho “pai, eu também acredito em ti, nós todos acreditamo”s, quer dizer, ela tinha feito minha inscrição pra mim fazer também o vestibular, quer dizer, no ano que eu passei, a minha filha passou também pra Biologia.

Pesquisador – Bah, que legal! E tu, Carolina, o que te motivou a retomar os estudos?

Participante 3 – Na verdade, eu nem sei. Ah, vou fazer o Enem, ah, vou fazer o Enem, o que que tem? Vou tentar pra dar uma testada. Aí, foi em 2012, naquela época eliminava o ensino médio pelo Enem, né, e como eu não tinha o ensino médio, bom vou fazer pra ver se eu elimino o ensino médio. E consegui, tirei uma nota boa, até, aí me inscrevi pra fazer engenharia, eu queria mecânica naval, aí tá, minha nota não era grande coisa, né, mas eu fiquei como suplente. Aí, na última chamada, só tinha um na minha frente era eu pra entrar e não entrei, aí desanimei né, não quero saber dessa porcaria, não quero saber de mais nada. Aí no outro ano meu marido “tá e tu não vai fazer Enem de novo? não, fazer Enem pra que? Não vou, já fui lá, tava quase dentro e saí pra fora de novo, eu disse não vou. Aí ele pediu para o meu filho fazer a inscrição, pagou a inscrição e “pá, tá aqui, vai lá e faz, senão entrar, azar, tu já não tá dentro mesmo”. E fiz. Aí entrei e disse “sabe de uma coisa, eu não vou tentar engenharia, sou ruim de matemática, né, o que eu quero com engenharia? Eu tava era louca (risos) ué, tenta outra coisa, vê o que tu quer fazer. Comecei a pesquisar ali, ó português/espanhol, espanhol, gosto de espanhol, vou me inscrever pra cá e aí consegui, mas aí depois vira mais um desafio pessoal, né?

Pesquisador - Como foi assim a tua acolhida pelos colegas e docentes nesse retorno?

Participante 2 – Para mim foi legal porque eu penso assim, eu ia ser o tiozão, né o cara mais antigo da turma, e tinha o gaúcho na época, tinha a Carmem, já era uma pessoa assim, a primeira funcionária do Banco do Brasil e já era formada, acho que em Letras/Português e também tava fazendo o francês, então, assim, tinha pessoas até mais velhas do que eu e a nossa interação com a gurizada foi muito tranquila, claro, pode ter tido um ou outro que não gostaram, mas a princípio eu me senti muito bem acolhido.

Participante 3 – Eu me senti acolhida. Na minha turma, acho que mais velhas nós éramos quatro, dessas quatro, duas desistiram e nós ficamos duas e dessas duas que ficaram eu era mais velha, mas eu achei a turma era assim meio, sabe „o que que tu tá fazendo aqui?” (risos) mas eu nunca dei muita bola, mas não teve assim... é que o meu objetivo era estar ali, eu meio que abstraio, eu consigo abstrair. Eu percebia, mas eu tenho uma coisa comigo: interfere na minha vida? Sim? Não? Então dane-se. Meu objetivo que que é, terminar o curso então vou terminar

o curso. Se vão me acolher, se não vão me acolher, se vão me dar bom dia, se vão falar comigo, tanto faz. Eu consegui, mas algumas não conseguiram duas desistiram.

Pesquisador – E nesse sentido você sentiram inclusos nesses ambientes acadêmicos?

Participante 2 – Ah, eu e senti totalmente. No curso de Letras, os homens são poucos, né, então por ser homem e por ser mais velho, eu tinha idade pra ser pai da maioria das meninas que tavam ali, me levavam pro bar que tinha aqui na entrada. Uma vez, fechou o bar e abriu outro bar, tem foto minha dançando com as gurias, elas até me levavam pra dançar, então assim, né. No primeiro momento eu não passei por isso, mas depois assim, olha, o pessoal da minha turma, eles não mudaram de QSL pro novo, só quem mudou fui eu, não sei que que houve lá, só eu que tive que mudar, a turma toda ficou, então aquilo assim, aquele grupo ficou e se formou e aí eu já... bom, outras turmas outros grupos, aí eu comecei a sentir uma certa coisa...talvez até por não tá com eles desde o início.

Participante 2 – Uma hora tu tá com umas pessoas, outra hora com outras. Fui parar na turma de vocês, né, todo mundo me acolheu ali, né, mas assim, ó, mas ao mesmo tempo que eu tava ali com vocês, acabo fazendo outras cadeiras com outras pessoas. E, às vezes, pelo fato que a gente já tem família, né, e já trabalha, né, eu trabalhava, assim ó, eu pegava a meia-noite, soltava as seis e pegava no colégio as sete e soltava as duas da tarde, quer dizer assim, eu tinha uma rotina assim, que eu precisava de um tempo pra dormir e o jovem não, o pessoal saía daqui ia pro bar beber, iam pra uma festinha, viravam a noite, no outro dia, podia ficar, né, e eu já não. Então isso também vai te afastando, né? Até os assuntos, né? Eles querem comprar o tênis lá da, me esqueci o nome dos tênis e tu tá pensando „eu tenho que pagar a luz, o chuveiro queimou e eu tenho um trabalho pra terminar, bah, mas eu tenho que arrumar o chuveiro, eu tenho que levar minha mulher pra passear (risos).

Pesquisador – E também alguns termos, né? Nunca vou me esquecer que uma vez, eu fui dizer que uma coisa tava estragada e lá em casa, até hoje, a gente tem o costume de dizer que tal coisa tá „espondongada“. Pra que eu fui dizer isso? Quem tava perto de mim, parou assim “o que que é isso? „Não sabiam, né... Entendeu? Mas porque as gerações são diferentes. Bom, aí tem duas formas, eu posso dizer „bah, que legal, tu tens o que me ensinar pela tua vivência, ou não „ah, não, tu é muito velha, olha o jeito que fala“. Tem esses dois paralelos. Então, era muito engraçado e até hoje eu digo espondongado e não vou parar de dizer (risos). Vocês tinham colegas, amigos bem mais jovens que vocês?

Participante 2 – Ah, sim, tinha a Rafaela. A Rafaela, assim, durante todo o curso a gente teve junto, né, ela é como uma filha pra mim. Todo tempo assim, a gente teve junto, claro, ela acabou

se formando e eu continuei. Eu, a Rafaela e o Daniel meio que formamos um grupo ali, até onde deu, a gente foi juntos, né.

Participante 3 – Fiz amizade com jovens...não dá pra dizer que era uma amizade, era um coleguismo um pouquinho maior que com os outros. algumas, não muitas, é que também eu sou uma pessoa tímida, mais fechada, não sou de conversar muito, porque é meu mesmo, eu não chego conversando como eu sou em casa, eu chego devagarinho. Eu não posso dizer que não fiz mais amizades, de repente eu não fiz pelo meu jeito.

Pesquisador – Vocês já passaram por alguma situação na qual se sentiram excluídos?

Participante 2- Eu me senti muito no Espanhol, porque as professoras lidavam muito. aí sim, eram muitos jovens, o mais velho era eu, né, e aí, assim, eu tinha uma situação totalmente diferente de todo mundo, né. Eu tinha esposa, eu tinha filhos, tinha um neto pra nascer, um pai que tava doente, e foi uma doença do meu pai, assim, que se prolongou durante toda a minha graduação. Se prolongou a doença do pai, então, assim ó, eu comecei a sentir, né. Eu por exemplo, assim, tinha prova e eu não conseguia fazer a prova, né e aí “pô, mas é sempre no dia da prova”, o pai já tava com sonda pra se alimentar, pra urinar, aquelas coisas, então assim, a cada quinze dias, o pai voltava por hospital pra exames, pra tomar um determinado antibiótico pra matar aquela bactéria, ele começou a pegar muita bactéria, muita coisa, então, assim ó, duas vezes no mês eu tava no hospital. Então, aí assim do lado dos professores a Maribel, que era um anjo “olha, vai, cuida do teu pai, eu te mando material”, o próprio Vicente eu mandava artigo pra ele por *email* me espantei. No espanhol, não. “Tu vai fazer”, aí tinha que fazer a prova no laboratório, fazia com interpretação de texto com exercício, aí eu fazia só de verbos, os irregulares, aí parece aquela coisa assim, pra tu desistir, né, aí eu senti bastante.

Participante 3 – Que eu me lembre, não.

Participante 2 – Eu tive muita dificuldade de relacionamento com professor do espanhol, eu tive muita dificuldade, muita, muita, muita. Não sei se seria na questão da língua, né, uma outra cultura, com as cubanas que eram espanhóis, mas eram na área da literatura, eu tive assim, um relacionamento extraordinário, na época, era fora de série, pessoas que eu vou levar pra vida, né, mas com os professores, com exceção da Eduarda, que foi de toda a graduação, a professora mais exigente, né, ser aluno da Eduarda não é uma coisa fácil, mas era uma professora que exigia, na medida em que ela também se doava, né. Eu dizia assim “ah, Eduarda, quero fazer mais uns exercícios, tô inseguro, quer dizer, daqui a quinze minutos tu ia no teu e-mail lá tinha folhas e folhas de exercícios, tu imprimia, fazia, marcava com ela e ela “não, senta aí, que tu errou, errou porque tu trocou as coisas”, né, bah, se tu deixar ela mora na tua casa te ensinando,

né, ela não tem aquela coisa “ah, eu já tenho que sair, tenho que tomar café”, não ela tem toda paciência do mundo pra te ensinar, quando chega na prova, ela exige, especialmente aquilo que ela te ensinou, dentro daquela linha ali, né, então ela é muito justa.

Pesquisador – Vocês consideram que essas vivências de vocês, no sentido de terem mais idade, foram positivas no relacionamento com os mais jovens?

Participante 2 – Com os colegas foi, assim ó, na questão dos professores, eu via que não, né.

Participante 3 – Não foi muito positivo (risos) pra mim. Eu sou uma pessoa muito franca, se tu me perguntar uma coisa, eu te respondo o que eu penso, aí as pessoas meio que se chocam, assim, né (risos). Eu não tenho assim, aquele meio termo pra responder as coisas e as pessoas não entendem (risos) “tu é louca” (risos), parece que todo mundo é acostumado a todo mundo passar a mão por cima, tudo é meio termo, tudo tem que dar um jeitinho e eu não sou assim, eu pra mim eu penso, se a coisa é assim, é assim, eu sou muito direta nas coisas.

Participante 2 – Uns colegas até te procuram, „bah, tô passando por isso”, né, teve duas colegas, né, que se separaram na época, que dizer, passavam muito tempo fora de casa, aquela coisa toda, né. Não era a universidade, com certeza, já tinha outras coisas ali, mas claro, quando tu passa a deixar filho, a deixar que a pessoa faça...quer dizer, tu muda a tua rotina e daí tu muda de toda a família, né?

Participante 3 – Mas, família também tem que...ou olha te acompanha ou tu abre mão, né? Se não vai te ajudar, então sai do teu caminho.

Participante 2 – É, mas homem não quer entender que a mulher tá ali, que ela também tem o mesmo direito de ir lá, de estudar, de aprender, né, então foi mais ou menos por aí que aconteceu com as gurias. Uma depois conseguiu voltar, reatar e coisa e tal, né e a outra não. Foi seguir o destino dela. Mas eu vejo assim que pros professores, às vezes quando eu chegava, queria conversar, explicar, coisa e tal essa vivência assim “olha, eu sou pai”, eu dizia assim pra eles “eu tenho toda uma produção fora da universidade”, então, quer dizer, eu vivia outras coisas que pra eles não serviam, né, às vezes, não queriam nem escutar, né, aí tinha uns que diziam “não, teus problemas, são teus problemas, né. Tu te rala, dia tal é a prova, vem, faz tua prova ou senão vai lá no protocolo e faz a segunda chamada”. Atestado no protocolo, o pessoal do espanhol tava sempre, né, pra poder fazer a prova e já com os professores do português, eu nunca precisei, né. A Mariluz é uma pessoa assim, eu digo é uma pena que no momento tu não tem como avaliar porque tu tá passando por tanta atribulação, tanta coisa e dizer pra professora assim “como tu foi importante na minha vida” dizer assim, “que Deus, seja lá a denominação que tenha pra ti, né, te abençoe e te ilumine”, porque a mulher era extraordinária.

Eu perdia as provas e ela “não, mas não te preocupa” eu dizia (mas, Mariluz, o pessoal já vai fazer exame e eu não fiz a prova do primeiro bimestre, né e ela “não, te acalma, tu vai sair da universidade? Tu vai sumir da cidade? Não, né? Então, a gente vai se organizar”. Tu fica preocupado porque a pessoa tem que fechar notas. Os colegas, às vezes, começam a ver “ah, mas ele vai ser favorecido, eu não”, né, acho numa questão de uma semana eu fui fazendo as provas e o pessoal fazendo exame e eu assim “Mariluz, como é que vai ser se eu tiver que fazer exame? Não, te acalma”. Enfim, tudo deu certo, mas ela fez que desse certo, né.

Pesquisador – Tu falaste uma coisa interessante. Talvez ela tenha agido assim por causa da tua idade, por ela saber que tu tinha outras coisas que envolvem a tua vida e que por isso, não tinha como tu ter uma dedicação exclusiva como, geralmente, os mais jovens têm. Claro, tem muitos jovens que trabalham, já são casados e que moram sozinhos.

Participante 2 – Acho que sim, mas teve outras situações. Um dia a gente tava fazendo prova e uma menina chegou chorando, né e ela perguntou “o que que houve brigasse com o namorado?” E a menina disse não, era outro problema bem pessoal, que eu não vou comentar porque não vem ao caso e a Mariluz disse “vai lavar o rosto e depois tu vem aqui”. A menina foi, lavou o rosto e voltou, aí a Mariluz disse “Tu não vai fazer a minha prova assim, né” e ela „ah, professora” e a Mariluz “não, tu não vai fazer a minha prova assim” e assim, né, a guria fez a prova uma, acho que duas semanas depois. Na universidade, já tava todo mundo em férias e a menina veio e fez. Quer dizer, assim, é toda uma sensibilidade de entender a situação. O Carlos também, eu tava junto com ele e era o último dia pra gente entregar os trabalhos lá, a gente entregou e eu fiquei conversando com o professor Carlos, aí chegou uma menina chorando, né e pegou e disse assim “bah, professor, eu não consegui terminar. Iniciei, meu cachorro morreu coisa e tal e ele pegou e disse “não, vai pra casa descansar, tu me entrega outro dia”. E aí, aquilo me chamou a atenção porque eu os colegas disseram “pô, a gente se matou pra fazer, pra trazer no horário e agora o cacho dela morreu e...” aí o Carlos pegou e disse “olha, eu não posso avaliar o que significa o cachorro pra ela, né? Ela não é da cidade, talvez a única companhia que ela teve nesses quatro anos de graduação foi o cachorro e agora o cachorro morreu. Quer dizer, às vezes tem essa sensibilidade para com o outro, que faz toda a diferença. Ninguém é obrigado. Não, a gente é obrigado, a gente lida com o ser humano né? O nosso material é humano, né? São sonhos, é realização.

Pesquisador – Vocês se consideram maduros?

Participante 3 – Sim, eu acho que sim. E se eu não tô, acho que nunca mais vou ficar (risos)

Participante 2 – Pra algumas coisas, sim. Eu me acho muito inseguro assim pra algumas coisas, né. Uma coisa que eu tenho trabalhado bastante... Tô passando por um momento agora que eu acho que eu tô conseguindo, né, que eu sou uma pessoa que assim, né, que se tu me provoca eu vou lá e tenho que te dar uma resposta, né. E eu acabei descobrindo que eu não preciso te dar resposta, né? Não preciso ir lá e te dizer assim “olha, eu sou uma boa pessoa”, não, eu tenho que continuar fazendo o que eu sempre fiz, alguém vai ver, né? E antes não, as pessoas pegavam e me provocavam com uma coisa qualquer. Hoje tava contando. Fiquei doze anos no Lemos Júnior, muitos jovens me conhecem como „Ricardo do Lemos“, ficou meio que meu sobrenome. O diretor disse assim “ó, aqui é assim, ou tá comigo ou tá contra mim” eu peguei e disse “professor, eu não tô com o senhor, mas também não tô contra o senhor, eu só não quero me envolver novamente numa campanha eleitoral”, que é muito desgastante era uma outra pessoa que eu gostava que ia disputar com ele, né. Ele pegou e disse “ah, então quem não quer vai embora” eu peguei e disse “vou embora”, quer dizer, eu joguei doze anos de trabalho, de pessoas que eu gostava, de convivência boa porque eu achei que tinha, né...não precisava disso.

Pesquisador - Pois, é, eu acho que maturidade é a gente, às vezes, saber se posicionar um pouco melhor em situações estressantes, claro, não quer dizer que tu vais aguentar tudo, mas parar e pensar se vale a pena. A gente pega isso com o tempo, com a vida, né?

Participante 3 – Tu vai te conhecendo melhor e aprendendo a se controlar, a prever as tuas reações. Eu, hoje conheço o meu limite. Hoje, raramente eu entro numa discussão, raramente eu entro numa briga, coisa que quando eu era jovem...(risos) então hoje eu me conheço, conheço bem o meu limite, mas insegurança, eu nunca fui insegura “vou lá tentar, se não der, eu tento outra coisa”. Eu não tenho assim, esse medo de errar, de não dar certo.

Pesquisador – E essa questão da idade, quando vocês entraram para a universidade, não passou pela cabeça de vocês?

Participante 2 – Ah, claro, é inevitável porque tu vê assim, só gurizada, né (risos)

Participante 3 – Será que vale a pena? Ainda dá tempo? Porque tu pensa, na época eu tinha um restaurante. O restaurante te ocupa dia e noite, não tem folga. Quando eu comecei, primeiro eu pensei vou tentar, vou ver se vale a pena, vamos ver. Aí nos primeiros meses de aula, aquelas aulas de linguística que eu entrava sem saber nada e saía sabendo menos ainda. Com a Débora. Não, a Débora é show de bola, mas eu saía com a cabeça desse tamanho assim, eu saía mais perdida do que entrava. Aí quando saiu as primeiras notas, três vírgula três em linguística...” o que que eu tô fazendo aqui? Eu tô perdendo o meu tempo porque meu restaurante eu não tô podendo cuidar direito, tô prejudicando a minha vida, tô atrasando a minha vida ainda”, aí eu

disse “eu vou desistir disso aqui, eu não vou insistir, três vírgula três, o que que vai adiantar? Como é que eu vou recuperar isso?” Daí fui lá pra fora, fui lá no CC, peguei um café e fiquei ali fora pensando aí chegou a Carol, “que foi gurria?” eu disse “bah, Carol, tirei 3,3 em linguística acho que eu vou embora e não volto mais” aí diz a Carol “tá, mas e aí? São duas notas e o exame. Não precisa te apavorar porque tu tirou 3,3, dá pra recuperar” eu digo “será, Carol? Será? Será que eu vou conseguir? “claro que dá, tu tem três chances ainda, tem mais duas provas e o exame”. Aí, eu fui pra casa. Pra casa pensar... “essa merda...volto ou não volto? Quer saber de uma coisa? Eu vou tentar, se não der ...esse primeiro semestre eu vou continuar”. Aí, voltei, aí comecei a achar um jeito de aprender, né? Não adianta. E eu sou uma pessoa assim, ó: tu falou uma vez, eu entendo, tu falou duas, de boas, falou a terceira, acabou, eu já não entendo mais nada, não escuto mais. Aí, eu começo a desentender aquilo que eu tinha entendido e as aulas da Débora, eu não conseguia entender, nem na primeira, nem na segunda e aí quanto mais repetia, mais perdida eu ficava, aí eu começava a desentender aquilo que eu já tinha entendido no começo.

Participante 2 - É porque tudo aquilo é tão claro pra ela e tão abstrato pra gente que é muito difícil de tu pegar assim de primeira, né.

Participante 3 – É porque não tem uma explicação diferente. E se tu não entendeu, ela te explica mil vezes, quantas vezes tu precisar, mas sempre com a mesma...

Participante 2 – A Mariluz ia pro quadro e explicava as coisa, né e ela olhava pra gente assim, “vocês não entenderam, né?” eu, às vezes, assim, eu queria ficar embaixo da classe “João, tô vendo na tua cara, tu não entendeu, né? Então vou explicar direito”. Gente, só que naquele “vou explicar direito”, ela explicava de uma outra maneira. Um exemplo, se tu diz assim, eu não entendi, ela explicava de uma outra maneira ainda. Eu não sei como aquela mulher conseguia, parece assim, que ela tinha uma forma pra cada, né? E ela dizia assim “me perguntem, gente, que bobagem, nós estamos entre amigos. Ela já me olhava e dizia “tá, João, tu não entendeu”, mas naquele começar de novo era de uma outra forma, de uma outra maneira, a Débora, não, era sempre da mesma maneira, aí um dia eu perdi a paciência com ela, porque eu também perco a paciência. Eu peguei disse assim “olha, eu pensei que eu era burro, né, é justamente o que eu tô dizendo, tu é velho, tu já tem uma série de coisas, aí tipo assim, eu sou burro, mas quando eu tô sentado aqui, tô repetindo uma cadeira, olho em volta, quer dizer, mais da metade, 50 por cento são colegas que estavam no ano passado junto comigo, então, alguém é burro aqui dentro, né?” Acho muito feio, mas vou... mas ela tinha usado esse termo. “Alguém é burro e acho que não pode ser a maioria”, então ela disse “então eu sou burra”, eu

disse “não, toda vez que a gente pede pra tu explicar, tu explica da mesma forma e a gente não consegue entender e aí, saí da aula, fui tomar um café no CC, aí encontro a Nilse, né ela pergunta “o que houve?” e eu disse “ah, eu tô triste, fui indelicado com a professora, não é meu direito, né”? Mas chegou um momento que tua vai te sentindo tão acuado, tão acuado, tão ridicularizado, porque todo mundo te olha, né? E aquilo cada vez fica mais...e sempre da mesma forma, aí ela pegou e disse assim “olha, eu tive um amigo que lia alguns livros do Benevides Ventura e tal, quem sabe a gente se encontra no Núcleo de Estudos, a gente conversa, eu não vou te dar aula, mas a gente pode discutir. Bah, parece que a mulher abriu a minha cabeça assim e aí começou, né, mas era uma outra forma de explicar.

Participante 3 – Eu comecei a pesquisar na *internet*, aí eu olhava porque nos livros pra mim era muito complicado porque eu gosto da coisa direta “é isso aqui, é isso aqui, é isso aqui”, aí eu comecei a procurar, comecei a ler artigos, procurei artigos acadêmicos, aí quando a coisa era mais difícil assim, eu procurava aquelas tese de mestrado porque era uma linguagem que eu conseguia entender e era uma coisa eu sabia que podia estudar naquilo ali, aí eu consegui. Então, nas aulas, eu ia nas aulas, anotava os pontos principais e depois pra prova eu estudava pela *internet*. Eu sempre buscava teses, artigos e aí consegui, mas foi uma luta (risos).

Pesquisadora – Nos últimos anos, aqui na universidade, cada vez mais têm alunos com idade mais avançada voltando aos estudos. Vocês acham que deveria ter ações de inclusão mais direcionadas para esse público?

Participante 2 – A gente tá sempre muito atrasado nas coisas, né? Eu vejo assim, que na Europa, né, acho que há 20, 30 anos já tem esse movimento. Talvez até por uma questão econômica, que as pessoas hoje, na terceira idade, né bem mais velhos que nós, que a idade que nós entramos, vão para universidade para fazer um curso que goste ou algo que queriam fazer lá quando eram jovens. A universidade nossa ainda tá muito focada no jovem né, os trabalhos, os livros, cada um, às vezes te dá 4,5 livros pra tu ler numa semana, né, quer dizer, aquilo é pro jovem, né. Por quê? Porque ele vai ter tempo de chegar em casa, jantar, ter um boa noite de sono, se acordar, bom, e só fazer aquilo ali. Até porque a minha filha fez biologia, ela estudava nos 2 turnos, ela só estudava, né, graças a Deus a gente pode, mesmo sendo pobre, a gente pode garantir isso pra ela, né que só estude, porque senão não teria como, estudar de manhã e tinha que estudar de tarde. Então, assim, a estrutura da universidade ainda é feita pro jovem.

Participante 3 - Eu acho também.

Participante 2 - Alguém mais velho entrou ali, furou a bolha, né, furou abolha, porque não é, não foi feita pra nós.

Participante 3- Tem que te virar meio que sozinha, né, tem que descobrir um jeito “bah, eu não vou conseguir ler todo livro” , tem que achar um jeito de ler o começo, meio e fim e tentar entender e seguir para frente, né, parece que tu não tem assim , não é realmente não é direcionada para ti, não é para quem trabalha não é para quem tem uma família, pra quem tem tempo pra estudar e se tu não tem esse tempo todo, tu tem que achar uma outra maneira para ti mesmo pra tu conseguir aprender e conseguir entender.

Participante 2 - Gente, negros, né, na minha turma teve um menino do francês, que era negro mesmo, pele bem escura, ele não foi até o fim, depois teve a Gabi, do turbante, e eu não lembro assim, de mais colegas negros dentro da universidade. Aí tem a Carolina, mas a Carolina já é das artes. Professores negros, eu tive duas professoras negras, a Rosaura e a Cíntia.

Pesquisadora – Aí vocês imaginam quando eu entrei: mulher, negra e mais velha.

Participante 3 - Na minha turma mesmo, duas se formaram padrão: eu e a Nataly, quer dizer, todos aqueles jovens promissores, os inteligentes, os bambambam, ficaram pra trás.

Participante 2 – Mas teve um grande investimento em cima deles, né?

Participante 3 – Teve, teve,

Participante 2 – Já chama eles pra bolsa...

Participante 3 – São convidados pra projeto...

Participante 2 – Eu fui trabalhar com a Dália, no Núcleo, depois tu também trabalhou lá, né, e a Dália nunca fez distinção, assim, de ninguém, né, tanto eu que era mais velho, tinha os guris que eram mais jovens, a Suélen, que era negra também trabalhava com nós, né, agora me lembrei de mais uma, mas quando eu tô entrando a Suélen já tá saindo. Então, mas normalmente, assim ó, que às vezes tinha seleção...

Participante 3 – A primeira seleção que eu tentei aqui foi um bolsa no Núcleo do espanhol e na primeira tentativa, conversando com a Joseane ali, era o primeiro semestre, né, meu espanhol péssimo, eu tava começando, nem falava espanhol ainda, aí conversando com a Josefina ali, na hora fui selecionada, quer dizer, uma pessoa que tinha aluno na época, mais qualificado que eu. Aí no segundo ano do espanhol, já falava melhor e tudo. Eu passei na seleção porque a Joseane tava querendo fazer alguma coisa de teatro no Núcleo de espanhol e eu trabalho com arte gráfica e foi nessa parte que eu me encaixei. Todas as outras pessoas tinham mais qualificação que eu em outras coisas, mas isso aí só eu.

Pesquisadora – Que legal.

Participante 2 – Claro. Tem que começar, já passou da hora. Um olhar, né, até dos próprios professores, eu tava dizendo pra ela, que é uma coisa muito triste que saiu agora, acho que há

uns 2 meses, não sei se vocês viram, que as pessoas hoje estão preferindo fazer uma universidade a distância, do que cursar um curso normal, né, e aí pegaram uma especialista da USP, né, eu disse pra ela, até me chamou atenção porque era uma professora e era negra, né e ela pega e começa assim, „olha, o que acontece nas universidades federais é que o aluno entra, né, e às vezes, nunca mais vai sair de lá ou sai muito rápido, né, por que? Porque ele sabe que cada curso, né vai ter um professor ali que vai rodar ele, então tipo, tu vai entrar pra Letras, tal professor ali vai te rodar, na engenharia tal, não sei o que. Então, as pessoas preferem, né, estarem em casa estudando numa outra modalidade porque o professor é imparcial, ele não tá olhando pra ti, ele tá olhando pra quinhentas pessoas ao mesmo tempo, então...

Participante 3 – É, tudo é ponto de vista. Eu nunca vi “ah, o professor vai te rodar”, “o professor rodou fulano”, eu nunca vi isso. Alguém rodar alguém, eu vejo as pessoas se rodarem. Cadê a tua prova? Tu fez a prova? Não tem como alguém te rodar. Eu acho que tem muita desculpa pra tudo, as pessoas “ah, porque eu sou mais velha, porque eu não me sinto acolhida”, se tu realmente quer, tu vai conseguir. “ah, porque eu sou mais novo, porque isso, porque aquilo”, as pessoas procuram desculpas pra aquilo que é responsabilidade delas, ela que tem que correr atrás.

Participante 2 - É que nem todo mundo tem a personalidade que tu tem, né?

Participante 3 – Pra algumas coisas eu tenho, não é pra tudo, pra algumas coisas eu desabo. Eu tenho um emocional muito forte, mas um lado muito sensível também. Esse lado sensível, quando ele cai, minha filha, bah, me derruba. Só que eu sei separar aquilo que importa pra mim e aquilo que não importa. Então, o meu lado sensível é só como que importa pra mim, aquilo que não vai mudar nada na minha vida, aquilo ali não conta.

Participante 2 – Eu trabalho em escola, aí tinha uma diretor que gritava com todo mundo, né, e coisa e tal, aí um dia a gente tava lá discutindo, né e eu disse “é tão feio quando eu vejo tu gritando” ela disse “porque?” eu disse “porque tu nos representa todos nós, quando falamos dessa instituição, tão falando da nossa diretora, né, então a maneira que tu lida com as pessoas” “ah, mas a gente não tem uma preparação pra lidar com ninguém”, não sei o que. Olha eu penso assim, olha, a gente trata todo mundo com educação, é um contrato social, né? Então assim, quando tu vai lidar com pessoas diferentes e diferentes culturas, tu tratando com educação, sempre vai dar certo, né, porque tu até inibe a pessoa de ser agressiva quando tu é educado, né? Acho que falta essa... né.

Pesquisadora – A educação e o respeito, né? Eu posso não concordar contigo, mas eu tenho que te respeitar.

Participante 3 – É o que eu sempre digo, não precisa entender, nem gostar, mas tu tem que respeitar.

Participante 2 – No primeiro ano de espanhol, a gente teve uma professora, ela era muito nova e ela era também contratada, né, é uma situação diferente um professor contratado pra um professor efetivo e a turma toda não gostava dela e ela acabava se impondo muito, até pela insegurança dela, a gente é mais velho sente isso, né, então, às vezes ela era muito ríspida, acho que a única pessoa que gostava dela era eu, mas eu não via ela ser má, eu via aquela insegurança e aí um dia um professor disse “não, porque a fulana é muito isso, que não sei o quê” e eu peguei e disse „mas o que que é isso? Como é que tu vai falar de uma pessoa que não tá aqui?“, e aí, eu me levantei, olha, eu e o professor quase fomos pras vias de fato, né e depois ficou uma coisa tão chata, aí depois ele foi embora pra Pelotas e um dia ele passou e não sabia se me cumprimentava, se não cumprimentava, aí eu fui em direção a ele, né aí agarrei e disse “olha, quero te pedir perdão porque eu não tinha o direito de chamar tua atenção na frente dos colegas, né, mas aquilo me ofendeu tanto, porque se fosse ao contrário, alguém entrando ali e falando mal de ti, eu também iria te defender, ele pegou e disse assim „eu aprendi tanto contigo, né e também não fiz por mal“, é, a gente conversa e acaba se entendendo, né?

Pesquisadora – Como vocês avaliam essa caminhada acadêmica de vocês até aqui?

Participante 2 – Pra mim foi extremamente positiva, conheci pessoas extraordinárias, pessoas assim, que levei pra vida. Tem o Maurício também, que é amigo da família. Eu saio muito magoado com o pessoal do espanhol. Não sei se foi aquele momento que eu entrei no curso, que tão reestruturando o curso, que querem botar o curso num patamar diferente. O curso deixa de ter professores substitutos, né, que acabam também não tendo uma carreira. É dois anos, um ano e meio a pessoa tá indo embora e passa a ter professores efetivos. São professores, agora que vão pensar no curso pra cinco, dez anos...bom, eu sofri muito com as pessoas ali. Eu acho que as coisas poderiam ter sido de outra maneira, mas isso é uma posição minha, não quer dizer que...então, foi a única...porque o tratamento que eu recebi dos outros professores foi, bah...pra vida, né. Eu me senti totalmente excluído, até porque é o que a gente fala, quem sai do ensino médio, já tem o espanhol, nós que somos mais velhos, era só o inglês, né? A gente não teve espanhol, a gente fez ali uma prova de espanhol, com vinte questões de múltipla escolha, pra disfarçar, mas foi extremamente positivo.

Participante 3 – Pra mim, só positivo. Não tem nada assim pra dizer que foi negativo, ou alguma coisa que eu me arrependa. Pra mim, foi super positivo, uma coisinha e outra que tu passa, mas que tu vê que não faz diferença, não te atrapalhou, pelo contrário...ainda te

fortaleceu, te deu mais vontade ainda de tu passar por cima (risos). Eu acho que a dificuldade ela sempre te empurra. Eu acho que toda a dificuldade te empurra pra frente „ah, é assim, vou te mostrar que eu posso”.

Participante 2 – É, mas até a gente conseguir entender isso. Tinha uma colega minha que diz “poxa, cara, como tu te magoa com as coisas, às vezes, uma palavra que a gente fala, uma coisa, né” e eu peguei e disse “mas, eu não consigo ser diferente”, é uma coisa muito minha, né e ela pegou e disse assim “cara, levar a mágoa é uma bagagem tão pesada” e hoje, eu consigo ver assim ó se tu tá com um problema comigo, eu vou lá e te peço desculpas e te digo que não vou brincar daquela maneira, que eu não vou fazer mais aquilo, mas se mesmo assim tu continuar, bom, quem vai levar o peso é tu, eu não vou levar, essa mágoa não é minha. Então, hoje eu tento de todas as maneiras sanar, com quem quer que seja, às vezes até com meus filhos, brigo, aí “ah, fui muito duro, muito injusto e coisa e tal”, aí vou lá e digo “olha, posso ter sido injusto, mas eu não tenho que ser teu amigo, eu tenho que ser teu pai, como pai de vocês, eu tenho que encaminhar vocês pra uma outra instância, né”, não que pai seja inimigo, mas, às vezes a gente tem que ser mais duro, né.

Participante 3 – Eu não sou de guardar mágoa também. Apesar que não guardo mágoa de ninguém, se eu tenho que te falar alguma coisa, eu pego e falo, gostou, gostou, não gostou, sinto muito, eu falei (risos). Não vou ficar com isso...parece que engasga, trava (risos).

Participante 4 – sexo feminino.

Ingresso na universidade em 2014, aos 56 anos, no curso Letras - Português/Inglês

Participante 5 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2013, aos 50 anos, no curso de Letras - Português/Espanhol

Pesquisadora - Primeiramente, agradeço a presença de vocês. O que motivou vocês a retomarem os estudos?

Participante 4 – Bom, para mim foi para me manter em uma atividade mental, assim, né, já pensando na velhice, né, uma atividade intelectual, preservação de Alzheimer, coisas desse tipo, né e também me manter atualizada, mais viva, né, no meio de gente que faz. Eu gosto de ficar no meio de gente jovem, ativa.

Participante 5 – Bom, eu o que me motivou, me empurrou... não foi nenhuma motivação, foi empurrão, porque eu recebi um diagnóstico de câncer de colo de útero e, de repente, quando tu tá ali envolvida naquele tratamento, eu olhei para trás e perguntei o que fiz da minha vida?

Porque eu sempre sonhei, eu sempre gostei das Letras, então eu aproveitei isso e me joguei, até pra não ficar pensando muito, né... E foi isso, justamente pelo diagnóstico. E aí eu digo assim “não, eu vou ter que fazer alguma coisa pela minha vida “, porque até então eu só vivia pros meus filhos, pra casa, então aí eu resolvi dar um sentido ‘pra vida.

Participante 4 – É, uma fala, outra fala, isso também teve influência da minha situação, porque eu já tava numa situação assim, de como eu já era aposentada há bastante tempo e tal, tem uma filha que mora comigo ainda, tem filho eu fiquei na função de casa e neto, mas como eu sempre fui uma pessoa muito muito ativa desde muito moça e não gostei dessa função, então achei também que tinha que procurar uma coisa que fosse minha, mais exclusiva minha, assim, só pra complementar, assim.

Pesquisadora - E como foi a acolhida de vocês nesse meio acadêmico nesse retorno depois de tanto tempo, com os colegas e professores?

Participante 4 – Eu costumo dizer que a minha acolhida se deu no primeiro dia de aula. Até é uma história bem interessante, né. Eu cheguei no primeiro dia de aula atrasada, porque eu não sabia direito onde era, eu custei a achar o prédio, era uma aula do professor Augusto, acho que era de abertura, uma coisa assim. Eram todos reunidos, não era uma aula normal e eu já cheguei atrasada, sentei na frente e ele já tava quase terminando um processo de apresentação e cada um dizia seu nome e tal, e eu fiquei na frente bem deslocada de todo mundo bem sozinha na frente e quando chegou a hora do intervalo porque tínhamos aula mesmo né, eu fiquei bem assim desconcertada comigo, fazer o quê? Que eu ia fazer? Onde eu ia ficar, né? E comecei a juntar minhas coisas assim, e uma colega passou, veio não sei de onde, eu tava mais na frente, parou na minha frente e disse assim “então colega, vamos tomar um café?” Então, eu costumo dizer que isso aí já foi o meu acolhimento inicial que já fez eu ter... já quebrou com aquele tipo de constrangimento que eu tava, né, já aceitei tomar um café com ela e com outras, que elas já tinham conversado entre si e foi o acolhimento inicial, mas é que foi excelente, porque eu digo realmente eu não sei assim se eu não tivesse me sentido acolhida de início... porque embora pareça que não, eu senti um constrangimento assim, né... era uma discrepância muito grande e é ainda, né? A minha presença na universidade, né? Eu dizia, por exemplo, que eu tive dois, né, na graduação, 2 professores mais velhos do que eu. Os outros todos eram mais jovens, e muito mais jovens e os alunos então, nem se fala os alunos eram mais jovens que os meus filhos, por exemplo. Então, não é muito fácil, não é muito fácil, mas acho que fui me adaptando bem assim...em algumas situações, até hoje noto situações, não mais de constrangimento pro meu

lado porque eu já me sinto bastante à vontade, eu brinco com a minha idade, eu não deixo de participar de nada por causa da minha idade, mas eu noto, ainda hoje sim, barreiras.

Participante 5 - Bom, foi bastante difícil a minha a minha chegada na universidade, na sala de aula devido a grande maioria ser jovem, só eu e mais outra senhora e se notou muito a questão de nos deixarem um tanto de lado assim, nós fomos excluídas devido à idade, devido à idade e até certos professores fizeram isso.

Participante 4 – Concordo.

Participante 5 – A gente nota que os professores, alguns, não tô generalizando, mas alguns professores eles selecionam determinados grupos de alunos para que eles possam trabalhar em cima desses alunos, entendeu? E nós, somos à parte. Eu acho que a universidade é um lugar dito para jovens, não para pessoas da nossa idade. E a gente sente bastante isso.

Pesquisadora - E como que vocês se sentiam nos outros ambientes acadêmicos?

Participante 5 – Bom, assim ó... eu, eu me senti inclusa porque eu busquei a amizade de outras turmas. eu busquei a amizades hã... a Glória, a Dani, todas pessoas da minha idade em outra turma que não era a minha. Então, assim, ó, eu fiquei pipocando entre pessoas das Artes, pessoas do francês, pessoas do inglês. Na minha turma, eu não me sentia inclusa, eu só tinha duas amigas... duas amigas, porque elas estavam relativamente próximas a minha idade, não tão próximas, mais próximas. Porque uma tinha 36 e a outra tinha 34.

Participante 4 – Então, como eu falei no início, né, eu já me senti assim meio acolhida, desde o início, em função dessa colega específica que me chamou para o café, né? A partir dali já era a colega que eu tinha como referência, não só ela porque ela era uma pessoa acolhedora de modo geral assim, ela também já tinha...e formamos um pequeno grupo, com quem eu sempre estava incluída, né, mas, sim tem algumas situações que se fica deslocada, né, as turmas não permanecem, os amigos vão se perdendo ou ficando pelo caminho e a gente tem que fazer novas relações, né? E muitas vezes não é fácil. Eu senti mais dificuldade quando se diferenciava com o grupo do inglês, que eram todos muitos jovens, um grupo pequeno, né, todos muitos jovens e eu tive que me incluir naquele grupo ali e no início foi bastante difícil. Com o tempo eu até ganhei muito, fiz uma boa relação de amizade, com o tempo, foi se tornando um grupo mais unido, né... E eu via ali naquele grupo uma, mais marcadamente, assim, uma coisa de concorrência, uma coisa de concorrência e me sentia bastante deslocada também em relação as capacidades do inglês, porque os jovens quando eles vêm pro inglês, por exemplo, eles já vêm com uma boa base. Além disso, mesmo na aprendizagem, a aprendizagem deles é muito mais rápida, muito mais fácil. Eu tive dificuldades nesse sentido, né, então foi onde eu sentia mais

essa diferença assim, mas por outro lado com o decorrer do tempo, eu fui me sentindo me sentindo acolhida também, né. Isso, pra mim, foi bem marcante, né, nesse grupo de inglês, né, embora, se sintam em todo local, né. Registro assim que, até hoje, no nível do mestrado que eu estou fazendo, tem um certo distanciamento assim, de parte dos colegas e algumas restrições de parte dos professores também. Por mais que eles tentem, né, incluir, mas o trato não é o mesmo. Sobre a questão de bolsa... assim, como eu sou aposentada há muito tempo, eu tenho renda e esse “não posso ter bolsa” te afasta das oportunidades, por exemplo, eu nunca participei do Pibid²⁴, né... nunca nem fui convidada para trabalhar no Pibid, enfim, assim, uma coisa que faz parte do processo, né, é o um participar, se enfiar nas coisas da universidade, né, nesses grupos de estudo, enfim, e é uma coisa que essa função da bolsa te dificulta porque os professores eles estão, geralmente, mais voltados pra aquele aluno que tá precisando da bolsa, ou que desenvolve ou aquele que ele acha que vai render mais naquela atividade.

Participante 5 – Vocês vão rir de mim. Eu nunca consegui uma bolsa dentro do português dentro do Instituto de Letras. Eu consegui uma bolsa para trabalhar no Pibid, tá e eu tenho a mesma tua situação, eu recebo pensão, eu sou pensionista, tá, e eu consegui a bolsa dentro da química. A minha relação dentro do meu instituto, sempre foi muito complicada, justamente por essa série de coisas que a gente está trazendo que é a questão da idade, a seleção dos professores em pegar alunos que futuramente possam ser seus pupilos.

Participante 4 – É verdade, isso é bem relevante.

Participante 5 – Então, assim ó, eu consegui uma bolsa e foi muito estranho porque eu estava na seleção do Pibid interdisciplinar, tá, da química, tá, eu disse, e aí tava os professores das escolas e tava nós para seleção e quando falaram a escola X, eu só comentei assim “essa escola era meu sonho de consumo”. O professor Vinícius, da química, ele nem pensou, ele disse assim “tu vai pra escola X”, quer dizer, eu tive que sair do meu instituto, vir para um outro instituto e, olha fui muito bem acolhida pelo pessoal da química, eu me dou um pessoal daqui até hoje.

Participante 4 – São coisas assim que te trazem... que benefício deve ter feito, né?

Participante 5 – Sim fiz um ano e sete meses.

Participante 5 – Que relevância deve ter tido no teu curso de português.

Participante 5 – Português /espanhol.

Participante 4 – Talvez, tenha sido um apoio para ela. Uma outra coisa que eu acho que tenho que acrescentar, uma coisa que foi bastante acolhedora para mim também, foi o convite da

²⁴ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

professora Lizete pra participar do grupo de estudos do Funcionalismo. aquilo ali, eu me senti... foi muito legal. Aquilo ali, sim, porque ali, sim, não era uma coisa que dependesse de bolsa, né. Era voluntário e me colocou direto com pessoas quando eu entrei. Tinha pessoal do mestrado, já e eu entrei, assim, acho que eu tava no segundo semestre, né, eu até disse “eu não sei se eu vou ter alguma coisa aqui para dizer, né” porque eu me senti assim meio desnivelada em termos de conhecimento e era realmente, né, naquela época.

Pesquisadora - Eu me lembro que ela também me convidou pra participar, eu era bolsista dela. Era muito bom.

Participante 4 – Sim. Foi muito legal, porque ali já comecei a fazer vínculos e contatos com coisas que no início da graduação a gente não tinha, trabalhos, artigos, o que é fazer um artigo, o que é uma pesquisa e também um contato mais estreito com a professora, né, que também foi meu apoio muitas horas assim. Foi muito legal isso.

Pesquisadora – Essas vivências que a gente tem, pela nossa idade, vocês acham que elas contribuíram para o convívio nesse contexto?

Participante 5 – Ah, sim, com certeza. A questão de sermos mais velhas, “mais velhas, supostamente” (risos), mas a gente consegue digerir certas coisas que a gente ouve, que a gente vê, com mais facilidade, a gente.... como é que eu posso te dizer...a gente releva, a gente releva muita coisa. Eu sou uma pessoa que eu relevei muita coisa para continuar dentro do curso e, olha, tive que relevar, não foi fácil.

Participante 4 - Eu acho que sim, tem uma importância bastante grande para tudo, para o relacionamento com os colegas, para o relacionamento com os professores e até mesmo para o aprendizado, no meu caso né, porque eu já tinha uma, além da vivência e da idade, eu já tinha uma graduação numa área completamente diferente, mas que mesmo assim, te traz.. sempre te acrescenta. Eu costumo dizer “o estudo sempre te acrescenta alguma coisa” e eu já tinha vivência também de lidar com público, né? Sempre lidei muito com público no setor que eu trabalhava, que era de projetos e tudo isso é aporte positivo para convivência da gente e até para entender, pode ser uma área completamente diferente, como eu dizia, eu olhava aqueles textos “eu não sei o que é isso, eu nunca vi nada disso, né”. Me lembra o meu choque com Sausure, foi a pior nota que eu tirei na graduação, a linguística 1, mesmo assim, sempre é um aporte. Tu já tem mais vivência, tu tem mais... no meu caso eu me sentia assim, com mais vocabulário que são bases de vida e de, no meu caso, até de estudo também, que colaboraram pra enfrentar essa situação. Assim, até do choque das áreas que foi e ainda é bastante difícil, né, não é muito fácil

porque tem uma vivência inteira numa área de exatas e aí passa para as humanas, é um choque bastante grande, né, mas sim, teve muita coisa.

Pesquisadora - Vocês se consideram maduras?

Participante 4 - Eu acho que madura mais nesse aspecto pessoal e social pra lidar com as dificuldades, acho que é inegável né... mas, por exemplo eu me considero imatura em outras coisas ainda, até na área do ensino mesmo, me deparo, às vezes, com situações que para mim são totalmente novas. Eu convivo com colegas agora, por exemplo, que tem, isso aí é todos, por exemplo, eu tenho uma colega do mestrado, que o trabalho de dissertação dela vai ser uma área que envolve informática, que pra mim, é uma coisa extraordinária né, e aquilo pra ela é a vivência dela, como em outras situações não só essa né, então acho que maturidade assim não sei... nunca é...e até na convivência, também. Mesmo que a gente se considere madura, mas na convivência, a gente tá sempre aprendendo.

Participante 5 - Uma das coisas que a universidade, é claro, tem seus lados negativos, mas também tem seus lados positivos, né. Uma das coisas que a universidade trouxe para mim, foi eu desconstruir certos conceitos que eu tinha, desconstruir para reconstruir um novo olhar. Eu tinha uma ideia, a minha ideia era muito fechada, muito fechada. Agora eu tenho, eu já tenho uma expansão mais de consciência.

Participante 4 – Isso aí, se dá, eu acho que na convivência com os mais jovens. Principalmente, isso aí foi uma das coisas que eu destaquei, né... Eu acho que é uma das grandes vantagens, fora o conhecimento, que é obvio, né, da minha vivência aqui na academia, é o convívio com os mais jovens... pra eles é interessante, mas pra nós, é muito mais interessante. Por que a gente convive, continua vivendo nesse mundo que é mais dos jovens do que nosso e quando a gente tá mais participativa com eles, a gente tá mais por dentro, com maiores possibilidades, com maior entendimento de uma pessoa que ficou lá estagnada mesmo que tu tenhas filhos ou que convivas com outras pessoas mais jovens, mas, sei lá, a relação não é a mesma, né? Eu aprendo coisas com meus filhos mas essa coisa de vivências, de vocabulário, de participação, de vivência, de enfim, né, de seguir, de que a vida segue não parou ali, é muito mais com os meus colegas que eu aprendo do que com os meus filhos, porque com os meus filhos, eu tô sempre com aquela posição que eu sou a mãe, eles podem fazer como meu filho vai fazer agora 40 anos, mas eu sou a mãe ele é o filho, né, é uma é uma relação com dois níveis e quando eu tô sentada com meus colegas, a relação tende a se equiparar, embora sempre haja as diferenças, né? Mas tende a se equiparar. Eu tô ali, fazendo a mesma coisa que eles estão fazendo, estudando as mesmas coisas, né? Isso é muito legal.

Pesquisadora - Vocês vivenciaram alguma situação de conflito sobre o que estamos falando?

Participante 4 - Eu tive alguns conflitos entre aspas porque não chegaram a ser conflitos assim, né, porque, como eu disse, aí vai falar a tua a tua maturidade social, né? Mas eu tirei alguns conflitos com colegas assim de entendimentos né, ou de eles não aceitarem coisas que até me magoaram, mas eu soube lidar com aquilo para não desestruturar tudo... Com professores, conflitos, acho que eu não tive, né... Conflitos marcantes, não, mas sim, tem uns que não conseguem te colocar numa situação de igualdade com os colegas, né? E no meu caso também tem uma coisa assim, de eles não conseguirem ver muito sentido no que que eu estou fazendo aqui, pelo fato de eu já ter uma formação anterior, de eu já ter trabalhado uma vida inteira naquela formação, de eu ter um salário de razoável, digamos assim, né. Então, porque que essa pessoa, “essa velha, no caso, né”, tá fazendo aqui? Não veem muito sentido nisso não, tô falando aí né...abrange aí tanto professor quanto alunos, tá que eu sinto assim esse pensamento, tá que eles não veem muito sentido por eu estar aqui e se eu coloco, por exemplo, que o meu sentido é pessoal, meu interesse pessoal, parece que às vezes isso não é muito aceito né porque se tá fazendo um curso pra professor, né, que teria que ter uma continuidade, né?

Participante 5 – Mas, não é só contigo, comigo também. Eu acho que é em geral, assim, as pessoas que passam dos 40, eles acham que não existe um sentido para estar aqui. Como se nós tivéssemos que ficar em casa, cuidando netos...

Participante 4 – É, eu comento isso, mas eu não acho uma coisa muito absurda. O jovem pensa isso, porque eu me lembro que quando eu tinha, sei lá 20 anos, 20 e poucos anos, eu imaginava, por exemplo, que uma pessoa depois dos 50 não tinha mais vida, digamos assim, né, não é não tinha mais vida, mas já era velho não tinha assim... que que objetivos de vida pode ter essa pessoa? Que sonhos que projetos de vida, né? Eu me lembro de um texto que eu fiz aqui para a universidade, até que o professor destacou bastante, que eu num determinado ponto do texto eu botei “sim, eu acho que era 50 60 anos. 60 anos, ainda tenho um projeto de vida”, né, isso é uma coisa meio que choca assim os jovens. Eles não conseguem muito imaginar isso. Mas eu me lembro que eu jovem, eu pensava isso também. Então, isso é uma coisa comum das gerações, né? Hoje, assim a coisa até tá se mudando um pouco mais porque a gente vê muitas pessoas mais velhas em atividade estudando e tudo o mais, né, mas por exemplo, quando eu era jovem, isso não existia realmente. Geralmente, as pessoas depois dos 50 anos, elas já tinham feito uma carreira e não faziam mais nada. As mulheres começavam a ter netos e era só ser vó e ponto.

Pesquisadora - Mas, agora mudou, né? E pra melhor.

Participante 4 – E pra ser sincera, algumas vezes até eu penso isso eu mesma penso isso, por exemplo, numa situação de oportunidades que surjam, eu penso primeiro se eu não vou estar tirando uma vaga de um colega que é jovem e que tá aqui construindo a sua carreira profissional, por exemplo, citando um fato bem concreto, a possibilidade que foi levantada agora de uma determinada professora de fazermos estágio docente no semestre que vem, né, e eu fiquei uns dois dias meio constrangida se eu respondi alguma coisa ou não, e respondi para professora que eu, né, respondi que eu tinha interesse, mas eu também expliquei para ela que eu tinha interesse por que eu gostaria de experienciar isso, né, mas que eu não queria, jamais, tirar a vaga de nenhum dos meus colegas. Então se, por exemplo, se eu fosse ser uma concorrente pra eles, eu não queria. Se ninguém tivesse interesse ou se as vagas fossem tais que sobrasse para mim eu queria, né, então, isso que eu digo, às vezes eu também me sinto assim nessa situação, né,

Participante 5 – Aí, imagina, se tu como aluna, como discente te sentes assim, aí tu imagina a postura de um professor, o professor tem esse mesmo pensar quando vai selecionar algum aluno ele tem esse mesmo pensar “não, eu vou escolher um aluno que, possivelmente, vai me render frutos”.

Participante 4 – Com certeza, eu tive uma situação, por exemplo, a seleção do mestrado, aqui, quando eu fiz, no início desse ano, em janeiro, acho que foi, não lembro, eu senti bastante pressão nesse sentido, muita pressão, especialmente na parte da entrevista muito muito muito pressionada sobre o que que eu ia fazer, porque, o que que eu queria mas fui questionada umas três vezes, eu acho que uns poucos minutos se assim, a mesma pergunta sendo repetida se eu dispunha de tempo, né, como é que era a minha situação particular de vida, o que que eu fazia, o que eu não fazia, mas se tu cuidas dos netos, então como tu vai estudar, tu sabe que o curso é bastante exigente, coisas desse tipo assim, foi, a minha entrevista foi bem dirigida nesse sentido assim, não digo no sentido de me barrar, até porque eu não fui barrada né, eu entrei, mas no sentido de ali naquele discurso, estava implícito que o que eu ia fazer não combinava comigo assim, que não era, que não seria o meu lugar.

Participante 5 – Não combinava com a tua idade (risos)

Participante 4 – É. E aí talvez, quem sabe, se tivesse uma grande concorrência para entrar no mestrado, talvez eu não pudesse ter sido deixada ou preterida em função de outros concorrentes, né, sim eu senti bastante isso.

Participante 5 - E às vezes nem é tudo isso, né? Nem é tudo isso que eu digo assim, ó porque a gente traz muitas vivências e não é pela nossa maturidade que não se saiba, né, que não tenha

capacidade de raciocínio, de aprender e de querer dar continuidade a alguma coisa. Eu acho assim que, enquanto existe vida, existem possibilidades, né? Então há possibilidade para mim no caso, é fazer um mestrado futuramente, e de repente, fazer um doutorado, não digo que o exercer, mas como o meu pessoal pede isso.

Pesquisadora - Quem é que sabe o dia de amanhã?

Participante 5 - Eu tô pensando que eu falei o lado ruim, mas houve também professores que me diziam ao contrário, né, por exemplo, me perguntavam „o que que tu pretendes no futuro?“ e eu responder assim por exemplo, “bom, eu tô estudando primeiramente pra minha satisfação pessoal, né, isso eu sempre deixei muito claro, mas né, quem sabe? Nunca descarto uma possibilidade assim... Talvez uma prática voluntária, uma prática docente voluntária por que o profissional mesmo eu acho que tá fora do meu alcance, não é do meu alcance, da minha expectativa, é, e o professor chegar e dizer para mim “e por que não?” se tu fizeres, se tu te graduares, por que não? Né, tem possibilidade sim então, sempre tem os dois lados, sempre tem, né, é que a gente, às vezes, tem a tendência de marcar mais o que chocou, né, o que magoou, o que é mais negativo. Às vezes, uma palavra te derruba né? Eu tive professores na graduação que enquanto eu nem cogitava fazer um mestrado, eles me sugeriram, né, e incentivaram né “vamos agora para mestrado” e vamos o mestrado para, né.

Pesquisadora - Isso faz tão bem, né?

Participante 4 – Eu tinha dúvidas, tanto que eu não entrei em seguida que eu me graduei, né. Eu não quis nem concorrer em seguida que eu me graduei, né, mas o incentivo foi bastante, depois inclusive depois da graduação, de encontrar...” mas, e aí como é que é?

Participante 5 - O que aconteceu comigo, essa minha ida com povo da química foi justamente isso, porque eu pedi duas bolsas, tá, eu pedi duas bolsas no Instituto de Letras, um ficou me olhando com a cara de paisagem e a outra eu fui concorrer fui eu e mais cinco meninas concorrer à bolsa e as gurias até ficar assim “ai, não Maria porque vai ser tu, vai ser tu porque, ai, quando eu te vi aí, já fiquei com medo”. Porque, assim, eu gosto muito de literatura, eu devoro muito, eu tenho muitos livros de literatura e, aí as gurias quando me viram disseram assim “não, agora nós perdemos, a Maria tá aí” e aí eu disse “não é bem assim, a gente não sabe critérios de avaliação do professor. Tá e ficamos naquela coisa, e me chega um menino, com uma pasta, assim, de papel pardo e eu olhei para as meninas e disse assim “gurias, nenhuma de nós vai entrar” e as gurias “que que é isso, Maria, tais vidente, eu disse “não, o jogo é de cartas marcadas”. Aí, passou-se os dias e eu recebi e-mail dizendo que eu não tinha sido convocada e mesmo assim, eu não desistisse da literatura...aqueles rapapés, aí, eu contactei as gurias no meu

Face, né “e aí, fulana, entrou?” “Não”. Aí, aquilo gerou tumulto, né? Nenhuma de nós entrou. O menino entrou. O menino, ele foi só como figura decorativa, porque ele chegou...quando ele chegou com o papel... porque ele chegou e ainda deu a frente para uma que chegou atrasada. Eu digo assim! se ele deu frente é porque ele sabe que ele tá dentro”. Aí, desde aí que eu digo assim “não, não quero mais nada dentro do Instituto de Letras”, aí , um dia, eu saí ali do RU e passei na química, ai, adorei aquilo ali, eu comecei...e quando apareceu a oportunidade, eu me inscrevi e deu certo. Trabalhei um bom tempo no Pibid daqui da química, trabalhando com o meio ambiente, muito bom, muito bom porque assim, ó, visitamos os lixões, visitamos as reciclagens, tá, a gente viu o processo, como acontecia de perto, tá , então assim...trabalhamos nas zonas, nas áreas de pertencimento, trabalhamos com as questões de drogas, trabalhamos com a horta comunitária unitária, coma possibilidade de uma horta comunitária nos lugares de foco de drogadição fosse maior. Então assim, ó...

Participante 4 – Imagina que oportunidade de vivência que se tu tivesses continuado aqui, tu não tinha tido, né?

Pesquisadora – Gurias, vocês sabem que aqui na universidade tem a Acolhida Cidadã, que tem o objetivo de acolher os novos alunos por meio de atividades inclusivas. Vocês acham, com base nas vivências de vocês dentro da universidade, que seriam necessárias ações inclusivas mais direcionadas para o público mais maduro?

Participante 5 - Eu acho que deveria, deveria ter algo direcionado para o público mais maduro.

Participante 4 - Eu acho que não, eu acho que não. Eu acho que não porque isso marca ainda a diferença, e não te coloca na... assim como, assim como eu acho, esse é um pensamento que eu tenho para as questões sociais de modo geral, né, salvo algumas situações assim, né. Os indígenas até acho uma situação um pouco mais diferenciada, porque eles têm problema da língua, da cultura, né, muito diferente, mas, por exemplo, não sou muito a favor de cotas sociais porque eu acho que coloca as pessoas em situação de diferença, sei que tem as vantagens que tem, algumas, né, não nego as vantagens que tem, não sei qual seria a solução melhor para essa questão, né, mas eu acho que essas coisas sempre marcam mais assim, então, por exemplo, se eu estou entrando, né, me imaginando assim quando eu entrei na graduação, depois de tantos anos, enfim, aquela situação toda, se eu ainda fosse chamada ou acolhida de uma forma diferente dos demais eu acho que a coisa ia ficar ainda mais gritante e ia colaborar mais ainda com separatismo, entende? Eu acho que tem que ser uma ação não em função da idade, em função da acolhida mesmo e a acolhida nem sei muito bem tudo que funciona dentro da acolhida, mas eu acho que ela tem que ser global, não individualizada, porque é negro, porque

é velho, porque é não sei que, entende? Eu sei que a participação dentro da universidade depende do aluno, né? De estar inteirado. Tudo que acontece, das possibilidades, ou de ir buscar, como tu foste, né? Admiro isso, é uma barbaridade a pessoa correr atrás, buscar e ampliar o seu horizonte, não ficaria “é porque eu sou das Letras”, eu por exemplo, nunca me passou pela cabeça transitar por outras coisas, né, não sei se por falta de oportunidade ou de necessidade, ou de, enfim, nunca me ocorreu, mas eu admiro isso... Isso é uma coisa que eu dizia para os meus filhos “quando entrares na universidade vocês tem que se enfiar em tudo, tem que saber de tudo tem que tentar conseguir coisas lá por dentro”, enfim, mas até me perdi do que eu ia dizer (risos).

Pesquisadora – Das ações que a gente estava falando, das atividades...

Participante 4 – Ah, sim. Eu acho que algumas coisas assim, depende de divulgação. De divulgação, né? Porque mesmo, tá, é isso que eu queria dizer, mesmo que as participações dependem muito dos interessados também, mas às vezes eu acho que as coisas na universidade elas não são bem divulgadas, né? E então a gente não fica sabendo as possibilidades. Eu acho assim, que se de repente, eu ficasse sabendo alguma possibilidade, até que fosse relativo à idade eu talvez pudesse me interessar por aquilo. Agora, o que que eu acho da acolhida que eu gostaria de registrar assim, que é aquela ideia do papel do professor que a gente tem que se fortalece muito mais aqui por tudo que nos ensinam, né? O professor é o mágico em qualquer instituição do ensino, ele tem que ser o mágico, tem que ser o mágico, é papel dele, então eu acho que cabe essa integração ela, ela muitas vezes, ela depende dos professores porque nós duas aqui no caso, né, no caso, e tu também, nós encontramos situações assim do professor que acolhe maravilhosamente bem e do outro, não declaradamente, mas de alguma forma ele te exclui, né. Então, eu acho que isso tem que ser tratado no corpo docente, né.

Participante 5 - Acontece muitas coisas assim, que às vezes parece que é direcionado pra nós.

Participante 4 - É que, às vezes, vem bater com aquilo que tu estás sentido por dentro, né.

Participante 5 – Sim.

Participante 4 - Mas é isso, mas eu acho assim que esse acolhimento, ele tem que ser de forma geral, não diferenciado. É o que eu penso. Por que no momento que for diferenciado ele marca a diferença, né? Eu acho no momento que tu começa a definir as coisas fechadas e definição, por exemplo, para hoje em dia para dizer a palavra negro tem que ter cuidado. Se tu disseses, por exemplo, “bah, a coisa pra mim tá preta”, como eu costumava dizer, a vida inteira, “ah, tu tá sendo racista”, né? Então a coisa fica tão marcante que, eu acho que enfatiza e que fortalece mais ainda a questão racial, entendesse? Porque eu jamais tive constrangimento de dizer perto

de um negro, numa situação, nem nunca me passou isso pela cabeça porque não passava, né que se eu dissesse “a coisa tá preta” que eu estava sendo racista com alguém. Então, no momento que marcam isso, parece que marcam mais ainda não, tu é branco, tu não pode dizer preto”.

Participante 5 - As pessoas riem de mim e dizem que eu sou o avesso. Assim, ó, certas palavras não me tocam, sabe? Não me tocam, eu não eu não me sinto ofendida, eu digo a mesma coisa eu não me sinto ofendida se alguém vier me dizer assim “ô, macaca”. Eu não vou me sentir ofendida, até porque os primatas são muito inteligentes, talvez, mais inteligentes do que aqueles que tão fazendo esse discurso.

Pesquisadora- Mas, na maioria das vezes, a intenção é de ofender, agredir, desrespeitar...

Participante 4 – Por isso que eu digo que eu sou contra em certo sentido, né, eu sei que tem a questão social que tem, mas eu sou contra em certo sentido a essa coisa assim é a cota para isso, é cota pra aquilo, é o acolhimento do idoso é não sei o que, entendeu? O problema não é a cor da pessoa, se a pessoa é preta, se a pessoa é branca ou se a pessoa é amarela, o problema são as possibilidades sociais e econômicas das pessoas tem e no momento que separa marca mais. A questão do estudo, a questão social, isso aí de uma forma ampla, não era então foi para investir em melhores condições sociais para todo mundo, independente se é preto, se é branco? Pra que todos tivessem um bom estudo, porque no momento que tiver bom estudo, ninguém precisa de cota.

Participante 5 – Eu já passei por situações de racismo, mas eu não dou força para que isso continue. Assim, ó, eu vejo pela mídia né, eu vejo situações e aí a mídia começa e bate, bate, bate em cima, eu até acredito, mas assim, ó, o inimigo quanto mais força tu der pra ele, mais ele vai crescer .

Participante 4 - Essa guria tá dizendo o que eu penso...

Participante 5 - Na questão do racismo, eu penso racismo isso, não só do racismo. Tu quer ver uma coisa?

Participante 4 – E essa força é separar, dizer “porque tu é negro, tu vai ter essas cotas porque tá te dizendo tu é incapaz, tu tem que ter cota para entrar” tu tá entendendo? “tu é negro, tu não é capaz pelo estudo”, eu sei que no Brasil se junta a cor, as condições sociais. Eu sei que se junta isso, entendesse? Só que então, não vamos pensar em fazer cotas, vamos pensar em melhorar o estudo, pra todo mundo. No momento que tá fazendo cota, tu tá dizendo que o negro é menos capaz que o branco.

Participante 5 - Eu vivi essa questão, não cortando o assunto, mas estamos no mesmo patamar, eu vivi racismo dentro da minha casa, mas não racismo contra mim, no caso, a minha mãe e o meu pai não gostavam de brancos. Eu fui criada para não gostar de branco. Aí, minha mãe dizia “não, tu não vai casar com branco” “não casa com branco, a primeira coisa quando vocês brigarem, ele vai te chamar de nega suja”. Olha a mentalidade. Eu, bom, a minha educação do ensino fundamental foi em época de ditadura, né. Minha família era espírita. Olha só, às vezes, eu paro e penso „Meu Deus, graças a Deus, eu cheguei até aqui e cheguei bem”. A minha família era espírita e naquela época, as professoras pregavam muito a questão do catolicismo. Então, como as professoras sabiam até hoje eu me lembro do nome das professoras da Lizia Lawson, a Maria de Fátima e a Maria Rita, a Rita de Cássia, nem era Maria Rita, Rita de Cássia. Então, elas sabiam que eu era de uma família espírita. Todos os dias elas me chamavam para fazer oração. E eu não sabia orar. E aí o que que acontecia? Como eu não sabia orar eu ia para trás da porta, porque esse era o castigo e o resto dos 25, 30 alunos, todos rindo de mim. Então por isso, eu acho que por isso que eu não fiz tão forte. Então, uma pessoa me chamar de negra ou me chamar de macaca seja lá a forma como ela diz, tanto faz como tanto fez. Eu criei uma casca, porque eu comecei a vivenciar isso desde a infância, na minha casa, as minhas tias falando, meus pais falando, entendeu? Aí, o que que aconteceu? Eu comecei para não ir mais no castigo, eu comecei a frequentar a igreja, então eu fugia da minha mãe porque a minha mãe proibia até Bíblia, né, porque era espírita ferrenha, né?

Participante 4 – Levava o conflito pra dentro de casa.

Participante 5 - Proibia até a Bíblia e eu fugia da mãe e ia para igreja para aprender a rezar, tá, pra não ir pra atrás da porta.

Participante 4 - Visse como é que são as coisas? É isso aí...

Participante 5 – Então, assim ó, eu tenho uma bagagem muito ampla, espiritual (risos) porque assim, ó, eu sei rezar Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, eu sei de cor e salteado.

Participante 4 – Qual que tu escolhesse? Não brigasse com as duas? (risos)

Participante 5 – Não, não, assim, ó, eu não briguei. Não briguei porque assim, hoje obrigado pelas duas não é assim ó eu não briguei, eu não briguei.

Participante 4 - Às vezes, a pessoa, quando acontece isso briga com as duas, daí não quer mais saber de...

Participante 5 – Hoje, a minha religião é Deus. Eu não tenho uma religião fixa. Pra mim todas, mas todas são boas. Porque eu fiquei assim, ó... e as crises de choro, eu chorava muito quando

era menor, né, lá pelos meus 8, 9 anos eu chorava muito, eu vivia numa coisa assim porque eu achava que o mundo não era só aquilo.

Pesquisadora – Gurias, algumas considerações finais sobre as vivências de vocês no contexto acadêmico? Alguma coisa que vocês queiram acrescentar?

Participante 4 – Nada é estanque, como na vida, né? Não é só em questão da idade, né? Eu acho que não vai existir um ambiente ideal onde, né? não, não...haja divergências de opinião, de idades, de crenças, sei lá o que, né? O meu objetivo pessoal, foi...é, né, tanto que ainda tô, né? Foi muito positivo.

Participante 5 - Eu também. Eu vejo a universidade como algo positivo. Existem algumas situações que fogem, às vezes, do nosso controle, mas eu acho que é isso, eu acho que eu tenho muito para colaborar, entendeu? Ainda eu tenho muito assim, eu tenho um vigor muito grande, uma juventude muito grande dentro de mim e isso independe da idade. Eu acho que as pessoas, e nós mesmos, temos que começar a nos olhar com outros olhos, né? Saber que se pode contribuir e que toda forma é válida.

Participante 4 – O vigor espiritual, espiritual que eu digo assim no espírito, nessa coisa de projetar, de fazer, de ser possível ele existe sempre, né? O que acontece, às vezes, é um impedimento físico (risos). Eu muitas vezes já me sinto assim...hã..tu não tem mais o mesmo pique, eu já não tenho...eu não, não acho que as pessoas em geral não tem, né? Hoje, na situação de estudo que eu tô, do mestrado, por exemplo, a exigência, às vezes, ela ultrapassa um pouco das minhas capacidades físicas, até porque eu não faço só o curso, eu tenho a minha vivência pessoal, né, as outras coisas que eu faço, casa, cuidar de neto, enfim, aquela coisa toda, que eu faço porque sou vó, tenho colegas que fazem tem essas dificuldades porque tem marido, tem filho pequeno e, né? Mas, só que quanto tu é jovem tudo suporta, né? Bom, eu conto. Eu fiz a minha primeira graduação, eu fiz um curso noturno, trabalhava o dia inteiro e eu estudava na madrugada ou fim de semana, né, meus fins de semana eram...meu período de graduação foi assim, era quase como um mestrado, só existia para trabalhar comer e estudar, né. E passava uma madrugada acordada, “ah, não, vou recuperar no fim de semana” e recuperava. Hoje não, hoje eu passo uma meia madrugada acordada, no outro dia eu tô morta (risos). Então, o impedimento físico ele pesa, às vezes, né, mas a capacidade com certeza, o entusiasmo, se a gente tem, leva a gente aonde a gente quiser, né, não tem barreira. Aquilo que tu não sabe, tu vai aprender, claro que tu não vai aprender tudo que tu ouvisse, mas quanta coisa, o quanto o teu mundo se ampliou? O quanto o teu vocabulário, o teu mundo, as tuas relações sociais se ampliaram, do que se tu tivesses na tua vida, lá, só no particular, só naquele tradicional? Então,

nesse sentido assim, é uma valia que não dá pra mensurar. Eu tenho uma coisa engraçada que deve acontecer com algumas...toda, até hoje acontece assim, se eu tô num ambiente da universidade, eu sou vista como professora, não como estudante (risos), a pergunta vem clara “ah, dá aula de que? Trabalha na universidade?” “não, eu sou estudante”, aí a pessoa se surpreende, assim. A gente vai falando aqui e o assunto vai longe. Tudo tem os dois lados. Porque em aula, sempre tinha alguma coisa e os colegas diziam “quem sabe tu não sugeres se a gente pode fazer tal coisa ou não dá pra deixar essa aula pra outro dia”

Pesquisadora – É como se tu tivesses mais credibilidade pela tua idade.

Participante 4 – Mais credibilidade e mais acesso como professor, porque sempre tinha uma coisa assim, por exemplo, claro que eu sempre tive muito respeito pelos professores todos e tenho ainda hoje, eu sei em que lugar eu posso chamar o professor Vítor de guri por exemplo, e em que lugar eu vou ter que chamar ele de doutor, professor doutor, mas os colegas me usavam nesse sentido, assim, né, “vai tu, ele te respeita mais, tu tem mais acesso”.

Participante 5 – Sim, até porque, essas coisas eu também vivenciei. Como a gente é mais madura, as pessoas mais novas pensam que a gente tem...serve como um porta-voz (risos), ser porta-voz deles, que o professor, porque eles não tem...geralmente eles chegam assim “bah, eu dormi, eu fui pra festa”, ou não sei o que e aí, vai chegar e pedir pro professor adiar um trabalho? Mas, se for uma outra pessoa, no caso, da minha idade, sabe que eu não fui pra festa, quanto muito eu fiquei em casa embalando um neto, então por isso que eles fazem da gente, porta-voz, né.

Participante 6– sexo feminino

Ingresso na universidade em 2011, com 42 anos, no curso de Letras Português

Pesquisadora- Começando mais uma entrevista, primeiro agradeço a sua presença.

Participante 6 – Eu que te agradeço, Zari.

Pesquisadora- O que te motivou a retomar os estudos, no caso, na maturidade?

Participante 6 – É, na verdade, eu nunca parei. Como eu vi que não ia me formar em Jornalismo, o mais próximo que tinha aqui na universidade, Letras, porque era o que tinha a ver... revisão e tal e como eu já trabalhava nessa área, eu também eu achei que isso ia me dar mais suporte.

Pesquisadora- Então, tu nunca paraste?

Participante 6 – Não. Eu fiz em 96, se eu não me engano, o vestibular lá pra Católica²⁵, de Jornalismo, que era o curso que eu queria, meu curso escolhido. Chegou no final do primeiro ano, faltou dinheiro para continuar, né... aí eu parei. E aí eu comecei...acho que foi o tempo que eu fiquei mais parada e aí, tá, eu sempre com a ideia que eu ia voltar, até porque a dívida não era tão...porque ficou uma dívida que eu tinha que pagar, aquela coisa toda, né, e depois retornar. Nesse período, em 99 saiu aqui, aí eu fui ser voluntária. Toda a história tu quer que conte?

Pesquisadora- Fica à vontade...

Participante 6 – Não, aí eu senti a necessidade, como era uma casa de criança e eu não tinha, eu sempre gostei do entendimento científico da coisa, né, não queria ficar só com...e as pessoas “ah, é mãe” e é isso é aquilo, não, mas de repente tem um problema, se a criança tem um *stress* de tá ali, aí eu procurei...nesse período que eu procurei, uma colega me falou que a universidade ia abrir uns cursos sequenciais na época, tu podia pegar qualquer área do saber e juntar, sabe, então tá, aí eu fiz e disse assim “depois eu vou fazer pro Jornalismo, aí nesse período, por eu tá estudando aqui, consegui, num jornal daqui eu consegui um estágio, né, que eu era estudante e lá no estágio, um rapaz de lá me disse: “ah, mas então faz na parte das artes, não sei o que, tu vai eliminar lá na Católica quando tu voltar”. E aí eu fiz, entendesse? Era 99, 2000 já e assim foi, e aí apareceu curso, uma coisa e outra, aí nem que fosse pra me atualizar nos *words*, lá no Senac, tu entendesses? Então foi sempre assim. Aí em 96 eu fui pra Ulbra fazer.... como eu tava num jornal aqui já considerado o melhor, eu não ia ter...já tava no topo, então o que que eu vou fazer? Vou ter que me especializar, agora vou ter que fazer, vou ter que me formar, achar um caminho, aí eu já tinha pago a dívida, saudada e tal..., mas foi um semestre, foi outro e lá na Católica foi muito. .eu já tava com ranço talvez, né? Mas enfim, passava um semestre eu não conseguia me acertar com eles pra voltar e aí, sabe de uma coisa? Eu não quero mais, fui lá, tirei toda a papelada, ah, em seguidinha deram um jeito pra eu voltar e eu disse “não, agora eu não quero” e aí eu gostei da Ulbra de Canoas e fui pra lá, fiz o vestibular, mas aí eu disse eu não vou fazer de novo Jornalismo porque eu não rodei, né? E aí eu fiz pra Tecnologia da Fotografia e fui embora pra Canoas pra fazer lá.

Pesquisadora- Concluiu esse?

Participante 6 – Não, tava no final, não consegui concluir. Pedi, a diferença já começou aí, isso aí tem que ficar, a diferença que os professores lá são muito mais humanos, entendesse?

²⁵ Referência a outra universidade.

Na Católica, por exemplo, tu falava “tô com um problema...ah, não sei, isso aí não sei o que é né, lá não, os professores procuram te resolver tudo, todos os teu problemas, aí tinha um professor, que era o coordenador do curso de Fotografia, que é na mesma área da comunicação, né, então tinha o outro que era do Jornalismo; “professor, eu vou, o senhor me devolve, porque tu manda por protocolo pra ter aproveitamento, né, das disciplinas porque eu vou entrar no Jornalismo. Quando já tava findando que eu vi que não ia conseguir eu disse não, então eu vou fazer Jornalismo que é pra não ficar... transferi, né, por que a parte da fotografia eu já tinha feito e já tinha feito aqui também com a Tetê, então essa parte pra mim tava tranquila, em relação ao Jornalismo eu não ia precisar do resto, né? E aí ele disse, ah, não dá porque essas coisas são feitas via protocolo, aquelas coisas, e aí, cada vez que tu envia, não é que nem aqui, era vinte reais na época, e aí tá eu disse “professor, manda porque eu preciso mandar e aí fui mais um semestre também e ele enrolando e aí “bah, como é que eu vou falar pra ele?” E aí no final, eu já tinha desistido de ficar lá e pedi pra ele os documentos “professor, eu preciso que o senhor bote lá no protocolo porquê...” e ele chegou e disse “o que que tu quer, gurria? Eu disse são os documentos que eu quero, eu já lhe pedi desde o começo do semestre e ele disse “eu já mandei pro Flor, que era o coordenador do Jornalismo, porque aí eu já não queria mais, eu já vinha embora, porque tava quase passando fome, aí eu disse “mas, professor...” e ele disse “tu não queria pra dar pro ...pra mandar? Por que que tu vais pagar mais vinte reais lá no protocolo? Já passei aqui por dentro se eu vejo ele todos os dias”. Isso aí eu achei demais, sabe? Da parte deles, assim, então são muito legais mesmo, muito bacana. Tá, aí depois eu vim pra cá, tava trabalhando, aquela coisa toda e eu disse “bom, então agora, vai ser outra coisa, pelo menos eu já tô na área, eles querem certificado, o sindicato quer certificado, vai ser certificado, nem que seja das Letras e aí, tá foi por isso que eu fiz, só que aí tá, claro, terminou e aí por causa do vínculo que eu já tava na Sead, e tal, essa coisa toda, aí eu acabei fazendo Biblioteconomia, entendesse? Então, uma coisa juntou na outra.

Pesquisadora – Nesse período que tu fez o curso de Letras, tu te sentiu acolhida pelos colegas e pelos docentes também?

Participante 6– Olha..é....como é que eu vou te dizer, assim, eu achava a turma meia fria no geral, assim, eu achava que acolhido ali, ninguém era, eles tavam ali tudo junto e se fez necessário se conversar, né, afinal, somos adultos, aquela coisa assim. No início, eu sinceramente, achei muito interessante, assim a harmonia da turma, digamos assim, né? (risos) e os professores achei legal, só senti falta assim, de um professor, de um coordenador, eu sempre digo, aqui, no geral, de chegar assim e dizer “olha, vocês agora estão numa

universidade, vocês não tem mais aquela coisa do professor, vocês tem que vir atrás, isso eu acho que é muito importante ser falado, porque tem uns que pra ligar, tem que falar.

Pesquisadora – Eu lembro que um ou outro dizia.

Participante 6 – Eu acho que isso tem eu explicar no início, quando dão as boas vindas “olha, nós estamos aqui, e aí já explicar agora vocês tem que ir atrás, vocês tem uma baita biblioteca, vão, os professores, às vezes não dá tempo de dar o livro inteiro e dá o autor, vocês vão lá e busque, sabe eu acho que faltou isso aí.

Pesquisadora – E nos ambientes acadêmicos, em relação aos colegas, tu te sentias bem aceita, inclusa?

Participante 6 – Não tive problema, assim, né, do meu ponto de vista, não nunca tive problema assim. É que o foco, o objetivo, eu tinha o meu objetivo, então eu não tenho tempo, não fico de “mimimi”, nem pra ficar perdendo tempo com essas coisas, entendesse? Que ali, porque aquilo ali é um período, entendesse? O teu foco tá em ...

Pesquisadora – Nesse período, tu fez bastante amizades com pessoas mais jovens?

Participante 6 – Ah, sim, até hoje tem colegas que continuam e outros que nem eram da nossa turma entendeu? Quanto a isso, não tive problema assim...

Pesquisadora – Tu te identificavas com esses colegas, na turma?

Participante 6 – Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu sempre...eu nunca fui de panelinha, sempre transitei bem nos grupos não só na universidade, eu sou assim (risos) e aí, aquela coisa assim, trabalho em grupo, sabe, é muito natural eu já olhar pro lado pra vem que tá e vamos fazer? vamos fazer, entendes? Normal, com aqueles que tão na volta, não tenho problema assim, com exceção, talvez de um ou outro momento que assim, acontece (risos) as pessoas são diferentes, mas, enfim dizer assim que teve. Claro, a gente via que tinha panelinha, até porque, às vezes tu vai te virar e a pessoa já tá lá, claro, tu não vai ficar naquele grupo, né, mas não de panelinha assim, não, então tem essa coisa assim.

Pesquisadora – Tu achas que essas nossas vivências, no sentido de a gente ter mais maturidade pela idade, foram positivas, principalmente com os mais jovens?

Participante 6 – Eu acho que sim, eu acho que sim, porque tem muita coisa assim, que dava até vontade de rir, entendesse? Porque tu vê que não te afetava (risos) são coisas que, às vezes, meu Deus, claro, talvez se tu fosse mais nova, tu talvez pensasse assim, são coisas que...outros colegas, as atitudes que eles tinham, que eram absurdas, que o pessoal até criticava “ai, que horror”, mas eu acho que eu entendo porque eu penso “não, mas se eu tivesse ali, eu também faria isso, entende? Então, a gente entende que nem tudo é daquele jeito, são coisas assim que,

tu compreendes mais, eu acho, né, mas a pessoa também vai aprender, vai chegar um ponto que vai conseguir.

Pesquisadora – Tu te consideras madura?

Participante 46 – Acho que sim. Não, a gente tá sempre aprendendo, né? Não é uma coisa assim, que domine o assunto vida (risos), mas, a gente tenta, né, assim tá dentro do esquema (risos)

Pesquisadora – Porque não adianta, quanto mais idade a gente tem, mais vivência também vai ter.

Participante 6 – É que tu perguntou se eu me acho madura e lá em casa tá todo mundo sempre rindo de tudo, entendeu? Aí diz “ah, não vai levar a sério isso aí”, aí tu me perguntou e eu “é”.

Pesquisadora – Não, madura não a ver com seriedade, mas saber processar melhor uma situação, saber discernir mais, porque, às vezes, quando a gente é jovem, a gente é muito impetuoso, sabe, vai muito na “pá”. Eles vão muito no impulso e a gente sabe ponderar mais, sabe pesar mais, sabe olhar uma situação com outros olhos.

Participante 6 – Não, com certeza, e acredito, também, Zari, que até a criação foi diferente e isso aí também ajuda porque, sabe...é diferente, a gente escutava mais, pelo menos meu pai tava sempre dando informação, mesmo que na hora a gente não fizesse, como eu te digo, naquela idade não, mas essas coisas agora a gente já pondera mais. Ah, não, nesse sentido, sim.

Pesquisadora – Tu sabes que a universidade, já faz tempo, promove algumas ações inclusivas, até porque tem essas situações de preconceito com o índio, com o negro, com o homossexual, então tem coisas bem pontuais aqui, para esses grupos, até tem gente que acha que não deveria ter, porque quando tu determina um grupo, tu acaba excluindo ele do todo. Tu tá pegando aquele grupo e tirando do todo, então é bem complicado, mas também a gente pensa que se não tiver essas ações, eles não conseguem se incluir no todo, então, pra mim, é uma faca de dois gumes. Eu fico pensando, né? É que nem essa questão das cotas, né? às vezes, eu sou a favor, às vezes não. Eu sou a favor porque a maioria dos pobres são negros, não tiveram a mesma condição de estudo que algumas pessoas brancas, mas, ao mesmo tempo eu digo, “mas por quê? O cérebro do negro é diferente do cérebro branco? não, né? Eu acredito que o ideal seria uma cota para ensino público, eu acho que aí igualava. Então, nesse sentido, tu achas que essas ações que já tem, englobam todos os tipos de pessoas, inclusive, as pessoas que entram com mais idade na Furg, depois de muitos anos sem estudar ou tu acha que, de repente poderia ter uma ação inclusiva mais direcionada para esse público, mas sem que excluíssem eles? Até porque, cada vez mais a Furg tem pessoas com mais idade, que entram e ficam “boiando”.

Participante 6 – É, poderia, de uma forma geral, assim, pra quem quiser, né e aí, claro, quem se identificar com aquela situação vai, aí, claro, né, pra não excluir mais ainda. Mas eles têm, o SIB da biblioteca, inclusive é pra todo mundo, que é de informática, tem um período que é quase para o pessoal da terceira idade, assim, entendesse, então, mas nem todos vão. A minha professora fica brava “depois, porque lá tem, né, depois vão pra sala de aula quase sem saber tocar num computador” e é complicado, mas isso não é só pessoa da terceira idade, tem outros que ...eu fiz, quando tem curso de *informática* eu gosto porque eu tenho muito problema com *excell* e se tu não trabalha com *excell*, tu esquece, né e aí eu sempre que tem alguma coisa eu sempre quero por causa do *excell* sempre, sempre e é bom. O detalhe é assim, uma questão de cultura, né. E o detalhe também e a chamada que vão fazer, sabe. O tipo de chamada e onde vão colocar e se esse público vai olhar, né, porque, às vezes as pessoas dizem “aí, tá lá no *site*”, então assim, mas onde é que tu vai encontrar essas pessoas? Às vezes, não é no *site*, então eu acho que tem isso aí também, tem que ver onde. Acolhida cidadã “venha para a acolhida cidadã”, às vezes, as pessoas não vão porque não sabem o que é, afinal, vou participar, eu vou ouvir, eu vou falar, então eu meio que, entende, acho que tem que ser mais explicadinho, tem coisas que falta um pouquinho de ...mas eu acho isso, acho que seria interessante.

Pesquisadora – Tu tens algum comentário, sugestão ou crítica a respeito da tua jornada acadêmica, direcionando mais para questão da tua idade?

Participante 6– Em relação a idade, eu nunca me senti...até pras festas, né? Entende? Era aquela coisa assim, não tive problemas assim, que eu me sentisse ou percebesse, não. Vou te contar um fato, então agora, mas nada a ver com essa jornada. Esses dias eu tava falando lá em casa com minha sobrinha, agora ela tá grande, mas quando eu fui pra Ulbra, eu trinta e poucos anos, já e aí, nós caminhando ele sempre foi muito verdadeiro, muito direto em tudo, aí nós ia não o que e ele vinha e ele perguntando porque que eu tinha que ir e aí ele disse assim “tu sabes que vai ser a única, ne? E eu a única o que? Que vou sair, vocês não vão comigo, é isso? E ele pegou e disse „não, com a tua idade lá” como a gente riu, ele sempre direto coisa, mas uma criança já tinha na cabeça aquela coisa” ah, mas olha a tua idade”, sabe (risos), mas aqui não, na universidade não teve esse problema.

Participante 7 – sexo masculino

Ingresso na universidade em 2010, com 43 anos, no curso Letras Português - Francês. Em 2012, trocou para o Português puro.

Participante 8 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2012, com 42 anos no curso Letras/Português

Pesquisadora - Vamos dar andamento à mais uma parte da pesquisa. Primeiramente, obrigada pela presença de vocês. O que motivou vocês a retomarem?

Participante 7 - Bem, eu entrei na Furg mais ou menos com 42 para 43 anos, tá.. Eu sempre tive vontade de fazer o curso de Letras ou Geografia ou História, há...como esses cursos, o curso de História era tarde eu fiquei ...eu tirei isso para escanteio...há ...fiquei dúvida entre Geografia e Letras, né, aí eu pensei...há...eu entrei no Letras/Francês porque era mais fácil de entrar, tá, e eu queria entrar para cursar o curso de Letras. Eu tinha vontade de realmente entrar no Francês, depois pedi para trocar de curso para o Português puro e, graças a Deus, eu consegui isso. Mas eu sempre gostei de português, eu enquanto estudante, eu vi os professores fazendo aquelas análises sintáticas no quadro, eu achava aquilo muito interessante e gostava. Foi o que me levou para fazer Letras, claro, eu já fiz alguns vestibulares, não tinha conseguido aprovação e depois eu tinha desistido, passei 2,3 anos sem que fazer, aí eu fiz no ano de 2010, quando tinha meio Enem, meio vestibular fiz só por fazer, fiz tudo no chute mesmo, literalmente. Aí, consegui aprovação no Francês e começou essa trajetória que eu já falei entrei no Francês e passei pra troca de curso. A vontade era fazer o curso de Letras, tá, eu tava destinado a isso, o curso de Letras mesmo.

Participante 8 - Bom, eu ingressei na universidade em 2012, mas antes de ingressar em 2012 eu fiz dois anos de cursinho pré-vestibular aqui pela universidade, o Máximus, lá no colégio Silva Paes, mas antes de fazer o cursinho, que no caso seria pré-Enem, na época, a gente falava pré-vestibular, mas depois começou a usar a palavra pré-Enem e aí, mas antes disso tudo, ela porque a gente falava para vestibular mas depois começou a usar vestibular disso tudo, eu tenho dois filhos, um casal e vendo a necessidade de instrução dos meninos para fazer o auxílio, né nos temas, nas redações “mãe, como é que eu”, aquele negócio...porque em casa, naquele tempo, ainda não tinha internet, financeiramente, pra mim, era inviável a internet. E aí, vai pesquisar onde? Ah, vai pesquisar na *lan house*, geralmente era assim que fazia, né, e aí os guris “ah, mãe, eu não sei tal palavra, como é que se faz, como é que pesquisa, como é que vê, como é que escreve?”. Eu digo, aí, eu já tinha feito o segundo grau há muitos anos e tinha terminado o segundo grau normal, assim. Fiz técnico em contabilidade

Participante 7 – Eu também fiz.

Participante 8 - E aí, eu disse “poxa,” né? Vendo a necessidade de auxiliar os guris na própria atividade da escola, eu me senti emburrecida porque parecia assim que eu tava dentro de casa,

eu trabalho todo dia normalmente, tenho um serviço da atividade durante o dia, mas eu me senti assim, deslocada, fora da escola, daquelas atividades e vendo essa necessidade foi que eu disse “onde eu tenho mais dificuldade é na escrita” eu sou totalmente....eu fiz vestibular eu fiz pra ciências contábeis, como eu tinha formado em técnica contábil, eu zerei a redação. A minha decepção foi muito grande, isso nos anos 90.

Participante 7 - Eu também lembro disso. Antes de entrar no curso de Letras, eu não sabia diferenciar o “mais” do “mas”, não é? Pra mim, era “mais” sempre, ‘não, não existia o “mas”, tá, foi uma das coisas que, assim.... eu entrei também no curso assim...eu não sabia nada, eu não sabia escrever, tá, eu não sabia, eu não conseguia escrever. O curso me proporcionou hoje, não vou dizer que sou um expert, mas eu consigo articular a escrita.

Participante 8 – Exato. A mesma na minha atuação. Eu falar, até a gente se defende na fala, mas na escrita...ela era totalmente...lá sabia eu o que era introdução, o que era... nada... eu digo “ai, tô fazendo uma salada de fruta, mesmo” minhas escritas, realmente, eram horríveis. Aí, quando a gente na universidade, a gente entra com aquela expectativa assim que, claro, né, por ser mais velho a gente acha que... a gente tem uma bagagem de vida que é diferente estar dentro da universidade e o choque também é muito grande quando a gente se depara com alunos que acabaram de sair do ensino médio. Eles são muito inteligentes esses meninos.

Pesquisadora – Muito atualizados.

Participante 8 – Não que a gente não seja inteligente, jamais, eu sempre penso “a gente tem mais dificuldade, tem muito mais experiência em coisas que ainda lhes faltam”. Eles têm inteligência pela própria...eles se apropriam do ensino médio, saíram fresquinhos da sala de aula e a gente ficou esse tempo afastado, né, e fica com aquele choque.

Participante 7 – Eu não tive esse problema quando entrei.

Participante 8 – Eu tive.

Participante 7 - Eu peguei uma turma muito boa, de gurizada nova e também, assim, com idades que combinavam com a minha.

Pesquisadora – Eu já ia falar sobre isso. Como foi a recepção de vocês, tanto pelos colegas, quanto pelos professores?

Participante 8 - Olha, quando eu entrei em 2012, pra mim, aquilo foi assim, fascinante, né? 2010, foi fascinante assim. Eu lembro que a primeira aula foi de produção textual com a professora Edna, ela começou a explicar e eu fascinado pela universidade, me perdi, não sabia caminhar aqui dentro, né. Claro, a minha turma tudo gente nova, a maioria, mas assim, já no primeiro dia tivemos interação, ali tinha pessoas que regulavam comigo, né, mas a grande

maioria jovens, bem jovens, mas não teve problema nenhum, a gente fez grupos de estudo, nos reuníamos finais de semana, temos uma amizade até hoje...então assim, foi super tranquilo, eu não senti deslocado em nenhum momento.

Participante 8 – Não que eu tenha me sentido deslocada, eu nunca me senti deslocada dentro da universidade, até porque eu vim tão feliz quando eu vim fazer a matrícula, que no dia anterior, precisava fazer a foto 3 por 4 e eu não tinha nenhum, a minha foto 3 por 4 guardada e eu tirei foto. A minha foto pra universidade parece uma foto de aniversário assim, é uma foto com um sorriso de boca à boca, de orelha à orelha de, tão feliz que eu tava de saber que eu tinha ingressado na universidade, eu passei décimo sexto lugar, a minha redação foi mais de... quase 800

Participante 7 - No meu caso foi pior, no Francês, agora eu não sei como tá isso, mas eram 25 vagas, eu fiquei no 27, quer dizer, eu ainda digo assim, eu entrei pela porta dos fundos, mas saí pela frente. Eu tive tanta sorte de dois desistirem e eu consegui a vaga.

Participante 8 – Pro puro eram 50.

Pesquisadora – Quando eu entrei, também era.

Participante 8 – Eu entrei na décima sexta, eu entrei na primeira chamada e aí, a nossa turma era uma turma do Everton, né, e era uma turma já bem...

Participante 7 - A turma de vocês era boa.

Participante 8 - E aí segundo dia de aula foi aula com a Cleunice e vocês estavam na aula da Cleunice, né e aí eu lembro aquela mistura de alunos, mas uma mistura boa. Nós não tínhamos muitos alunos mais novos.

Participante 7 – Eu lembro, vocês se reuniam, faziam churrasco...

Participante 8 - É, a nossa peneira mesmo foi depois do segundo semestre eu conheço gente que a gente se conheceu no primeiro semestre ainda me cumprimentam, né? Pessoas que a gente ingressou, entrou na universidade. Como eu entrei no primeiro semestre, primeiro semestre não, primeira chamada, a Bianca é uma que vem depois, porque foram desistindo e foram chamando a Rosaura, a Bianca, a Carol foram ingressando depois mas, a turma toda mais ou menos numa idade muito boa, muito boa. Eu digo assim, em relação aos mais novos que eu encontrei com o Marco, o Marco tem a idade da minha filha, né, o Marco tem 23 hoje. Ele saiu do ensino médio e entrou na universidade, de uma inteligência espetacular, espetacular, mas é um cara pra dentro, muito tímido. Eu lembro dele assim. ah, foi a primeira pessoa com quem eu falei, a segunda pessoa, a primeira foi a Margareth, chegou em mim e disse "ah, que bom a Universidade", trocamos uma ideia no corredor e o Marco tava parado perto da porta assim,

ela me chamou assim e disse “tu visse aquele rapazinho, ele é bem novinho, né?”, a aparência física dele né, e eu disse “ah, deve recém ter saído do ensino médio” e justamente, tinha acabado de sair do colégio, e ele sentou do outro lado da sala, perto do Everton, e eu olhei pra ele e disse “ah, tu tá tão sozinho, senta perto da gente aqui”. Aí depois, nós fomos fazendo os trabalhos juntos, nós ficamos os três “emes”, eu sempre mexo com ele, a Margarete, o Marco e eu (Maristela). E ficamos amigos, eles frequentavam a minha casa, A Margarete até hoje. E ele é meu amigo mesmo, a gente tem uma relação assim, bem legal e a idade...eu digo assim pra ele “ai, Marco, tu gosta de pessoa mais velha” e ele diz “eu acho que é maturidade... me ajuda muito”, diz ele. Eu digo, a minha graduação, grande parte da minha graduação, eu devo ao Marco, pelo sentido de que ele tava sempre me puxando e ele é uma pessoa assim ele dá uma aula super bem, ele explicava... “Maristela, vem, tu tem que ir”. A Maria, no grupo dela, ele que me apresentou e me levou pra trabalhar, eu fui como voluntária nos projetos extensão e ele tu precisa de, tu precisa de...como é? “Tu precisa de horas, tu precisa treinar”. Eu saía do trabalho e queria... e ele “vamos, vamos tem que ir “. Eu me lembro de uma vez, acho que vocês não tavam em aula, teve aula com a Maria e ele inventou de fazer dupla da leitura de um livro, nós fazíamos dupla na leitura de um livro e ele inventou de botar uma música e disse que aquela música eu ia entrar dançando na sala de aula (risos). E aí nesse sentido da inclusão em relação aos colegas eu percebi alguns, eles têm assim um... meio que distanciamento em relação a gente porque a gente é mais velho, mas não percebi isso com o Marco especificamente, especificamente com o Marco não. Me dou com muita gente, mas a gente sempre prefere trocar uma ideia melhor com os da nossa idade, né? E a gente tinha, tô com essa peste aí até hoje, né (risos) (referência ao colega). O Gílson, a gente se conheceu durante a graduação.

Participante 7 – Eu conheci essa “coisa” e começamos a se entender, tá, começamos a estudar, fazer trabalhos juntos. Tu lembra quando nós fomos junto com a Richele, lá pro meu trabalho a tarde, num sábado, fazer um trabalho de que?

Participante 8 – Morfo. Porque tínhamos prova.

Participante 7 – A morfo me tirou o sono, assim, né... por uns dois anos.

Participante 8 – E passamos, graças a Deus. É o apoio, né, a gente precisa desse apoio. Às vezes, o colega tem uma percepção e consegue pescar melhor aquele conteúdo, né. Quando a gente tá fazendo trabalho em grupo, dá uns arranca rabo, né, aquelas coisas de quando a gente vai apresentar um trabalho lá na frente, 3, 4, 5 colegas fazendo, 2 fizeram o trabalho e 1 apresenta, um não quer, o outro se escora o outro não entrega... mas tem essa situação também,

por isso que, às vezes, a gente consegue se juntar com quem a gente, mais ou menos, trabalha junto, estuda junto.

Pesquisadora – Então, em nenhum momento vocês se sentiram excluídos?

Participante 7 – Nenhum momento.

Participante 8 – Nunca. Ao contrário, às vezes, eu que excluía (risos). A pessoa vim se escorar? Ah, não...teve colegas de anos que entraram depois da gente, que colavam.

Participante 7 – Não, eu vou dizer assim, teve colegas que eu gostava muito e por “N” motivos, não conseguia fazer e eu fazia, não me importava de colocar o nome.

Participante 8 – Não, eu digo assim... teve duas meninas que a gente se incomodou durante apresentação de trabalho com a Maria. Porque tu sabe como é a Maria, ela é exigente, é, e por conhecer a Maria, por estar trabalhando com ela nos projetos, trabalhava com ela, com a Márcia trabalhava, com Marco, trabalhava com outras gurias lá, vem aquele pessoal que entrou depois da gente 2, 3 anos depois e cola, só cola no sentido de que fizeram um *control C*, dum trabalho não sei de quem e mandaram. Aí, aquilo tudo mal formatado, mal-feito, chega na hora da apresentação, a guria, a gente tinha que falar sobre uma figura, acho até que era Michelangelo assim e a guria não falou coisa com coisa, na hora deu uma raiva.

Participante 7 – É suado a coisa, a gente chora, a gente se diverte, fizemos amizades, chora por cada nota...

Participante 8 - A única a única coisa que eu não muito chata mesmo é esse negócio da pessoa colar pra se aproveitar. Isso sim.

Participante 7 – Como assim, colar pra se aproveitar?

Participante 8 – No sentido que eu tava falando do trabalho da Maria, a pessoa some, não apresenta Pô, reunir na casa do colega no final de semana e a pessoa não pode aparecer? A gente também tem família, a gente também tem outras coisas pra fazer. Eu vou te dizer que esse foi o meu maior stress dentro da universidade: os trabalhos em grupo. Fazer trabalho em dupla na sala de aula, pra mim então, eu não tenho queixa de mais nada a pessoa não pode aparecer? Eu dou opinião não vale nada trabalho em grupo fazer trabalho em dupla de sala de aula para mim era tranquilo, a aula dos professores era tranquila.

Participante 7 – Eu lembro assim, eu fiz dois anos de francês. No primeiro ano aqui dentro, numa sexta-feira, nós soltamos as dez e meia e fomos fazer um trabalho de Francês na casa de uma colega que morava no Senandes, né, saímos de lá três da manhã, mas aprendi o Francês, mesmo não querendo o Francês. Se eu pegar um texto em Francês, eu consigo decifrar bastante coisa, quase todo texto, até então. A oralidade péssima, mas a escrita boa.

Participante 8 – Visse isso? Tem essas coisas boas. Pra mim, a única coisa, dentro da universidade, de ruim, era esses trabalhos em grupo, de certos grupos, não vou dizer todos eles, né.

Pesquisadora – Vocês se consideram maduros?

Participante 7 – Hoje eu me considero.

Participante 8 – Eu não sei. Eu acho que tem coisas, assim, que a gente pensa que sabe muito. Academicamente, eu me sinto melhorada, não madura, melhorada. Tudo o que eu pensei que eu queria, antes de entrar pra universidade, aqui dentro eu realizei. Eu aprendi coisas que eu jamais imaginei. hoje para eu digo...ah, quando falavam, as aulas do Ricardo mesmo, pra mim quando eu assisti parecia que ele tava falando grego e aquilo internalizou porque por mais que...

Participante 7 – O Ricardo internaliza. Eu lembro no meu estágio que eu fui – fazer, tá eu fui lá e a professora... aí ela, a professora “Gilson tu podes trabalhar”, aí não sei certo o conteúdo agora...que era um outro conteúdo que não tava no meu planejamento, daí, o que que eu fiz? Eu lembrei das aulas do Ricardo, da maneira que ele fazia aquilo ali fluiu bem, né, foi aonde eu consegui aprender morfo. Foi com Ricardo, assim como eu consegui com a Talita aprender Linguística 3.

Participante 8 – Por isso, a troca com os colegas é tão importante. Pra mim, essa troca foi de uma valia tão grande, tão grande que tu me perguntaste se eu estou madura, não muro cai. Maduro, pra mim, tá maduro, cai.

Pesquisadora - Eu digo madura no sentido de, por a gente ter mais vivências, talvez, ser mais ponderada, a gente consegue pensar duas três vezes e ser menos impetuosa...

Participante 8 – Claro, nisso aí, eu concordo contigo.

Participante 7 – Mas eu acho assim, também. A universidade me amadureceu muito. Depois que eu entrei pra cá, abriu a minha mente.

Participante 8 – Eu concordo, pra mim também.

Participante 7 – Eu tinha amente muito fechada, então a universidade me fez amadurecer muito e é uma coisa que eu agradeço muito a academia aqui.

Participante 8 – Sim, eu também. Com relação aos jovens, alguns...eu acho até que vou me espichar um pouquinho com relação ao preconceito como os mais velhos. Alguns, eles fazem um paredão, né “tem idade da minha mãe”, né, “da minha tia”, né, aparentemente, a gente tem a idade, mas, ao mesmo tempo, a grande maioria nos acolhe, entende? Porque a gente tem essa experiência a mais.

Participante 7 - Eu conheço uma senhora, ela tem 70 e poucos anos hoje, ela se formou em 2007, parece que ela me falou e ela foi muito rejeitada pelos mais novos ela me falou eu conheci ela num Enem que eu trabalhei em 2017 ou 18 ela falou “Gilson (a gente é amigo até hoje, né), eu sofri muito lá dentro da universidade pelos mais jovens, mais novos, eu era descartada” e a pessoa assim, ó, super inteligente e uma aluna excelente que tirava dez nos trabalhos e no final do curso, os mais novos que não conseguiam acompanhar, pediam ajuda à ela.

Pesquisadora – Como vocês avaliam suas trajetórias acadêmicas, até o momento?

Participante 7 - Olha, tu sabes como é que é o meu jeito. Eu sou assim, extrovertido, comigo, se tu me virar cara, vai ficar virada...se tu tiver que falar comigo depois, eu falo, não tem problema, sem estresse, tá, mas assim eu fui muito bem atendido aqui na universidade em todos os setores aonde eu fui quando precisei de alguma coisa, o pessoal sempre me atendeu, me conseguiu tudo que eu queria, então, assim, eu não tenho nada para falar da universidade de negativo assim, de grande extremidade, foi tudo assim, fui muito bem acolhido. Essa aí é a palavra que fecha a minha trajetória aqui dentro.

Participante 8 - Eu também. Não tenho queixa alguma assim que eu recorde, alguma coisa pontual, assim como a gente tava falando sobre trabalho com os colegas, alguma coisa assim, mas, eu mesma, trabalhei nos períodos da tarde como voluntária com a Maria, depois dei aula para alunos de várias idades, sempre fui bem recebida a gente trabalhava em trabalho de grupo para fazer a montagem das aulas da Maria, foi super bem tranquilo, assim, se eu parar para pensar vou te ser bem sincera, o único stress dentro da universidade é a locomoção de vir para cá, transtorno do ônibus. É vir no ônibus e voltar. Tem noites que tu tem que sair correndo, tarde, frio, o ônibus não espera.

Participante 7 - É, no inverno é doloroso. Ainda mais aquele primeiro ano que tu chegas e não sabes.

Participante 8 - E tu não conhece...

Participante 7 - Eu lembro do meu...de mim que, a professora Roselia...

Participante 8 – E tu é meio caxias, no primeiro ano. Ela largava a gente, onze horas da noite...

Participante 7 - O último horário da universidade não funciona, dez e quinze tá todo mundo saindo, mas aquele primeiro ano, aqueles primeiros meses...ela aguentava a gente...vinte para as onze, quinze para as onze terminava a aula e o último ônibus era as onze e dez, então, no inverno, eu sofri muito porque ela soltou vinte para as onze, eu, eu tinha carro, mas aqueles primeiros meses até o meio do ano, eu peguei o inverno ainda, eu vinha de ônibus...hã, até mesmo pelo gasto, né.

Participante 8 – Tivemos uma noite, uma sexta-feira, eu, a Margarete e o Marco, de ficar plantados na parada em frente ao Instituto de Letras. O único stress, pra mim, dentro da universidade, foi esse, em relação ao transporte. Eu comi pela universidade todo tempo, restaurante, comida boa, tive transporte pago pela universidade. Então, tem “N” privilégios aqui dentro, professores assim “ah, professor, não entendi a disciplina”, “passa lá na sala que a gente dar uma conversada, eu dou uma explicada”, não entendi? “É burrice minha, dificuldade minha, não dele”.

Participante 7 - É, mas também é desnecessário rodar alguém por dois décimos, como eu já vi acontecer.

Participante 8 - Eu ainda vou te dizer assim, ó, a Talita é uma que faz prova valendo...contando décimos, né, numa questão, numa frase “ah, vale um décimo, dois décimos” e a gente não entendia, eu não entendi na época, aí eu disse “ah, pô, um décimo a pessoa não dá? “vai rodar por um décimo, dois décimos” “ah, depois a nota arredonda”, me dizia a Elisa, ela sempre me dizia isso, mas na correção da prova, eu não entendia que aquilo ali faz parte, né. O pessoal não vai te tirar um ponto por causa que tu errou uma vírgula, né, então tem que dividir aquele um ponto em décimos pra poder ... depois, mais tarde, tu angariar uma nota melhor. Todos eles, a grande maioria, a Elisa, a Talita, faziam prova assim... quem mais? A Dirce também já fez prova assim, então...eu gostava e continuo gostando mais da área da Literatura, né, eu sou muito mais..., mas, respondendo a questão, a minha trajetória na universidade foi tudo de bom...sem palavras pra tudo o que ela me propiciou de positivo.

Participante 7 - Eu lembro de uma situação. Eu lembro de uma prova que eu fiz com a Cleonice assim, que eu não e ela deu uma aula tão boa durante aquele período, do conteúdo que hoje eu não lembro de Literatura Ocidental, que eu ali eu fiz uma prova, eu escrevi, eu não sou de escrever muito, eu sou bem sucinto, mas aquela dela, assim ela dá uma aula tão esplêndida que tu não precisa estudar, eu sei que eu fiz, aquelas folhas almaço que davam, hoje não sei se continua assim, para as questões, eu escrevi dos dois lados e mais um pouco ainda e se deixasse eu escrevia mais, aí eu dei uma freada, só de aula dela, aquilo me marcou até hoje. Bom, voltando à pergunta inicial (risos), minha trajetória na universidade foi maravilhosa. Sofri muito (risos), mas preendi muito, me diverti muito, fiz muitas amizades, então, só tenho a agradecer.

Participante 9 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2012, aos 44 anos, no curso Letras Português - Espanhol

Participante 10 – sexo feminino

Ingresso na universidade, no ano de 2012, com 41 anos, no curso Letras Português (reingresso no mesmo curso, no ano de 2019, aos 48 anos.

Pesquisadora - Bom vamos começar mais uma entrevista, primeiro agradeço a presença de vocês. O que motivou vocês a retomarem os estudos?

Participante 9 – Bom, eu voltei a estudar porque eu já tinha o que...uns 40 e poucos anos e tava desempregada e eu lembro assim que o meu ex-namorado dizia “ah, é muito difícil tu conseguir trabalho porque não é formada em nada, não sei o que, não sei o que...”, então vou me formar, né? Foi por isso que eu voltei a estudar. Não, é que... (choro) passa um filme, né. Quando ele me falava assim, era tipo me humilhando, sabe, aí quando eu terminei minha faculdade, aliás, quando eu tava por terminar eu digo assim “que coisa, né, agora eu vou ter um diploma de graduação e tu não tem, né”. A ideia dessa criatura era me botar pra baixo e eu, já tô, agora, na minha segunda graduação.

Pesquisadora – Olha só, que legal!

Participante 10 – Eu, a princípio, foi por dinheiro, foi por dinheiro, mas não no sentido começar uma carreira de magistério que a gente sabe que tu tem que ter muito curso, muita coisa para chegar num nível bom, mas eu sou funcionária do Estado, eu sou servente de escola até hoje, então quando teve o governo do PT, do Olívio Dutra, ele...ele nos deu, deu para o Funcionalismo o plano de carreira e aí, eu sou servente de escola até hoje, então, eu não posso mudar de cargo por causa de estudo, mas eu posso melhorar meu nível. Então, a gente tem assim, o nível 1 é quem tem ensino fundamental, nível 2 quem tem ensino médio e nível 3 quem tem graduação e teria que ser uma graduação na área da licenciatura, na área da Educação, então eu fiz, a princípio, por causa disso, para aumentar 200 reais no meu básico, que é uma gratificação que eu carrego para minha aposentadoria Mas eu sempre tive a vontade de voltar porque eu parei de estudar com 10 anos, dez anos na quinta série e eu repeti 3 vezes, a minha mãe desvirtuando, naquela época não tinha essa toda essa burocracia de Conselho Tutelar, de manter a criança dentro da escola, então naquela época, em 1980, as crianças não estudavam mais. E aí, eu parei de estudar, tempo depois, conheci o Éderson, engravidei com 18 anos tive o Pablo, que hoje é meu colega de graduação também, a gente faz algumas cadeiras juntos e nesse meio tempo, foi quando eu tava grávida que eu fiz o concurso para o estado e aí, eu levei uns dois anos para ser chamada e a partir do momento que eu comecei a conviver dentro de uma escola aí vem o pessoal, né “porque tu tem que terminar, porque tu tem que terminar, tu

não pode ficar parada, tu tem que melhorar”, aí voltei, eu fiz o supletivo, mas, nessa época ainda não tinha plano de carreira mas, assim por insistência do próprio pessoal da escola, a secretária por acaso cursava Letras também, sempre o pessoal das Letras (risos), o pessoal de Letras não pode ver ninguém quieto. E aí ela, por insistência dela, eu fiz o supletivo no Agnela, na época, eu já tinha o Dudu com dois anos, eu fiz quinta e sexta num ano e sétima e oitava no outro. Tá, parei um tempo fiz...fui fazer contabilidade no Getúlio Vargas e aí eu engravidei da Carina. Aí, eu já não tava mais casada, eu tinha um namorado, engravidei e aí eu tive que abandonar de novo. E aí começou a dificuldade para eu seguir, que aí não tinha quem cuidasse e, às vezes... e aí nesse meio tempo, surgiu esse plano de carreira e eu fui fazer essas provas que na época era oferecida pela 18ª delegacia de ensino, aquelas provas do estado, então, eu não conseguia passar em matemática, em química e física e apareceu um cursinho vinculado ao Sesi que eu precisava frequentar e aí para deixar a Karina, todas as pessoas que eu deixava, ela estranhava, judiavam, reclamavam dela e aí eu tive que me segurar de concluir o meu ensino médio só com aquilo ali e fiquei aguardando ela até ela ficar na adolescência, 14 e 15 anos por aí porque aí eu não dependia mais de ninguém, aí sim quando ela fez 15 anos eu fiz o Enem e já passei direto, mas é que não é tão fácil. Tu entrar é uma coisa que até é difícil, é concorrido, eu entrei na quarta ou quinta chamada no ano que eu fiz, mas com uma pessoa que tava fora da escola, sem base nenhuma com supletivo, conseguir entrar eu ainda achei ...eu ainda me achei o máximo.

Participante 9 – Eu me formei no segundo grau, era segundo grau, em 84. A primeira vez que eu entrei na universidade foi 85, eu tinha 17 anos. Aí eu entrei, fiquei dois anos na universidade, só que era novinha, né, trabalhava, não tinha muita noção e trabalhava e também não tive persistência e acabei largando a faculdade. Aí, dois mil eu voltei, entrei de novo, eu tinha uns 30...33, alguma coisa assim e eu lembro, assim que eu fiz um semestre e aí a faculdade entrou em greve e aí, não voltei mais.

Participante 10 – Eu peguei uma greve muito grande em 2012. Muita gente também não voltou.

Pesquisadora - Como foi a acolhida de vocês pelos colegas e professores, numa turma que, acredito, era basicamente, composta por pessoas mais jovens?

Participante 10 – Eu senti. Eu senti, mas ao mesmo tempo que eu sentia o distanciamento do pessoal mais jovem, tinha muito veterano na turma. Foi na época que é muito veterano...eu entrei com a Bianca, com a turma que se formou contigo, com a Maristela com o ... me fugiu o ... com o Everton, esse que eu tô tentando me lembrar. Então, era gente que regulava de idade

e fundou a Ufa, que era unidos do fundo da aula. Então, a gente não procurava não se misturar e dentro da própria aula, às vezes, tinha assim o desprezo, a intimidação por uns colegas mesmo que, eu acho que...as pessoas não têm... a juventude não tem a noção do que que é tu trabalhar, cuidar uma casa, cuidar marido, cuidar filho, na época, eu fiz 12 disciplinas no primeiro ano que era o curso, ainda era anual eu tava matriculada em 12 disciplinas e eu consegui passar, eu não carreguei nenhuma matéria para o segundo ano. No segundo ano, quando apareceu a linguística, aí esse colega que tinha toda assistência da família, que só tinha dedicação ao estudo, ele ria porque a gente não se dedicava o suficiente, que tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra e foi um colega que se formou contigo, foi da mesma formatura e aquilo começou a marcar muito, ali que foi o primeiro baque que a gente sentiu.

Participante 9 – Eu, na sala de aula, eu era o bichinho estranho, porque eu fui totalmente isolada pelo turma do espanhol, porque eu tava...quando eu vim para cá, foi uma fase muito complicada da minha vida, eu tava recém tipo, retomando as rédeas da minha vida, sabe. E aí, tá mas eu sempre gostei assim, de usar salto, eu me arrumava bem e tal, mas era uma coisa natural minha, até porque eu sou muito baixinha, 1,56 m. agora não tô usando por causa da gordura, eu tô muito gordinha (risos) e aí eu lembro assim que quando eu comecei...tá cheguei toda empolgada, só que eu tive uma rejeição muito grande por parte das gurias do espanhol, então, quando eu tinha aula com pessoal do inglês juntos, né, das outras turma, era tranquilo porque eu não me senti isolada, mas nas aulas de espanhol...eu peguei nojo do espanhol, eu não suporto espanhol, eu me formei em espanhol, mas eu não suporto espanhol pela situação...ah, era horrível. As gurias eram, sei lá, mas acho que se formaram junto comigo umas cinco ou seis e no início, nós éramos mais, mas, só que, claro, ao longo do tempo elas foram, sei lá, foram ficando pra trás, desistindo. Mas, foi assim... foi tenebroso. Eu lembro assim de, tipo eu tá andando ali na passarela, por exemplo, onde a gente vai ali pro três, e vir colega atrás dizendo “olha lá aquele saltão, pra que aquele salto?” ou então chegar pra e me dizer assim “ ai porque que tu usa esse salto, eu uso salto pra sair pra jantar” e eu “eu não saio pra jantar, a minha vida é aqui” e depois, tu usa o que tu quiser...tinha gente que vinha de pijama pra universidade, com sandalhinha de plástico e eu nunca reclamei, cada um usa o que quer e as pessoas não, sabe, aquilo me incomodava muito assim, e eu não sei se ela... não sei como é que elas me viam, mas elas me isolavam muito, assim... Eu lembro que um dia de manhã eu cheguei lá no dois pra aula de espanhol e duas colegas estavam lá, esperando a professora na porta e eu cheguei toda feliz “bom dia!” e elas, uma olhou pra outra, o bom dia não responderam de volta,

sabe, mas uma olhou pra outra e disse “olha a roupa que ela vem pra universidade” e era uma roupa normal, era uma bota preta e uma legging preta uma sobrelegging e um casaquinho preto por cima, só isso. E era até uma roupa velha, não era nem uma roupa nova, mas o meu jeito de me vestir, de alguma forma incomodava as colegas, eu não sei, e aí, ei comecei a me isolar. No primeiro ano, foi tão ruim, eu tive também problema com professora de espanhol, assim, ó, as gurias...nossa, eu era um bichinho, eu me sentia um bichinho, assim na aula...foi horrível, horrível. Foi horrível, meu primeiro, e aí chegou uma época assim, que eu pensei em desistir, eu digo “o que eu tô fazendo aqui? Aguentando isso, não aguento desaforo da minha filha, vou aguentar desaforo dessas gurias”, sabe? Aí, isso foi no primeiro ano, aí acabou o ano, né, eu fiquei de férias e aí eu, aliviei. Aí eu digo “quer saber?” “eu não tenho que desistir, eu tenho que voltar, me formar” e foi o que eu fiz. Voltei e comecei a ignorar as colegas que me ignoravam, sabe aquilo? De repente, elas não me afetavam mais, entende? Claro, tive que trabalhar a minha cabeça, mas é tenebroso, assim, essa rejeição toda. Eu me lembro de uma aula de espanhol com a Eduarda eu lá no final na última fileirinha das cadeiras, né, e as gurias todas pra frente, e aí uma delas pergunta assim “ah, como é que a gente diz..” tipo...não me lembro qual foi o termo que ela usou, mas ela quis dizer assim “como é que a gente fala em espanhol que não tá nem aí pra uma pessoa?” aí, a Eduarda, eu tenho certeza que ela entendeu do que se tratava por que a Eduarda disse assim “ah, se diz de tal maneira, mas, se tu tá pensando assim é porque essa pessoa não é totalmente indiferente pra ti”, eu pensei “bem feito”, né, entende?

Participante 10 – Com certeza. A maioria das vezes, o maior aliado da gente dentro da sala de aula é o professor.

Participante 9 – Com exceção daquela louca lá que...Eu peguei uma greve muito grande em 2012. Muita gente também não voltou.

Participante 10 – No português também tem uns casos assim, mas graças a Deus dá pra te dizer que 90% dos professores são todos por nós, que como tem gente boa.

Participante 9 – No primeiro ano foi assim né, até me afetou, me afetou muito. Eu tava muito fragilizada, também pelo que eu trouxe de fora, mas aí, no segundo ano, a partir do segundo ano foi diferente, continuaram me isolando até o último ano, mas eu ó (indiferença). Na minha turma faltava respeito, tinha muita falta de respeito.

Participante 10 – Com certeza. Imagina eu que entrei na quinta chamada. As aulas, com certeza tinham iniciado em março, nos primeiros dias de março. Eu fui entrar na metade de abril, perdendo conteúdo perdendo aula, peguei o bonde andando e tive que fazer as coisas. E

eu entrei justamente, a minha matrícula era X e a Bianca Y e a Carol Z. Então, tu te lembra da Carol, né? Aquela ali, aquele trio colou e aí já veio a Cristiane, o Éverton, o Gilson. Daqui a pouco entrou literatura do Rio Grande do Sul, eu já tinha feito, mas eu acho que onde foi o foco maior que a gente se juntou aquela turma que já tava o Francisco também e a gente quase se matava naquelas aulas por que matava tanto de rir como aprender era muito bom.

Participante 9 - Sabe outra coisa que lembrei de sofrência, eu só lembro de sofrência, minha graduação foi só sofrência (risos), ai, que horror. Bom, agora pelo menos começou diferente, né? Eu lembro de um vez, na aula da Eduarda, também foi...ah, teve uma aula, porque eu tinha aula a manhã inteira, claro, e aí eu lembro assim que a aula da Eduarda terminava tipo, antes do intervalo e mal terminou, eu saí, eu tinha o hábito de sair, tomar um café e voltava pra sala e aí, na próxima, na aula seguinte, eu cheguei, o que eu eu vi na mesa? Um monte de salgadinho, refri, não sei mais o que, ou seja, depois que eu saí, também fui a primeira a sair, mas foi eu sair, elas combinaram uma festinha de despedida, era final de semestre ninguém me falou nada. Aí, eu cheguei vi tudo aquilo na mesa e eu não tinha levado nada, ninguém me falou nada. A ideia era essa, me deixar de fora. Que que eu fiz? Inventei uma dor de cabeça e peguei e fui embora, fui lá pro CC e fiquei lá esperando a aula seguinte. Então é complicado assim essa...a reação dessa gente, sei lá. Isso foi tudo no primeiro ano.

Pesquisadora - Olha, eu ia falar sobre situações em que vocês se sentiram excluídas, mas vocês já falaram várias.

Participante 9 - Sim... olha mais ou menos na minha faixa etária tinha a Iraci, mas ela era do inglês. Foi o que eu te falei. Quando nas aulas todo mundo participava, as turmas inglês e espanhol, eu me sentava com a Iraci, com a Pâmela... com aquela turminha ali.

Participante 10 – Ai, nem fala aquele povo era maravilhoso. E hoje eu sinto, agora nessa minha segunda entrada... é que eu ainda encontro gente arrastando as correntes que nem eu no corredor. A Bia voltou. A Bia ia jubilar esse ano, ela jubilava, nossa turma jubilava esse ano e a Bia travou no Ari de novo...que ela não conseguiu, eu acho que a gente fica com trauma. Eu fui assim... eu fiz os trabalhos dele sempre os dois bimestres abaixo da média a nota que ele me deu e aí ele levou à exame e eu tinha festa de 15 anos para ir na barrinha do Estreito, duma sobrinha minha deficiente eu não pude ir porque assim, eu passei a sexta, sábado e domingo em cima e mandava pra ele, ele mandava corrigir, eu mandava pra ele, ele mandava corrigir de novo, mas eu persisti, eu persisti com ele assim até...esse semestre eu já tava fazendo pela quarta vez, esse eu eliminei. Como eu sabia que eu ia jubilar, eu larguei a universidade faz dois anos, foi. Eu tive um problema na minha cabeça e na minha casa, tava juntando tudo, então foi no

segundo semestre de 2017... foi que iniciou e o meu vizinho tinha feito uma obra pesada com laje e rachou a minha cozinha ao meio e nesse meio tempo, graças a Deus, saiu uma causa da justiça da Lei Brito ainda, que tava rolando há mais de 10 anos e aí eu tive que aproveitar aquele momento que eu tinha aquele dinheiro antes que gastasse e não ficar na rua e aí era só eu, né, pra....aí eu trabalhava de manhã e a minha guria ficava em casa para auxiliar alguma coisa porque ela só estudava à tarde aí na tarde tinha que sair para comprar o material pro pedreiro. Eu não conseguia ler os polígrafos porque eu tava sem cozinha, sem banheiro, eu não podia tomar um banho para vir pra universidade. Ele trabalhava até às 6 horas da tarde e às 6 horas da tarde já era para eu tá saindo de casa, aí eu vinha pras aulas do Ricardo, morfo 4 sem conseguir ler nada e morfo tu não tem, tu não tem como não ler mas eu tava fazendo morfo, libras e mais alguma outra, mais duas ou três cadeiras e aí, eu tava a ponto já de explodir. E aí, sabe do que mais? Eu já tava entrando...eu fui pro médico ele mandou eu tomar... já me alterou pressão, já me alterou tudo, eu tive que começar a tomar, eu tomo eu tomo ansiolítico até hoje, daquela época até hoje. Eu tomo remédio pra pressão com ainda com diurético Clorotiazida e mais a Bupropiona que é pra ansiedade porque senão eu não... e mesmo assim eu sou completamente desorganizada. Eu tô eu tô numa fase agora, final de semestre, eu tô embolotando por causa do estresse (risos). Eu tava, semana passada, na véspera da prova de de psicolinguística, eu tava como meu braço assim, parecia que eu tava com sarampo de tão embolotada que eu fiquei.

Pesquisadora - Vocês consideram que as vivências de vocês contribuíram nos relacionamentos, tanto de forma positiva quanto negativa, com as pessoas mais jovens, no ambiente acadêmico?

Participante 10 - Sim, eu acho que ajuda muito porque ainda mais dependendo da pessoa. Eu sempre trabalhei, eu trabalho há 27 anos em escola, né... Então, entre aluno, colega e professores, eu sempre peguei gente de tudo que é faixa etária e mais os filhos, né, porque meu próprio filho é meu colega de aula, eu vejo muita criança que estudou no Revocata que é meu colega de aula também, né, então...

Participante 9 - No meu caso, mãezona eu jamais seria porque eu peguei um nojo daquelas gurias, peguei um nojo delas (risos) que eu nunca parei pra pensar se são novinhas, não, minha filha era novinha e nunca foi mal educada assim sim. Minha filha faz faculdade é formada em Pedagogia e ela jamais tratou...tinha colegas mais velhas também, ela jamais tratou um colega assim, com essa falta de respeito. Então, eu nunca vi assim “ah, coitada, ela é novinha”, não eu vejo “ah, que criatura mais mal-educada”, faltou educação em casa.

Participante 10 - Eu acho que é reciprocidade porque se tu é ignorado tu acaba ignorando também.

Participante 9 - Foi o que eu acabei fazendo

Participante 10 - É. Na segunda eu saí porque eu iria jubilar, então eu via que não ia dar tempo de eu me formar normal, no tempo normal sem ter que entrar com processo, então preferi sair, eu fiquei um ano fora, fui fazer um... a minha guria queria fazer um curso pré-vestibular, aí tinha no Silva Paes, eu fui pra fila com ela e aí eu já ia aproveitar pra levar ela eu já ia fazer de novo já com essa ideia fixa de fazer o Enem novamente, dou de cara com o Gilson e a Maristela como professores de literatura não prestou, eles os dois saíram eu acabei assumindo a vaga de professora de literatura no curso. A Maristela saiu porque tava com outros planos e o Gilson porque tinha pego, era noturno, pegou no estado aí ele pediu pelo amor de Deus e aí, eu já tinha feito amizade com a turma. Aí, eu assumi a turma e eu era a professora de Literatura e o restante das disciplinas eu era colega de aula deles. Foi maravilhoso. E assim o interesse que eles tinham, só que eu tinha liberdade de dar aula do meu jeito, né, então eu não precisava levar aquela coisa padrão, eu levava já, eu via, eu levava vídeos de professores bem alopados, com uma linguagem mais acessível pro mundo deles do que a linguagem acadêmica e até porque tem professores, aqui mesmo, a Lucia eu adorava quando ela explicou a *Lucíola* e ela dizia para nós “o amado dela não assumiu ela e a criança porque ela era puta e a criança era filha da puta” (risos), olha, o negócio era então quando pegava essa parte assim da literatura, eu mais ou menos me espelhava no que era, do que era a Lucia, a linguagem que ela usava pra não, não porque tu não tem que ter vergonha de dizer palavras que, claro que tu tem que ter um limite, mas fazer com que aquela pessoa entenda de uma maneira mais fácil, a gente tem que abrir, usar desses artificios, não adianta.

Participante 9 - Eu tava pensando uma coisa “ah, eram novinhas”, tá, mas poucos anos antes de eu entrar pra universidade, eu fazia dança de salão e na dança de salão tem gente de todas as idades, até a maioria na época que eu fazia aula com o Sandro Vieira eram novinhas e eram minhas amiguinhas, então, sabe, foi aquela turma em específico ali que eu não sei, entrei com o pé esquerdo, entrei com os dois pés esquerdos, entende? Então, não são assim. eu tenho amigas novinhas, olha no Face! Mas, eu acho que foi aqui, aquela turma, eu não sei te explicar. Eu não sei o que que aconteceu.

Participante 10 - E tem um. eu acabei não te contando o restante porque eu desvirtuo, tá. Saí do cursinho, fiz o Enem, passei, graças a Deus, eu consegui, eu entrei na sem cota sem nada. Na primeira vez eu entrei com cota de baixa renda, mas dessa vez eu entrei na ampla

concorrência entrei em décima quinta, décima quinta colocação já direto e aí vim fazer a minha matrícula. Chego ali no pavilhão, tudo bonito o pessoal do DA, acho que era de DL Departamento de Letras, que é um meio com cavanhaquezinho a Analoren e mais um pessoal, aí todo mundo que saía perguntavam “ah, que curso é? Aí diziam “Psicologia” e quando era o de Letras ,ah, vem cá!” e pintavam e quadro pra tu tirar foto. Eu entrei, saí, ninguém me perguntou. Eu disse “eu não acredito”. Voltei porque me deu sede e fui ao banheiro, voltei saí de novo com a minha pasta, os papéis na mão, passei assim, bem devagarinho querendo ser vista, mas nem as horas pra minha cara, devem ter pensado “essa véia deve ter vindo fazer a matrícula da neta dela, ou da filha” (risos). Eles não enxergam, tem um grupo que não enxerga o pessoal com mais de 40 como aluno de uma universidade.

Participante 9 - Em relação, assim a maneira que eles veem a gente, tá. Primeiro trabalho em grupo, não me lembro que disciplina era, tá, eu lembro que uma das gurias que eram terríveis pra mim era a Joana, não sei se conhecesse. Eu tinha pavor dela, gurias. Eram meninas que não podiam fazer *bullying* comigo porque, olha a Monique, olha o tamanho da Monique, quem é ela pra fazer *bullying* com alguém? A Joana também era gordinha, agora tá magrinha, mas, assim, se tu não é perfeita, como é que tu vai fazer *bullying* com as pessoas? Eu lembro que a Joana tava no primeiro trabalho em grupo comigo e ela perguntou assim, ela foi fazer um cartaz “ah, como é que escreve tal coisa?” não lembro mais, eu disse “ah, se escreve de tal jeito” “ah, vou lá perguntar pra professora”. Por quê? Porque eu tinha lá os meus 40 e poucos anos na escola e não podia saber, embora, na real, eu saiba mais gramática que muitas que se formaram agora recentemente. Elas tinham aquela coisa “ah, não, sabe?”. Uma vez, eu fui fazer um trabalho em dupla com um colega meu também, o guri ficou assim, enlouquecido comigo porque eu sou muito detalhista, né... mas ele não confiava assim muito em mim, entende? Ele pensava assim “ah, ela tem 40 e poucos anos, eu me formei agora no ensino médio” e aí que resultado? A gente tinha opção, nós fizemos um trabalho em dupla e um sozinho, né, e aí a professora disse assim “a nota que vai valer é a nota mais alta da dupla”. Resultado: a nota da dupla que ele fez comigo foi mais alta, porque a nota do que ele fez sozinho foi mais baixa, então ele usou a nota do que ele fez comigo. Mas tem essas coisas assim, ó, quando a pessoa é mais nova que tu, ela acha que tu não sabe, que tu não tem capacidade. Outra vez, eu lembro que tinha uma colega desde o primeiro ano, aquela eu perdoava. Ela não era novinha, ela já tinha uns trinta e poucos, não era nenhuma guriuzinha né, só que ela era assim, né, daqui da Vila Maria eu pensava “tá, uma pessoa mais humilde, não tem trato com as pessoas, eu pensava assim, porque ela me dava cada patada, aquela mulher, mas eu passei um ano todo

assim...levando, levando, até que um dia, eu cheguei também na aula de espanhol e eu sentada assim, sabe conversar mais não tem não tem trato com as pessoas assim que ela não tava em casa para casa levando eu cheguei também na aula de espanhol dois lados assim, as gurias todas sentadas lá, eu no ladinho de cá e ela chegou, eu bem na frente e a Izabel chegou, foi direto lá pra trás. Eu, ainda tri abobada, né, porque ela também, assim, ela me isolava, ela começou a me isolar depois também, mas ela também não era a preferidinha das gurias, entendes? E aí, quando ela foi lá pra trás, eu virei e disse “ah, Izabel, senta aqui comigo” “ah, não tem cadeira pra canhoto aí”, aí, eu olhei pro meu lado: uma cadeira de canhoto. Falei nada, né? Lá pelas tantas, a Eduarda disse assim “ah, se juntem em duplas pra fazer um trabalho, tá”. Ninguém se movimentou pra ir lá pra trás, fazer o trabalho com ela, tive que trabalhar com ela. Aí, na hora do trabalho ela era assim... tinha um pouco de dificuldade porque, tipo assim, todo trabalho, sabe aquela colega que vai nas costas dos outros? Era ela aquela ali, era. Foi horrível. E ela era assim em todos os trabalhos. Todo mundo sabia que ela era assim. A gente fez o trabalhinho, era um diálogo. Depois que terminou o trabalho, a gente foi corrigir o trabalho de casa, né, que tinha ficado da aula passada. Quando eu vejo, ela assim, ó, copiando de mim, não tem problema nenhum, eu sou adulta pode copiar, mas eu falei, eu não lembro o que eu falei, mas eu falei. Eu dei a entender que eu tava vendo que ela tava copiando de mim. O problema não era ela copiar, o que tava engasgado era ela nem querer sentar do meu lado, depois eu servir pra ela copiar sem pedir licença, tá entendendo? Aí, nunca esqueço, ela jogou o lápis na cadeira e disse assim “ah, é por isso, não copio mais” e ficou furiosa, sabe? Eu digo “não, podes copiar, só quero que tu saibas que eu tô vendo, era só isso. Que tu não queria sentar comigo, mas, tudo bem pode copiar, tá aqui, ó”. Não era a mim que ela tava enganando, era ela mesma, né? E aí, ela era fraquinha, fraquinha, fraquinha. E aí, eu lembro que na hora do intervalo, eu já tinha esquecido o que tinha acontecido “Izabel, vamos no CC?” e a mulher saiu me xingando, ela saiu me xingando e começou a bater boca. Eu tenho horror assim, foi um fiasco porque eu vinha pela passarela e a mulher me xingando, parecia louca assim, porque ela vinha, falava um troço, saía e ia, aí de repente ela voltava e xingava, sabe, acho que ela não queria ouvir, só queria falar, né... E aí, ela até jogou na minha cara que no semestre anterior, no final do semestre, eu não quis fazer uma prova junto com ela porque a prova de psicologia, a gente tinha a opção de fazer em dupla ou fazer sozinha e eu quis fazer sozinha. E aí, claro como ela gostava de ir na cola dos outros, acho que ela teve que fazer sozinha, mas não se saiu tão bem assim.

Participante 10 - Às vezes eu penso também, tem umas horas de recaída “o que que eu tô fazendo aqui?” Não... mas, no sentido assim...porque o eu olho, às vezes, as minhas postagens

no Facebook de 2012 “vou lá trabalhar porque eu tenho que pagar o bolsa família desses pobre” ou então “bandido bom é bandido morto” eu botava isso, mas ao mesmo tempo, graças a Deus, eu mudei isso na minha cabeça, mas ao mesmo tempo a gente começa a se questionar tanto, é tanta coisa, tanta injustiça a gente chega num ponto de questionar a vida e por que que as coisas funcionam desse jeito e às vezes que não consegue assim, parece que a gente tá vivendo num mundo diferente do mundo das pessoas que a gente conviveu a vida inteira e hoje, eu olho as minhas amigas assim, que a vida delas é se interessar pela roupa ou se a fulana tá gorda, ou o que deu na novela... Isso não me interessa mais, isso não faz mais parte da minha vida e eu acabei me afastando, o próprio Dudu diz “mãe, às vezes eu sinto falta de ter com quem conversar porque eu quero falar coisas que os outros não entendem” e acontece a mesma coisa, a gente muda.

Pesquisadora- Gurias, foi muito boa a nossa conversa, foi bem espontânea. Pra fazer um fechamento assim, como vocês avaliam a trajetória acadêmica de vocês na universidade, até o momento?

Participante 9 – Pra mim foi bom, porque no final das contas, eu acho que tu aprende um monte de coisas. Eu aprendi assim, ó... a ver o lado positivo até nas coisas ruins, então, “ah, meu primeiro ano foi ruim? Beleza. Os outros três anos eu também continuei lá isolada, mas eu me virei sozinha, não precisei de ninguém, não perdi o foco, né. Eu me formei, teve gente lá que me isolava lá no... e depois sumiu do curso, não vi, não se formou junto comigo. então acho que também foi válido, assim., né...eu não sei. É claro que se fosse hoje né, a minha reação frente a muitas coisas seria outra, entende? Então, hoje assim eu ia tirar de letra já no primeiro ano. E eu acho que aqui, é outro mundo, né. Então, eu acho que foi muito válido, eu não me arrependo não.

Participante 10 - Eu continuo, como ainda não conclui a graduação que eu continuo remando, tô desde 2012, embora tenha ficado esse tempo fora, eu ainda não desisti. Esse é o meu sonho, né... E por toda dificuldade que eu tenha, assim, porque eu acho que o que mais me prende, eu acho que é um pouco de autoestima e eu não eu não acredito muito em mim, eu tenho muita dificuldade de achar que eu vou conseguir aquilo, então, eu tenho meu filho me empurrando, eu empurro, ele me empurra (emoção) e ali a gente vai e eu sei que eu tenho que seguir porque quando eu entrei na para universidade eu era casada, era a senhora do lar com filho, com esposo e quando... e quando eu fui chamada, eu disse pro meu marido na época, louca de feliz, e ele me disse “eu só quero ver agora”, em vez de me dar um parabéns, uma coisa, ele disse para

mim “eu quero ver como é que tu vai agora além da tua filha e de mim e do teu serviço da casa, estudar” (choro). Foi essa a palavra de incentivo que eu tive. Então, eu quero por mais...

Participante 9 - Esse tipo de coisa, é o que me incentiva... coisa mais triste.

Participante 10 - É a coisa mais triste.

Participante 9 - Tipo assim... que nem aquele outro me humilhava, eu vou lá e faço. Aí, vem aquelas guriasinhas, eu vou lá e faço, entendeu?

Participante 10 - Eu tenho uma dificuldade incrível com muita matéria. Agora mesmo, eu tô fazendo psicolinguística, acho pela quarta vez. Eu tirei 6 no primeiro bimestre com a Valentina, 6,5 com a Eva, mas assim, esse 6 para mim ele equivale a um 8 porque eu nunca consegui passar de 3, 4 nessa disciplina... então mesmo, eu sei que eu tô em exame, mas pra mim eu já tô (risos) lá em cima porque a minha média... eu tenho muitas dificuldades com o conteúdo já li tudo, tu não tens noção. E por mais que eu tenha essa dificuldade, eu tenho professores que enxergam isso. A Roselia, uma vez me disse isso. Eu ficava com medo, porque eu participei do Pibid por dois anos com a Roselia, uma turma muito boa, pessoas que eu considerava gênio... a Andressa, o Blue, quer coisa mais amada mais inteligente que o Blue? E às vezes, eu ficava com medo, com vergonha de falar e não conseguir me expressar, eu tenho muita dificuldade de ler e sintetizar aquilo pra sair na minha fala. Eu tenho... muito, muito travada pra isso e eu via eles falando aquele espontâneo... Que lindo! Maravilhoso! Eu nunca tive inveja dos meus colegas, mas eu ficava meio assim que retraída... Eu dizia pra Roselia eu sempre tinha medo das avaliações e ela “Rosa, eu nunca vou te comparar. Cada aluno meu é um aluno em separado, eu conheço cada um deles no olho, na vida, na vivência. Então, eu nunca vou te avaliar tomando por base, o Blue, a Andressa, a Geisa” A minha primeira avaliação com a Clotilde, eu tirei zero que na época era a teoria da literatura. No primeiro ano. era anual. eu tirei zero. A primeira coisa que eu fiz com ela que ela mandou fazer uma análise, um resumo de um texto, o que que a gente tinha entendido e eu copieei... Simplesmente eu peguei algumas partes comentei, mas copieei e ela me deu zero. Só que, a partir dali eu fui começando a entender, porque assim... tu entra, foi que eu te disse, eu já entrei na metade de abril eu tinha perdido muita coisa do da introdução da literatura e eu não tava sabendo fazer aquilo, mas aí eu fui, eu corri, eu li os textos, eu li os textos, mesmo casada, com tudo e fui, mas no ano seguinte, quando teve a minha separação, aí eu comecei a entrar em depressão e aí foi onde eu comecei a ter dificuldade de ter que arcar com todas as responsabilidades de dentro de casa, de despesas, filhos., etc, mas sobrevivi a tudo isso e hoje tô aqui na universidade, de novo (risos) e, se Deus quiser, eu vou realizar o meu sonho de me formar em Letras.

Participante 11 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2012, aos 49 anos, no curso Letras Português-Francês

Troca para o Português-Espanhol, em 2014

Pesquisadora - Começamos mais uma entrevista com uma colega. Primeiro, agradeço a tua participação. Eu queria saber o que te motivou a retomar os estudos?

Participante 11 - Olha, na verdade, assim, ó, eu sempre tive vontade de estudar, mas como eu não tive oportunidade antes, né, aí teve um... como eu moro na ilha, teve um...como é...um projeto, daqui da universidade, que era “Educação pra Pescadores”, aí eu fui e fiz lá o fundamental, terminei, que nem tinha, tinha até a quarta série, depois o médio, tudo assim, em pouquinho tempo. Um ano... acho que um ano eu fiz o fundamental e no outro o médio, foi assim, tudo... e aí fiz o Enem por fazer na verdade, não foi com esse intuito achando que eu ia conseguir. E aí, não é que eu passei? Daí eu digo, e agora? Agora vou ter que ir, aí, tá, foi assim, meio que no susto. Aí, quando o meu filho foi fazer a minha inscrição, porque eu não sabia nem mexer no computador, então ele disse “mãe, o que que tu vais querer fazer ? eu disse “ ai, não sei meu filho”, Douglas é o nome dele. Ele tava matriculado pra fazer Engenharia Mecânica, à noite. Empresarial, aí eu digo “ah, meu filho, então me matricula em um curso à noite, pra mim poder ir contigo”, já que...mas isso foi só por botar...não foi nada ainda...foi só aquela....matrícula sem saber se ia conseguir, ou não. E aí, aí foi o Francês, foi assim. ´por acaso. E aí me chamaram.

Pesquisadora - Que legal! E como foi, assim, a tua acolhida na sala de aula pelos colegas e professores?

Participante 11 - Ai, no início, assim, eu me senti muito, muito fora d’água, assim um peixe fora d’água. Custou um pouquinho assim, eu chagava aqui e pensava “o que que eu tô fazendo aqui? Demorou um tempinho assim, pra eu me sentir igual a todo mundo.

Pesquisadora – E como foi a tua inserção e convivência nos ambientes acadêmicos? Até porque, independentemente da idade, tu não estudavas há muito tempo. Como te sentiste?

Participante 11 - Sim, no início, eu me achava meio fora de lugar, mas depois eu comecei a me sentir bem, até. Assim, no início assim, tem algumas pessoas, às vezes, que tem um pouquinho de diferença com a gente, né, por ser mais velho, mas não são todos, então, eu deixava meio de lado, não esquentava muito assim. Sabe, eu não sou muito de procurar ficar de boa com quem se importava mais comigo e aí, assim foi.

Pesquisadora - E tu fizesse amizade com pessoas mais jovens?

Participante 11 - Fiz. Fiz bastante, até. Fiz bastante. Até que eu tive essa facilidade, assim, nem sabia que tinha.

Pesquisadora - E em sala de aula, já te aconteceu alguma situação de exclusão?

Participante 10 - Já, já. Aconteceu algumas sim, mas já faz mais tempo. Sim, faz um grupo, e não te chama, assim, por exemplo, ah, é um trabalho em grupo, aí todo mundo já faz aquele grupinho, aí tu fica ali de lado, não isso já aconteceu, sim. Quando eu entrei, tinha uma colega que era bem, bem assim... mas, aí ela saiu. Também, ela era mais velha um pouco, então a gente, ela também tava fora da escola há algum tempo, da faculdade, de tudo, né. E aí, a gente, meio que se..., mas, aí depois ela...desistiu. Acabou que a gente teve mais afinidade talvez por causa disso, por causa da idade. Ela era mais nova do que eu, até bem mais nova, mas já tinha quase 40 anos, já tinha uma filha mocinha e tava fora da escola, então, mais ou menos, a gente se identificou mais. Mas, quando eu troquei, teve uma turma do português que eu fazia umas disciplinas, tinha uma turma assim, de pessoas mais velhas que aí, também, me entrosei mais um pouco, que foi...eu ainda era do francês, mas era uma turma boa, assim, que eu fazia as disciplinas. O pessoal do francês é que não tinha tanto, assim, entrosamento. Talvez, até por isso que eu tenha trocado, não sei...não me sentia bem assim....

Pesquisadora - Tu achas que as tuas vivências foram um fator positivo nos teus relacionamentos com os mais jovens na universidade?

Participante 11 - Ah, eu acho que sim. Sim, com certeza. Ajuda em tudo, até pra tentar entender mais um pouco. Essa experiência eu acho muito boa. Às vezes, as pessoas dizem “ai, pra que, né? tu táis perdendo tempo.” Eu não acho nem um pouco, perda de tempo, né. Pra mim, mesmo que eu até nem trabalhe, se caso não conseguir trabalhar, eu não perdi nada, eu ganhei. A gente ganha muito, aprende, conhece pessoas, é muito bom. Eu não acho nem um pouco que eu tenho todo esse tempo, que eu tive que passar, que foi o meu tempo, né? Que eu tive que passar daí passei um pouco de trabalho, mas todo mundo passa, como eu venho lá da ilha, venho de moto, quer dizer...dias de chuva, estrada ruim, muita coisa assim, né todo esse tempo...vou no escuro, né. Já aconteceu de claro, lá é escuro depois que tu passa da ilha. Eu deixo a moto na Quinta porque eu não tenho carteira (risos), depois eu volto lá, pego a moto e vou embora. Não é que eu vá gostar de ir assim, de noite...uma vez, furou o pneu, só uma vez eu tive sorte até hoje., assim, tenho medo de que aconteça alguma coisa, né, no caminho, mas, sempre deu tudo certo.

Pesquisadora – Tu te consideras uma pessoa madura?

Participante 11 - Olha, a minha cabeça, eu sei que eu sou porque, quando eu penso que eu tenho 55 anos, eu nem acredito, mas eu não me sinto. Não me sinto, sinceramente, assim, ó. Ai, outro dia, uma senhora foi atropelada “ah. Uma senhora com 57 anos”, aí eu pensei assim “só?” porque eu pensei numa velha, mas aí, eu sei, claro, eu me olho no espelho, claro, né..., mas eu não me sinto com essa idade, não sinto que eu tenho 55 anos. Porque a cabeça da gente, a gente vai aprendendo, vai tendo experiências, mas a tua cabeça, o que tu gostavas, continua, né? Tu gostava de música, tu continua gostando, tu gosta de dançar, claro, embora não tenha a mesma disposição, mas a gente gosta do que a gente gostava, então...claro, até muda alguma coisa, algumas coisas mudam, mas assim, ó, essa parte tu não ...então tu só envelhece, só... não me sinto com tanto. ”meu Deus, eu tô com 55 anos” (risos).

Pesquisadora – Nesse sentido, tu achas que deveriam existir ações mais específicas, na universidade, de acolhimento para esse público mais maduro e que agora retoma os estudos depois de muito tempo?

Participante 11 - Sim acho que seria bem importante. Porque tem bastante gente com mais idade que entra e... pra se sentir mais acolhido. Acho que seria uma boa, mesmo. Seria bem importante, se tivesse. eu me perdi dentro da universidade. Sabe onde é que eu fui parar? Lá na garagem. (risos). Não, mas acho que seria sim, se tivesse alguma coisa com mais. não precisava ser a mesma coisa dos jovens, a mesma essa que já tem, seria uma boa, sim. Eu pensando como se fosse eu, nisso assim... acho que eu até gostaria, assim, se tivesse tido. Porque, às vezes, o que a gente precisa, não é a mesma coisa que o jovem, quando chega aqui, então, talvez, se tivesse alguma coisa mais direcionada, né. Eu tô falando isso, pensando em mim, sabe. Se tivesse, acho que teria sido bom, assim. A gente demora um pouquinho mais a se entrosar com o pessoal.

Pesquisadora – Como tu avalia a tua jornada acadêmica até aqui?

Participante 11 – Como foi? Eu não sei te dizer...sei lá. Eu acho assim, que foi muito importante pra mim. Por mais que a gente tenha dificuldades...porque eu tive bastante, né, principalmente nessa parte da internet, mexer no computador que eu não sabia nem ligar e aí, eu tive que aprender no primeiro ano, no segundo ano. nunca pesquisei nada, nunca vi nada. Depois, acho que a partir do terceiro ano que eu comecei a mexer. Então, assim, essa parte, pra mim, foi difícil. O que eu senti, mais, que foi difícil pra mim: apresentação de trabalho. Foi uma coisa assim, do outro mundo. Quando eu entrei, assim, eu tremia. Eu lembro a primeira vez que eu fui apresentar, tremia tanto que as minhas mãos.... não conseguia falar não lembrei de nada que tinha que falar, coisa mais horrível, horrível. Foi a pior coisa assim, mais difícil

que eu passei aqui, foi apresentação de trabalho, no início assim. E até hoje, não é uma coisa que eu assim...mas no início foi muito difícil. Porque depois tu...porque no início, eu me sentia assim... sei lá...falar diante do professor e dos outros alunos, achava assim, que eu não ia saber.... não me sentia igual eles. Eu custei muito a me sentir igual a todo mundo, assim. Nessa parte assim, eu sempre me sentia um pouco inferior. Não sei por que, talvez por...não sei eu achava que eu nunca ia saber igual a eles. Não sei se é porque eu sei que eu estudei menos, eu tive menos tempo na escola. então, eu sempre achava que eu não ia saber igual a eles. E, aí digo “como é que eu vou apresentar trabalho?” Parecia que todo mundo sabia e eu não sabia, assim que eu me sentia. E, aí, essa parte, foi muito, muito difícil sim, custou um pouco. Aí depois, já depois de bastante tempo, eu comecei a me sentir igual a todo mundo. Todo mundo tinha dificuldades, mesmo que tivesse estudado, tudo certinho, tinha gente que rodou e até desistiu antes de mim, eu pelo menos, não desisti, então, agora eu penso que a vitória não é chegar em primeiro, é não desistir e chegar no final , então, é isso que eu penso pra mim, né. Não preciso chegar em primeiro, chegando, é a conta. Pra mim, já me sinto vitoriosa. Só tenho a agradecer.

Participante 12 – sexo feminino

Ingresso na universidade em 2010, trancou a matrícula e retornou em 2012, aos 41 anos, no curso de Letras Português

Pesquisadora - Vamos dar prosseguimento a mais uma entrevista para nossa pesquisa, agradeço primeiramente a presença da colega. Primeiro, eu queria saber o que te motivou a retomar os estudos?

Participante 12 - Assim, na verdade, eu tenho uma família, quase que integralmente, de professores e quando eu engravidei do meu primeiro filho lá em Porto Alegre, eu tava fazendo magistério lá, aí eu tive que parar por causa disso e depois tem que sustentar o filho, mãe solteira, tinha que trabalhar pra sustentar o filho, até porque também, minha família não é rica. E aí um belo dia, minha irmã professora de redação, eu a ajudava a corrigir as redações e eu trabalhei com ela muito tempo no cursinho pré-vestibular. Aí, me deu um estalo “volta a estudar, tchê” aí, como meu pai, vou tentar não chorar no meu pai, ele sempre fazia sarau e eu ficava no sentada nos pés dele, eu falo isso, porque meu pai faleceu e eu sempre gostei de poesia. Entrei na faculdade por causa de poesia, porque eu queria estudar poesia, não tinha nem sonho de ser professora, eu queria estudar, não queria me sentir tipo parada, eu parei quantos anos? Me sentia um nada dentro de casa só sendo mãe. E foi por isso que eu voltei a estudar.

Pesquisadora – E como é que foi a tua acolhida na sala de aula com os colegas e professores?

Participante 12 – Tu tomas um baque porque a primeira vez que tu entra na sala de aula, tu é a pessoa mais velha, tu podia ser mãe de praticamente, todos os alunos. Então, tu te sente assim, ó, “tô com o conhecimento defasado”, tinha pessoas que, inclusive, teve uma coisa bem engraçada, que nos primeiros dias de aula, na primeira turma que eu fiquei, o pessoal conversando no intervalo, aquela coisa toda, e perguntando a colocação de cada um. Eu nem sabia que aquele número que tava ali era colocação, não sabia que aquele número 24 que era a minha colocação, eu ia saber disso? Eu escutei na rádio. Que eu fiz Enem e fiz prova da universidade. Foi o último ano, então... as pessoas conversando, eu pensei “poxa, já não sou padrão em nada”, aí, eu fiquei em 24, essas pessoas recém saindo do ensino médio, “vou ter que carregar um saco de pedra”, porque, muita coisa eu esqueci por mais que eu gostasse, então, eu ia conseguir me garantir na literatura porque eu nunca parei de ler, mas eu pensei assim “pah, gramática é meu problema, vou ter que carregar 50 sacos de pedra”. Então, o primeiro baque foi isso. O segundo baque é quando tem os trabalhos, porque, a ideia deles, mesmo que a gente tenha, hoje em dia, a tecnologia a nosso dispor, a ideia “em grupo” é estarem todos presentes. Se tu trabalhas, tem filho e mãe pra cuidar, como é que tu te reúne? Convida pra ir na tua casa no fim de semana, aí as pessoas chegam e o teu filho tá gritando (risos), tua mãe tá em casa. E aí as pessoas chegam na tua casa no domingo e a tua casa tá de pata pro ar. Dona de casa estuda de madrugada, pelo menos eu, térmica de café do lado porque tinha mãe, filho, cachorro, emprego e marido, né, então eu tinha que estar no silêncio, sozinha, sempre cansada. Isso foi o primeiro baque que as pessoas não entendiam, parecia que tu tá fazendo corpo mole, não é eu tu...tu trabalha... final de semana, mas tem um filho tem marido, as pessoas não conseguem entender. E aí muitas vezes que eu fazia? Quando a professora dava a possibilidade de trabalho individual, eu não era nojenta eu preferia fazer individual porque assim, ó, eu comigo mesmo, eu sei o meu limite, eu sei o quanto eu posso fazer. Isso não era reconhecido por muitas pessoas, as pessoas, achavam assim, ó, muitas vezes não entendem a tua vida, tu é dona de casa, tu tem que fazer comida, tu tem que lavar roupa, elas não entendem isso. Então, eu senti esse primeiro posso te dizer distanciamento foi bem...até os grupinhos, o grupinho que eu fiz, sendo que um dos componentes do grupo tem filho, mas não cuida do filho, então, não entende a realidade. Ele dizia assim “ah, eu tenho filho, eu sei como é que é”, mas não cuida do filho. O filho fica com a mãe. Então, essa foi a primeira coisa que eu senti. Professores? Nunca tive problema nenhum, até porque eu era bem chata, incomodava bastante os professores. Pelo contrário, no decorrer da graduação, os professores vão te conhecendo e

muitos entendem que tu tens filho, então tu podes mandar o material. Quando tu manda e-mail 3 horas da manhã, como eu mandei pra Roselia no primeiro ano e não percebi que era 3 horas da manhã. Ela me respondeu 7:30. Eu disse “professora, me desculpe” e ela disse “não, eu entendo, já fui estudante”. Então, com alguns professores eu nunca senti dificuldade, com os colegas, sim, bastante.

Pesquisadora – Tu tinhas uma boa convivência com os mais jovens?

Participante 12 - Eu tenho facilidade em fazer amizade. Amizade, amizade, não...coleguismo. Eu tinha convivência boa com todo mundo, até porque tu me conheces. Tinha aqueles problemas que eu deixava de canto, ou fingia que não via. Porque, eu brinco com meus alunos hoje em dia eu digo assim “vamos evitar a fadiga” então eu não posso mudar, porque eu não tenho o direito de mudar uma pessoa, então eu mudo, eu vou modificar as minhas atitudes porque eu quero terminar o curso. Eu tinha um foco e fui.

Pesquisadora – Tu já passaste por alguma situação que tu te sentisses excluída?

Participante 12 - Sim. Eu vou chorar porque isso me magoa até hoje. Muito, me magoa muito. É final de ano, como eu falei, eu sempre tive dificuldade na parte das linguagens, então que que eu fazia? Em Literatura, eu sempre tava com uns notão lá no alto, como eu ficava sempre exame nas morfos, “vamos deixar de lado a literatura de lado” eu não estudava pra literatura, só ficava escutando o professor falando, sempre foi assim, mas pra morfo, pra parte das linguísticas, eu tinha que estudar muito. Que que aconteceu? Nós tínhamos um trabalho, era da parte das linguagens, mas não lembro a disciplina. Fiquei até traumatizada com isso. A professora Darana, tínhamos um trabalho com aquele meu grupo e a gente tinha o trabalho e todas as ideias que eu dava, porque eu não podia tá presente, elas eram descartadas, naquela época não tinha *wattsapp* ainda, era e-mail ou Facebook, então todas as ideias que estava dando, eram descartadas sem a pessoa escutar. Até que um dia eu pensei assim, “puta merda, vou num desses encontros porque eu tenho que fazer o trabalho”. Aí, foi até na Sead, pra ver se a pessoa me escutava e aí, a ideia que eu tentei dar, quando eles passaram a ideia deles, a ideia deles era uma das ideias que eu tinha, inclusive, estava meio no e-mail, que não abriram o meu *email*, tu tem como pedir para olhar se a pessoa leu teu *e-mail*. Mandei uns dez e-mails com títulos de música, várias ideias com títulos de música, com letras de música, inclusive, a ideia deles era trabalhar com letra de música, uma ideia que eu dei e uma das músicas foi a música eu mandei a letra, só que não tinham visto meu *email* “ah, não tinha visto”, então, assim, é porque “tu tá sempre perdida tu tá sempre perdida, sempre voando”. Aí, eu me lembro, nesse mesmo trabalho, chegamos num final de ano, chegamos numa segunda-feira, todo mundo parando ali pra esperar,

a gente não tinha, não tínhamos o primeiro período e eu lembro que tinha um monte de material para ler, um monte de material no xerox. Eu tinha saído, como pegava mais tarde, eu passei no xerox, né, como eu trabalhava, era difícil, se eu tinha um tempo livre ia no xerox, sempre chegava atrasada, pegar todo o material, gastei quase 30 reais de material para aquele mês inteiro, de duas disciplinas e uma das colegas tinha casado e eu cheguei perguntei pra esse amigo: “Dime, não fosse no casamento?”, não lembro o nome da moça, ele pegou e disse assim pra mim, levantou e falou assim “poxa, sempre tu falando merda, né?, do nada “sempre tu falando merda, né? É porque tu tá sempre boiando, né? Tu não vê quanta coisa eu tenho pra ler?” e eu, idiota, é por isso que eu fico magoada, eu imprimi uma cópia para ele e uma cópia para Amanda, era o livro *A Metamorfose*, era o Maurício. Eu imprimi uma cópia do livro pra mim e uma cópia pros dois. Eu imprimi todo o livro. Imprimi três cópias, imprimi pra nós. Que que eu fiz com as cópias? Tá em casa guardada até hoje, não dei. E eu peguei e disse assim” não, eu vi sim, tanto que já imprimi”, mostrei, inclusive, as três cópias, mas não mostrei que todas elas eram a mesma coisa. “Sempre voando, né, tu achas que eu vou ter tempo de ir a casamento com um monte de coisas pra fazer? tu não tá dando bola, tu não quer manter teu padrão, eu sei que tu não é padrão”. Sei que foi assim, ó, teve mais coisa, mas eu não lembro, sendo que no domingo eu tinha visto porque a família dele é tudo barraqueira, então é música de funk “senta, senta, não sei onde”, até não poder mais, todo domingo. Agora, ele separou da mulher, graças a Deus, então ele morava, a minha casa, tem uma casa e a casa dele e eles passaram o dia inteiro no churrasco, ele passou domingo inteiro bebendo. Então, ele não vem me dizer que ele passa o final de semana estudando, porque eu vi. Eu engoli aquilo. Uma coisa que eu fiz e não me arrependo, um dia posso me arrepender, talvez. Eu sempre dava carona pra ele, porque meu marido sempre me buscou, tu lembra, né? Sempre me buscou, eu trabalhava, mas ele me buscava. Eu parei de dar carona pro Dime. “ai, desculpa, Deus, eu sei que é pecado”, mas eu parei de dar carona pra ele. Sou trouxa? Sou. Eu cansei de levar na cabeça porque não foi a primeira vez que ele me deu indireta, ou várias vezes eu tô na aula de literatura e tal de literatura, que é a minha paixão, que a paixão dele, só que dessa vez, eu levei um toco, só que foi da Amanda, e eu levantei a mão, professora Cleonice, eu levantei a mão porque eu não tenho vergonha de falar uma coisa que para ti pode ser bobagem, para mim no momento, é o eu falo pros meus alunos hoje, pode ser uma bobagem pro vizinho, mas se tu, tu acha eu pro teu raciocínio, pra tua linha de raciocínio, aquilo vai ser interessante, tu tem que perguntar na hora pra não ficar com nenhuma dúvida. E riam de mim sempre, desse meu jeito. eu não tenho filtro. A professora Maria que fala que eu sou que nem a Emília, não tenho filtro, a Emília

do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Eu pergunto mesmo e eu, não tô nem aí, se eu tiver que falar eu falo. Falo bobagem, viajo, fazia um monte de pergunta idiota, mas eu sabia que na literatura, eu me garantia, então a mão porque era de uma poesia que, inclusive, eu lia com meu pai, eu sabia que eu ia falar uma coisa certa, ela pegou e fez “shii, vais começar com as tuas bobagens?” Só que eu já tava com a mão levantada e a Cleonice, sempre me escutava, sempre atenciosa e ela assim “Fabíola, perfeito é o próximo item”. Te juro, aquilo me... sabe quando te dá? Eu virei uma pessoa que não sabia que eu era vingativa, mas eu tive pequenas vinganças. Por esse meu jeito, que na minha vida, em geral, mas na faculdade eu senti isso na cara, e depois eu comecei a perceber. Eu percebia. Comecei a perceber na minha vida que sempre eu fui levada como uma brincalhona, que não leva as coisas a sério. Sempre fui. Eu sempre fui porque eu sou engraçadinha, eu dou risadinha, as pessoas acham que, eu tô dando aula, os alunos tão rindo de mim, mas eu não faço isso que eu tô dizendo, tento me concentrar. Então, assim, ó, eu sempre fui, nos grupos dos quais eu participei, sempre me acharam que eu era a palhaça e que não tava levando a sério. Pô, uma pessoa com 40 anos naquela época tá na faculdade, toda vida que eu tive, tenho, toda experiência que eu tive, trabalhar o dia inteiro, pra depois vim pra cá muitas vezes, com fome. Teve uma disciplina, no segundo ano, não me lembro qual disciplina.... Políticas Públicas, que eu rodei, o professor me rodou por infrequência porque eu pegava o ônibus 6:45 chegava aqui 7:45, aí, no fim do ano eu rodei, por isso que eu deixei de ser padrão. Porque eu tinha que trabalhar, tinha que pagar as contas, até que eu arrumei esse estágio na universidade, quase o mesmo salário, trabalhava só de manhã. E, aí, realmente, eu sempre fui uma aluna medíocre. Quando eu consegui estudar, aí as coisas melhoraram. Eu acho que eu lavei minha alma no estágio.

Pesquisadora - Tu consideras que as tuas vivências, no sentido de tu teres mais idade, contribuíram nos teus relacionamentos na universidade?

Participante 12 - Totalmente. Tudo, tudo que eu passei. Como eu digo, é evitar a fadiga. Não vou tá me indispondo, tenho que conviver com a pessoa, de segunda a sexta e, às vezes, tem que aguentar trabalho. Então, não vou me indispor por uma coisa que a pessoa não vai querer mudar, ou a pessoa não tem alcance pra entender, nunca passou por isso, não entende.

Pesquisadora - Tu te consideras madura?

Participante 12 - Bah, mais do que eu queria. Eu acho que tem mais coisa para aprender. Até porque assim como eu tô dizendo, né... Entrei na faculdade por causa de poesia, agora vou seguir literatura, dou aula de literatura, dou aula de redação e trabalho narrativas de *games* nem gosto de vídeo games, comecei a gostar com 46 anos. Quando que eu ia imaginar que eu ia dar

aula de redação, que nunca quis? Quando que eu ia imaginar que eu ia trabalhar com *games*? Tudo *nerd*, adoro meus alunos.

Pesquisadora - Nesse sentido, tu achas que deveriam existir ações mais específicas, na universidade, de acolhimento pra esse público mais maduro e que, agora retoma os estudos depois de muito tempo?

Participante 12 - Acho. Eu entrei na faculdade eu não tinha *email*, fui obrigada a fazer o email. Eu não tinha Facebook, eu não tinha computador em casa. Depois, apareceu a função do WhatsApp, acabei comprando por causa disso e era o celular aquele, quanto mais menorzinho, depois tu tem que ter não sei o que. Aí, tu tinha que entrar na página da universidade. A burra não sabia entrar e tinha vergonha de perguntar por que, esses jovens...bom, meu filho de 5 anos mexe no celular melhor que eu. Então, eu acho que sim, até que ponto também, tudo tem que ser comprado tudo tem que ser por e-mail. Tem pessoas, como nós tivemos uma colega, lembra da... uma senhora...como é o nome dela... a Cléia, ela não tinha internet, não tinha celular, quem deu foram as colegas né? A Valderília deu uma impressora e deu um computador velho, então, Valderília, né o marido dela é da marinha. Várias vezes, nós fizemos o quê? Quando eu tava no xerox, fazíamos isso, vou tirar xerox, vou tirar pra Cléia, porque a Cléia não tinha dinheiro, ela vinha a pé. Tem que ter, tem que ter, sim. Se tu for analisar, tem essas políticas públicas dentro da universidade, né, pra fazer com que o aluno entre na universidade e fique dentro da universidade, eu falo pros alunos que a universidade tem tudo isso. Esse curso pra Enem é pra pessoas que não podem pagar um cursinho e depois tem as ações afirmativas, porque vai trabalhar, vem com fome, a gente sabe disso. A Cléia vinha a pé, a Cléia não tinha dinheiro, aí o professor manda tudo por *email* ou no *moodle*, não existe isso. “Ah, o trabalho tem que ser só por *email* ou tem que ser só digitado, isso eu acho errado. Eu adoro escrever.

Pesquisadora - Como tu avalia a tua jornada acadêmica até aqui?

Participante 12 - Não foi nada do que eu programei (risos), não, mas é só isso mesmo. Nada na minha vida, nada é programado. Uma vez, uma, coisa, só pra fechar. Sabe quando acaba um período tu vai...às vezes, tem que trocar de sala né? Aí, eu ia pra uma sala e esse aluno disse assim, bem novo “tu não vais pra lá de tal matéria? Nem lembro qual a matéria, e eu peguei disse assim “não, eu vou pra não sei onde” “ah, tu não é padrão? “e eu peguei e disse assim, olha a ignorância da pessoa, olha a idade, olha o que a idade faz “o que que é ser padrão?” eu disse assim “padrão? Não entendi o que que é padrão”. Aluno padrão. Eu juro pelos meus filhos que eu não sabia o que era padrão e ele me explicou, aí, olha a explicação dele, olha a retórica “padrão é o aluno que termina o curso no tempo certo”, aí, olhei pra ele “meu amor, o que que

é o tempo certo? Meu amor, eu não sou padrão em nada na minha vida”, claro, que eu falei pra ele não sou padrão desde o primeiro ano que aí eu tive que trabalhar, tive que trancar...não, no segundo ano, no primeiro ano, eu fui padrão. Então, assim, isso foi uma coisa que me marcou bem, mas foi uma coisa positiva. Esse aluno falou assim “eu não percebi que falei isso”. É uma coisa que assim, “ah, padrão”. Uma vez eu vim fazer matrícula no Instituto eu escutei uma das pessoas dizendo assim, ó, professores dizendo assim, ó, “ah, é bom quando a gente faz matrícula de gente padrão, né”. Eu me senti o cocô do cavalo do bandido, lá no chão. Só não vou dizer o nome da professora, tá. “É bom quando é padrão, esses que não são padrão, depois vem aí e ficam enchendo o saco, tem que tá mudando toda hora, não sei quê, mexer em tais lugares”. Qual é o aluno que consegue ser padrão, hoje em dia? Só quem não trabalha, que não tem filho. Mesmo assim, eu sei que tem várias pessoas no decorrer da minha graduação que diz, é ruim e bom “Tu é um exemplo, tu é um exemplo, tu é um exemplo, como é que tu consegue tá sempre rindo?” Então, as coisas que aconteceram de ruins, como eu te falei, eu boto pra trás do ombro, tô nem aí, depois eu vejo o que que eu vou resolver, mas assim, o que aconteceu foi ótimo, eu falo pra todo mundo, a gente entra pra faculdade, a cabeça da gente muda, eu tinha 40 anos, mesmo assim, eu tô aprendendo diariamente. Tu vê, agora quero passar no concurso, quero fazer mestrado e continuar dando as aulas que eu dou de graça. Como é que eu vou fazer isso? Não sei, mas eu tenho um tesão por isso daqui, entendeu? Então vou fazer. O que eu sou hoje, é porque eu tava na faculdade.